

Cidade Universitária da Ilha do Fundão  
*Seus Planos, seus edifícios*

PROGRAMA DE PESQUISA E POS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA  
PROPAR / UFRGS

EDISON ZANCKIN ALICE

**Cidade Universitária da Ilha do Fundão**  
***Seus planos, seus edifícios.***

Estudo das relações entre a solução urbana e as tipologias edificadas na Cidade Universitária do Fundão, analisando e identificando, nas diversas versões dos seus 50 anos, suas coerências e possíveis contradições.

Orientador:  
Arq. Carlos Eduardo Dias Comas. Dr.

Porto Alegre  
2004



## RESUMO

Parte do mais valioso acervo da AMB foi produzido dentro das décadas de 30 e 40, com ênfase nos programas de caráter público. Dentre estes, o assunto "Cidade Universitária" tinha preferência na pauta do Ministro Capanema, que o transforma em tema internacional de arquitetura, envolvendo arquitetos estrangeiros – Le Corbusier e Piacentini & Morpurgo - e os brasileiros – Lucio Costa, Firmino Saldanha, Affonso Reidy e Paulo Frago. Esta mescla acabou confirmando a capacidade dos arquitetos brasileiros e afirmando os princípios da nova vertente arquitetônica no País. Estas experiências deixaram um valioso repertório, disponibilizado para Jorge Moreira em todos os seus estudos do plano para a sede da Universidade do Brasil na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro, quase duas décadas adiante. Este trabalho procura estudar e identificar, as coerências e possíveis contradições entre as soluções urbanas e as tipologias edificadas, nas diversas versões e estudos do plano da Ilha.

PR. COMPOSIT

## **ABSTRACT**

Part of the most valuable patrimony of AMB was produced in the 30's and 40's, with an emphasis on the programmes of public character. Among those, the subject "Cidade Universitária" (University Campus) was one of high interest for Minister Capanema, who transformed it into an architecture international theme, involving foreign architects – Le Corbusier and Piacentini & Morpurgo – and Brazilian ones – Lúcio Costa, Firmino Saldanha, Affonso Reidy and Paulo Fragoso. This variety resulted in confirming Brazilian architect's ability and solidifying the principles of the new architectural tendency in our country. These experiences left a valuable repertoire, which was made available for Jorge Moreira in all his studies of the plan for the seat of the University of Brazil on the Fundão Island, in Rio de Janeiro, almost two decades later. This research tries to study and identify what is possibly contradictory among the urban solutions and the constructed typologies in the diverse versions and studies of the plan of the Island.



## AGRADECIMENTOS

*A Sônia, minha esposa, a meus filhos Cristiano, Tiago, Lucas, Sabrina e a Vó Maria, que estiveram sempre atentos e pacientes, dando apoio a esta tarefa.*

*Aos meus, não mais presentes, pais Antonieta e Américo.*

*As minhas queridas irmãs professoras Elaine e Heloisa, auxílios permanentes desde Porto Alegre ao Rio.*

*Ao casal de amigos Liones Severo e Tânia Duarte Correa, que viabilizaram a viagem para as pesquisas no Rio.*

*Aos amigos e irmãos Arnaldo e Mara, Eduardo e Suzana, Maria e Calica, Denise e Rogério, Carlos e Clorinda, sempre em oração pelo meu êxito.*

*Aos padrinhos desta conquista Dulce Daudt e Albano Volkmer, presentes e entusiastas desde o início.*

*Ao chefe Crhrystoph e a turma da UFRGS, Perrone, Paulo Maas, Claudia Taitelbaun, Manbrini, Luisa Duran, aos prestativos e eficientes futuros arquitetos Andréa, Alencar Massulo de Oliveira e Carolina Wallau de Oliveira.*

*A futura arquiteta Janaina Carla Dalarosa, que foi fundamental na organização de todo material da pesquisa e da parte do espiritual.*

*Ao solidário colega e amigo Cairo Albuquerque da Silva, pela valiosa orientação e apoio bibliográfico.*

*Aos colegas mestrandos que juntos, durante os três últimos anos, nos entusiasmamos mutuamente, Daniel Pitta Fischmann, Miguel Antonio Farina,*

*Julio Collares, Jose Carlos Marques, Fátima Beltrão, Maria Isabel Marocco,*

*Diniz Álvaro Machado, Eduardo Pizzato, Helena Karpouzas, Renato Marques,*

*Maturino Luz, Julio Caetano, Dalton Bernardes, Carlos Hübner, Luiz Felipe Helfer,*

*Paulo Cesa Filho, Jose Lourenço Degani, David Leo Bondar,*

*Marta Peixoto, Marco Peres e José Carlos Campos.*

*Aos queridos e atenciosos amigos Anna Paula Cañez e Sergio Marques, programadores das minhas pesquisas no Rio.*

*A turma do ETU - Fundão, antigo ETUB, Romildo, Edson e ao Prof. Arq. Paulo Jardim de Moraes pela atenção durante as minhas pesquisas na Ilha do Fundão.*

*A Silvia Arango, disponibilizando sua obra para a qualificação deste trabalho.*

*A Carlos Eduardo Dias Comas, meu entusiasmado orientador, cuja eficiência me deu suporte para alçar um vôo maior.*

*E ao meu grande mestre do ofício Moacyr Moojen Marques, donde tudo iniciou.*

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	10
1 AMBIENTE UNIVERSITÁRIO - PROCEDÊNCIA E PRECEDÊNCIAS	17
1.1 A PREMIÈRE EM BOLOGNA <sup>17</sup>	
1.2 O COLLEGE INGLÊS E O CAMPUS AMERICANO	21
2 IDÉIAS E PLANOS NO BRASI	24
2.1 O IMPERADOR E O MINISTRO	24
2.1.1 Madrid da Geração de 25	28
2.1.2 A Cidade Universitária De Roma <sup>32</sup>	
2.2 CIDADE UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA - PRIMEIROS PROJETOS	35
2.2.1 Lucio Costa - Propostas e Consultas	37
2.2.2 A Universidade Dentro D'água	37
2.3 OS PROJETOS PARA A QUINTA DA BOA VISTA	38
2.3.1 Le Corbusier - Primeiro Anteprojeto	38
2.3.2 Lucio Costa em Equipe - Segundo Anteprojeto	46
2.3.3 Piacentini & Morpurgo - Terceiro Anteprojeto	57
3 MIES E OS HERMANOS LATINOS	68
3.1 CHICAGO	68
3.2. O CASO DE CARACAS	69
3.3 O CASO DO MÉXICO	75
4 A ILHA PROJETADA E CONSTRUIDA	83
4.1 O ETUB E A DECISÃO PELA ILHA	83
4.2 JORGE MACHADO MOREIRA - O AUTOR	88
4.2.1 Experiências em Porto Alegre	91
4.2.1.1 Universidade do Rio Grande do Sul e o Centro Cívico	91
4.2.2 A Produção Influyente do Amigo Reidy	97
4.2.2.1 O Centro Tecnológico da Aeronáutica CTA e o Centro Cívico do Rio de Janeiro	97
4.3 A SIMBOLOGIA DO MODERNISMO	101
4.4 CIDADE UNIVERSITÁRIA DA ILHA DO FUNDÃO	102
4.4.1 O Programa	102
4.4.2 O Plano em Quatro Momentos	103
4.4.2.1 O Primeiro de 49 a 52	104
4.4.2.2 Os Edifícios em 52	111
4.4.2.3 Primeira Versão em 54	116
4.4.2.4 Segunda Versão entre 56 e 60	118
4.4.2.5 Os Quatro Primeiros da Ilha	121
4.4.2.6 A Repercussão da Reforma de 66	133
4.4.2.7 A Versão 70 <sup>134</sup>	
4.4.2.8 Os Edifícios em 70	136
4.5 DE 70 À ATUALIDADE	139
5 A NOVA PRECEDÊNCIA	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147



## APRESENTAÇÃO

O interesse pelo assunto tem relação direta com a minha atividade desde 1975 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como participante da equipe de projetos do Escritório Técnico do Campus, com a tarefa de planejar as futuras instalações físicas da Universidade no Campus do Vale, desde outubro de 75.

Estava findando um tempo em que a Universidade Federal recebia diretamente recursos do tesouro por meio de programas especiais, para a construção e melhoria de suas instalações e a UFRGS foi rápida no gatilho. A necessidade de rapidez na assimilação destes recursos, requeria uma solução de projeto que compromettesse a maior quantidade de recursos no menor tempo possível de obra. O plano da UFRGS no Vale da Agronomia em Porto alegre é o reflexo direto desta época. A solução mais conveniente era em pavilhões repetidos, compostos por elementos padronizados, em dois pisos, que acabou se constituindo na primeira grande obra com estrutura pré-moldada no estado e uma das pioneiras no Brasil em obras públicas pelo seu porte.

O programa seguia as determinações da reforma de 68, definindo o departamento como unidade de medida, que estabelecia com prioridade as suas inter-relações dentro de uma matriz de cursos. Em direta decorrência, o partido urbano é simples, com a área acadêmica numa seqüência de pavilhões, junto à borda interna do grande anel viário, envolvendo todo o núcleo administrativo e de apoio do Campus. A mesma clareza do plano geral não está suficientemente presente nos blocos de edifícios repetidos em exagero, provocando dificuldade na identificação dos seus setores. Nas extensas passarelas transversais que unem os pavilhões pelos topos é que se encontram algumas investidas mais formais em arcos e cascas de concreto.

Esta condição facilitava a administração e o comprometimento dos recursos existentes, donde decorre a determinação de construir em duas etapas, uma de execução da estrutura e outra de vedações e acabamentos.

A convivência com o projeto desde os primeiros esquemas, quando ainda tudo era “*um lugar*”, gerou questões relacionadas em direto com o plano e seus edifícios, que foram, e ainda são, externadas para a equipe de arquitetos no sentido de motivar uma constante reflexão, sobre um tema cuja característica principal é a sua velocidade de mutação.

Algumas versões do plano foram estudadas posteriormente, alterando substancialmente o traçado e as dimensões do sistema viário em troca de topografias mais planas em áreas mais rarefeitas de vegetação. Admitiu-se então estudar, a partir da última década quando os recursos começaram a escassear de vez, outros tipos de construções em solução mais verticalizada, o que antes nem era cogitado. Este foi um raro momento em que tivemos tempo para refletir. Talvez com menos pressa, poderíamos aproveitar melhor a oportunidade e resolver o Campus com um pouco mais de arquitetura, evitando cometer, ou não, o que tinha sido cometido no Fundão.




## INTRODUÇÃO

A diversidade e a velocidade de mutação dos dados dos programas relacionados com o espaço físico universitário no Brasil me levou a procurar entender e decifrar a coerência dos encontros entre o seu programa clássico e suas respectivas respostas urbanísticas e arquitetônicas. O interesse em ingressar no assunto, foi incentivado pelo Professor Comas, numa de suas instantâneas e precisas indicações de temas durante o curso de Mestrado, sempre atento ao perfil e a atuação profissional de cada aluno seu.

No Brasil não se tem conhecimento de nenhum caso de uma Cidade Universitária totalmente construída conforme o projeto original. Sempre sofrem transformações ao longo do tempo, relacionadas com ações de uma nova gestão administrativa que quebrou a seqüência planejada pela anterior, com a escassez de recursos financeiros e até com as intervenções da uma "clientela autodidata", propondo absurdos na maioria das vezes. Assim, entendo que estas transformações e suas implicações políticas, econômicas ou administrativas, podem acontecer, porém, dentro de um conceito espacial previamente estabelecido, como agente de proteção e preservação da boa arquitetura.

A obra a ser estudada é a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, projetada por Jorge Machado Moreira na década de 50 cuja arquitetura foi parcialmente construída na Ilha do Fundão. Esta foi a primeira obra moderna de porte urbano no Brasil, e nela, estavam concentradas todas as atenções do meio arquitetônico brasileiro da época, com mais esta oportunidade para confirmar o momento de hegemonia da história da arquitetura moderna brasileira.

Na medida em que a pesquisa foi se desenvolvendo, as várias versões do projeto foram se esclarecendo, mostrando que o plano esteve em constante avaliação por no mínimo uma década, de 1952 até a saída de Jorge Moreira em 1962. O plano original é do período de 1949 a 1952, a primeira versão foi apresentada em 1954, a segunda entre



o período de 1956 a 1960, dando por concluída a primeira etapa de implantação da Universidade na Ilha e a última em 1970, iniciando o momento atual da sua história.

O texto compõe-se de 6 capítulos, identificados na sequência: 1 O Ambiente Universitário – Procedência e Precedências, 2 Idéias e Planos Brasileiros, 3 Mies e Os Hermanos Latinos, 4 A Ilha Projetada e Construída, 5 A Nova Precedência.

Os três primeiros capítulos referem-se, por cronologia, às origens, contexto e referências arquitetônicas do tema para o projeto na Ilha do Fundão, mescladas com a biografia do autor. O quinto capítulo apresenta, em texto principal, as análises do Plano Inicial para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão e suas versões, entre 49 e 66.

A busca das origens dos espaços universitários que anuncia Bologna como sede da primeira congregação oficial das “Universitas” no séc. XIV, segue o rumo sugerido por Comas, em sua observação sobre *“a necessidade de, tanto o projeto como a crítica, estreitar a relação da obra com uma antecedência formal qualificada”*. As “Universitas”, comunidades medievais de proteção mútua, formadas por cidadãos de várias origens, talvez tenham sido a origem dos grupos de mestres e alunos, mais tarde reconhecidos e oficializados no séc. XIV. O ensino tinha o rígido controle da igreja, que é pressionada pelos habitantes dos burgos, surgem as escolas catedrais que dão origem as Universidades.

Como convinha aos seus anseios a igreja pleiteava participação no plano de renovação do Centro Político da cidade. O seu primeiro edifício é o, construído especificamente para os cursos de Artes e Legislação em 1563, projetado por Antonio Morandi. Os demais edifícios do novo centro foram construídos a partir de 1564, conformando o aspecto definitivo da Piazza Maggiore em 1568. Neste edifício surgem os primeiros conceitos de espaços projetados para o ensino: no Teatro Anatômico para a Medicina; nos Pátios e Passagens cobertas como lugares de criação para as Artes e eventos acadêmicos; nas salas de Aula Magna, uma para Artes outra para Legislação.

A segunda parte deste primeiro capítulo faz menção às organizações compositivas dos “Colleges” ingleses e do “Campus” americano, com alusões ao “Studio Bolonhese” nos seus espaços abertos e nos Cortiles.



O segmento "Idéias e Planos Brasileiros" observa a contextualização e as ações do Imperador D. Pedro II fundando a pedra da Universidade do Império na Praia Vermelha em 1881, bairro histórico com vocação acadêmica, mais tarde confirmado por Agache no seu plano de Remodelação e Embelezamento do Rio de Janeiro em 1929, como sede da Cidade Universitária. E do Ministro Gustavo Capanema, que a partir de 30, solicita as viabilidades do programa na Praia Vermelha. O projeto para a Cidade Universitária de Roma era recente e Capanema convida o seu autor, o arquiteto italiano Marcello Piacentini, para apreciar também a viabilidade da Universidade na Quinta da Boa Vista, que conclui estar admirado pela suntuosidade de ambos. Fatores como menor valor nas desapropriações e melhores condições de execução, definem a escolha pela Quinta.

Com a oficialização da Universidade do Brasil em julho de 35, Capanema solicita a elaboração de um plano de diretrizes para a instalação de sua sede no Rio de Janeiro. O conseqüente aumento no número de matrículas acompanhado da precariedade dos edifícios, aceleram o processo da sua organização física em corpo único. Em setembro, por portaria, Capanema institui duas comissões: uma, formada por professores, diretores das unidades, diretor do escritório e representantes dos arquitetos e engenheiros, para definir os cursos, localização, programas e diretrizes para o projeto; outra específica para visitar as recentes Cidades Universitárias de Madrid e de Roma. Em Madrid, Luiz Otero confessa a relação direta do seu projeto com a organização do "Campus" americano. De Roma vinham os códigos da monumentalidade clássica e austera da arquitetura de Piacentini.

Convidado pelo Ministro, Lucio Costa apresenta a primeira proposta de projeto para a Universidade na Quinta com algumas sugestões para a comissão do plano. Em paralelo existiam as iniciativas do Escritório do Plano da Universidade, estabelecendo planos de zoneamento e urbanização. Eram dois setores desenvolvendo em paralelo a mesma função. Este conflito induz o Ministro à novas ações administrativas para os serviços de projeto e obra, o que permite melhores condições para harmonizar as relações entre os profissionais liberais e as comissões oficiais

Depois de propor os sonhos da Universidade na Lagoa Rodrigo de Freitas, Lucio



recomenda os serviços de Le Corbusier, que apresenta propostas em anteprojetos simultâneos para o MESP e para a Quinta. Este foi o projeto que inaugurou uma nova fase no processo, afinal, a nova arquitetura acabava de ser apresentada pela primeira vez no Brasil com todos os seus componentes, desde a escala urbana até a mais detalhada solução do edifício. Mesmo alegando questões técnicas e econômicas para a desaprovação do projeto, a verdade estava na simpatia que a comissão tinha com o estilo Piacentini da Universidade de Roma. Seguindo as recomendações do Ministro que sugere a ocupação da área mais plana do terreno, Lucio Costa, num segundo anteprojeto, propõe uma concepção oposta a de Le Corbusier. Ao invés de isolar as partes em relação ao plano e o plano em relação à cidade, como propôs Le Corbusier, Lucio distribui o pedestre por um grande percurso central em direta afinidade entre as escolas e os seus pátios conformados com alguma “brasilidade”, desde a monumental Praça do Pórtico até o conjunto da saúde junto ao Hospital. Quando se refere ao plano de Lucio Costa, o texto registra a idoneidade da comissão multidisciplinar de professores responsável pelo programa. Salienta a importância que Lucio dedica aos aspectos referentes ao clima e às condições ambientais do bairro da Quinta. Com a não aceitação deste plano, volta a ser cogitado o nome de Marcelo Piacentini, que imediatamente envia ao Brasil seu substituto Vitório Morpurgo, para o desenvolvimento de um terceiro plano, com plena aceitação da comissão do Ministro e inviabilizado pela legislação brasileira.

Avaliando os três projetos, o parágrafo finaliza comentando a conceituação do plano de Lucio Costa, como demonstração da forte aspiração do autor em comemorar a existência da Universidade como um organismo único e sedimentado.

O texto segue em uma breve descrição dos projetos posteriores aos da Quinta, para o Campus do IIT de Mies em Chicago, em 38, para as Cidades Universitárias de Caracas e México, em 42 e 50, de Raul Villanueva e O' Gorman, numa relação de ida e volta, quando utilizam alguns conceitos espaciais dos projetos brasileiros, deixando outros disponíveis para futuras obras. Seja no regramento por geometria ortogonal de Chicago com o mesmo objetivo da padronização de Lucio para a Quinta. Ou nas produções ao mesmo tempo em Caracas 2ª etapa e México, com mutuas influências na disposição da área central dos seus “Campi” tendo na Aula Magna, Reitoria, e Biblioteca, representantes respectivos do “povo soberano”, o “lugar do governo” e o “saber acumulado”. Na Cidade Universitária em Caracas era possível perceber, um modelo de cidade, onde o melhor do



urbanismo moderno estava, por fim sendo realizado. No México, a nova universidade encaminha a busca da nova identidade do homem mexicano.

O assunto objeto desta pesquisa e inicia com o repertório de elementos e conceitos de arquitetura que estavam disponíveis para o projeto da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, em Madrid em 25 até o México em 50, passando pelos três da Quinta e ouvindo Le Corbusier no Conservatório.



O que se tinha como definitivo era de que fisicamente a Universidade deveria continuar sendo urbana e fisicamente centralizada e os últimos estudos, em comparação com outros locais, indicavam a preferência de sua localização na Vila Valqueire. Local para o qual é formulado um edital para a construção da Cidade Universitária, em situação totalmente ilegal, envolvendo projeto, construção, administração e custos das obras, todos sob a responsabilidade dos concorrentes. Este grave equívoco provoca a repulsa imediata do Ministro que determina a formação de um único órgão com autonomia para coordenar os trabalhos na escolha do futuro local, planejar e orientar as construções da nova Cidade Universitária. Com estas atribuições, em dezembro de 44 fica instituído o Escritório Técnico da Universidade do Brasil – ETUB, dirigido pelo Eng. Luiz Hildebrando de Horta Barboza.

A primeira providência de Barboza no ETUB foi definir a localização do novo Campus entre onze opções, considerando área, custos com desapropriação e distancia ao centro da cidade. A escolha incide pela região das nove ilhas de Manguinhos, mais tarde unificadas formando a Ilha Universitária. Uma breve descrição apresenta a Ilha composta e suas principais características naturais.

A segunda, foi definir o grupo de trabalho no ETUB, encarregando Jorge Moreira para coordenar o Setor de Arquitetura do ETUB, planejar a nova Cidade Universitária e projetar os seus edifícios. Parte da história de Moreira, é a do próprio movimento da arquitetura moderna no Brasil. Vivenciou as experiências com as casas do professor Warchavchik em São Paulo e Rio, presidia o Diretório Acadêmico quando apoiou a reforma de Lucio na ENBA, concluiu o curso em 32 e de imediato assume cargo de direção em empresa privada.



A proximidade e a atenção com as arquiteturas de Mies, Wright e Le Corbusier, são as ferramentas para enfrentar uma nova etapa, quando participa de concursos de projetos públicos, cujos desempenhos o credita participação na equipe de projeto da sede do MESP. Das experiências para o Campus Medico da UFRGS e para o Centro Cívico em Porto Alegre, na primeira inaugurou a sua lida independente com a escala urbana e na segunda, uma ação de projeto tanto drástica quanto desproporcional, tentava configurar a “ilha moderna” no centro da cidade, desconsiderando suas preexistências importantes. Passando pela caracterização do trabalho do amigo Reidy, num projeto para programa de ensino superior, no CTA em São José dos Campos em 40 e para o plano de urbanização para o Centro Cívico no Rio de Janeiro, de onde Moreira extraiu elementos para a sua arquitetura.

O projeto da primeira Cidade Universitária brasileira dentro da nova linguagem da arquitetura era mais uma oportunidade de demonstrar e dedicação e a estima que os arquitetos dedicavam aos projetos de programas públicos da época, transformando-os em símbolos da nova arquitetura.

Da mesma maneira que anteriormente o segundo capítulo iniciou com a referência a COMAS sobre a importância das precedências das obras, este inicia mencionando RUTH, sobre a percepção do critico diante da obra em “O lugar da Critica”.

A parte do texto que trata dos projetos, trata também das suas peculiaridades desde a formação da grande Ilha até a atualidade, numa abordagem cronológica das versões do plano inicial. Como interessava entender as tipologias dos edifícios relacionadas ao plano e suas versões, os comentários e as descrições foram feitos de maneira seqüencial, primeiro expondo a solução urbana, depois descrevendo o edifício e seus elementos, como produto arquitetônico decorrente.

Do início de 49 a 52 até a atualidade, transformações funcionais e físicas, não permitiam a sustentação do seu conceito inicial. O texto comenta todas as versões do plano físico geral, partindo do seu primeiro traçado, onde le-se os princípios Corbusianos nos edifícios assentados por pilotis em base de paisagismo único. Quatro anos depois a primeira obra para o Instituto de Puericultura já desacerta a idéia, induzindo à partição em lotes, quando o paisagismo de Burle Marx faz o contorno do edifício com exclusividade



ate os limites das vias. Esta condição repercute diretamente nos desenhos dos novos edifícios, que a partir de 54 são servido por um sistema de circulação mais adequado e melhor dimensionado. Confirma-se em 60 definitivamente a hierarquização do sistema viário em via central, consagrando as construções no meio dos grandes jardins, repercutindo nos acessos, fachadas, jardins e espaços abertos entre os edifícios, como novos elementos de arquitetura.

Após o encerramento das atividades de Jorge Machado Moreira no ETUB em 1962, a ultima tentativa de ordenar o espaço urbano no Fundão foi o estudo para o seu plano diretor em 72, depois do "*Plano de Obras Prioritárias para o triênio 70/72*", na busca de recuperar o conceito de universidade como ambiente único e acadêmico.

O texto encerra concluindo em comentários sobre a dificuldade em estabelecer o grau em que o projeto do primeiro Campus moderno brasileiro assimilou os dados disponíveis nas experiências anteriores da Quinta. Sobre a dificuldade em sustentar o conceito de edifícios padronizados em parque continuo do primeiro plano trocando pela atual formula em edifícios isolados em centro de lotes, que o tamanho da Ilha e sua solução urbana ainda não permitiu unir. Enfim, experiências que de alguma maneira serviram às propostas posteriores para programas semelhantes.

## 1 AMBIENTE UNIVERSITÁRIO - PROCEDÊNCIA E PRECEDÊNCIAS

Como o projeto, também a qualidade da crítica na arquitetura necessita de uma estreita relação com uma antecedência qualificada de forma e conceito. Nesta observação, COMAS alija a crítica de superfície e recomenda critérios para a sua profundidade. Com referência a este municiamento que antecede à crítica consistente, em Crítica com critério, chama a atenção de que a mesma, “necessita da explicitação fundamentada dos critérios e razoabilidade lógica na exposição de premissas e argumentos – apoiados em descrição precisa de obras e contexto”<sup>1</sup>.

Sob esta ótica, a única via que interessa é a da qualidade da obra estudada, e, no caso da Cidade Universitária brasileira, quais castas históricas estavam disponíveis para as suas arquiteturas inicialmente propostas, desde as projetadas na Quinta até a definitiva construída no Fundão. A consistência desta argumentação tem fundamento nos elementos de arquitetura que a História disponibilizou na Itália, Inglaterra e Estados Unidos, nos séculos XV, XVI e XVIII respectivamente.

### 1.1 A PREMIÈRE EM BOLOGNA

As “Universitas”, nome dado às comunidades formadas por cidadãos de várias procedências na Idade Média, provavelmente tenham sido a origem conceitual dos espontâneos agrupamentos de mestres e alunos. Inicialmente, e em paralelo à prática acadêmica, mantinham o compromisso de manter um ambiente de mútua proteção contra possíveis extorsões, devido ao grande número de estrangeiros participantes. A partir do séc. XIV estes grupos foram legalmente reconhecidos como Universidades com a finalidade única de ensinar. Até esta oficialização, os antecedentes mais significativos estavam em Salerno que, durante os séculos XI e XII, se constituiu no mais importante centro europeu de ciências médicas; Reggio e

---

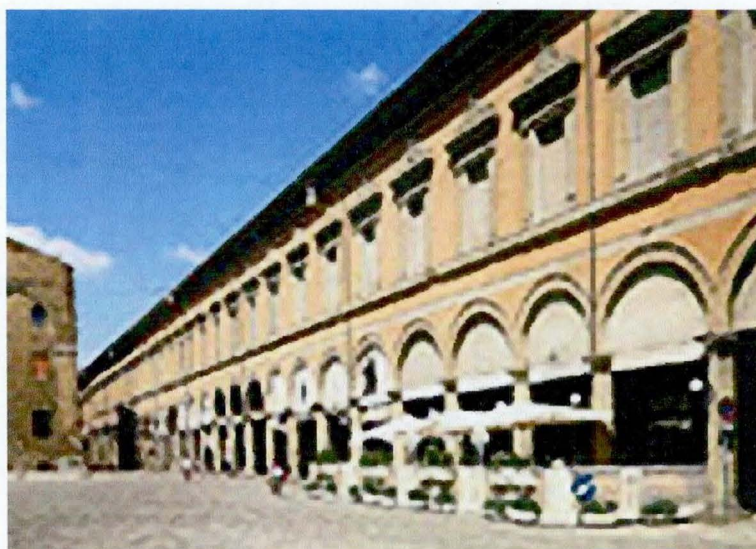
<sup>1</sup> COMAS, 1994, p. 81 (Revista Projeto nº 181)



Modena, em 1222; mais tarde em Pádua, Vicenza e Paris, com a Escola de Dialética e Lógica ensinando às margens do Seine.

A necessidade de organizar corporações de mestres e aprendizes, para atender a solicitação dos habitantes dos burgos, forçou a Igreja a ampliar o seu universo pedagógico. Aparecem as escolas catedrais, dando origem ao sistema de “Studium Generale Universidade - lugares freqüentados por estudantes de vários países”, e ao definitivo “Universitas Studiorum” confirmando as suas vocações transnacionais”.

Bologna é o lugar de origem deste novo momento. Estudos da história da educação são unânimes em afirmar que, se Bolonha não foi a primeira sede em ordem cronológica, foi a mais antiga organização universitária no sentido etimológico do termo, onde varias nações de estudantes se reuniam e contratavam seus mestres, superando as diferenças das nacionalidades dos aprendizes pela organização e institucionalização das Universitas. A decisão de dotar a cidade de uma sede para o ensino universitário, respondia à exigência de um eficaz controle da autoridade religiosa sobre o estudo.



Fachada do Archiginnasio<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia\\_palazzo/visita1.htm](http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia_palazzo/visita1.htm)>. Acesso em 9 fev. 2004.



O "Palazzo dell'Archiginnasio", foi o seu primeiro edifício, construído em 1563 para reunir a escola de Legislação (Direito Civil e Canônico) e de Artes (Filosofia, Medicina, Matemática, Ciências Físicas e Naturais), até então sediadas em vários lugares dispersos pela cidade. O edifício do novo "Studio Bolonhese" - projetado pelo arquiteto Antonio Morandi "Terrabilia" - respondeu aos anseios da nova política cultural italiana, inaugurando a materialização do plano de renovação do Centro Político da cidade de Bologna, desenvolvido e implantado pelo Vice Pontífice Cardeal Píer Donato Cesi.

Os trabalhos prosseguiram em 1564 com a criação da "Piazza" e da "Fontana del Netuno"; em 1565, com o "Ospedale de la Morte" - hoje "Museo Cívico", anexo ao "Archiginnasio" e com o "Palácio do Banchi" (1565 - 1568), conformando o aspecto definitivo da "Piazza Maggiore", espaço de luz e respiro para as suas simples mas severas fachadas. O Palácio apresenta externamente um longo porticado de 139 metros em trinta arcos, que se articula em dois planos com um pátio central em dupla ordem de arcos. Duas amplas escadas conduzem a um plano superior com dez salas de aula, duas salas de Aula Magna - uma para Artes e outra para Legislação. No pavimento térreo uma antiga sala de aula é hoje ocupada pela "Società Medica Chirúrgica", pela "Accademia dell' Agricultura", sucessora da "Società Agrária". Pelo grande espaço central térreo chega-se a Capela de Santa Maria dei Bulgari e, por um nível superior, ao "Teatro Anatômico". O ensino médico, introduzido na Universidade de Bologna no "Duocento", tem na prática anatômica - inaugurada por Mondini de'Liuzzi em 1315, o mais avançado centro de estudos neste campo, cujas exigências por eficiência e tradição deram origem as novas instalações do "Teatro Anatômico". Destinado ao ensino da anatomia mediante a dissecação de cadáveres, foi projetado e construído em 1637 pelo arquiteto bolonhes Antonio Paolucci "Levanti". O "Cortile"-lugar de criação, conformado por planos em arcadas duplas - base de sustentação do edifício - representa a influência da arquitetura dos colégios universitários espanhóis da qual Bolonha é um protótipo, relembrando os espaços dos palácios nobres onde se desenvolviam suntuosas cerimônias de caráter público. O "Cortile" era local de eventos históricos em Bolonha. Um destes eventos - a "Teriaca" - anualmente congregava mestres e alunos em torno do uso de um fármaco obtido com a combinação de cinquenta elementos, como cura de muitos males.

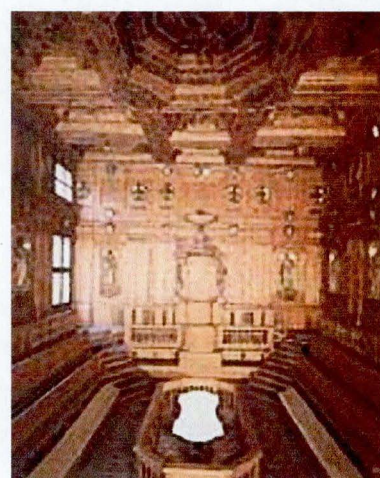




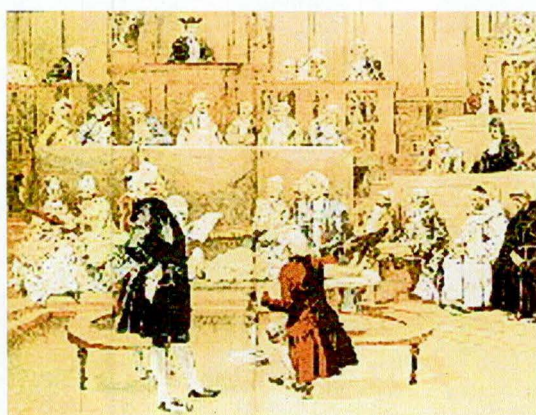
Fachada do Archiginnasio voltada para a Piazza Maggiore<sup>3</sup>



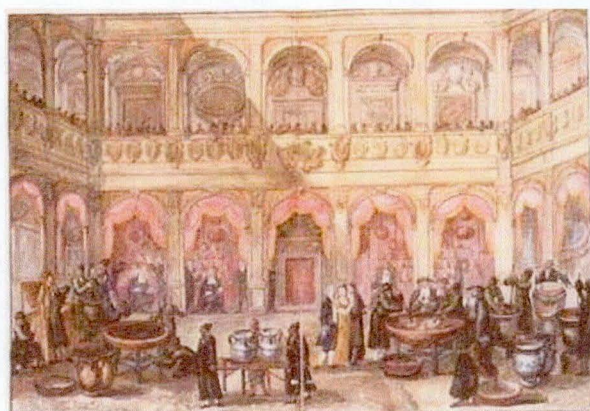
Fachada do Archiginnasio<sup>4</sup>



Vista interna no Teatro Anatômico<sup>5</sup>



Aula de Anatomia<sup>6</sup>



Produção do Fármaco Teriaca<sup>7</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.cis.unibo.it/ARCHIGIN/ARCHIGIN.HTM>>. Acesso em 9 fev. 2004.

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia\\_palazzo/visita2.htm](http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia_palazzo/visita2.htm)>. Acesso em 9 fev. 2004.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia\\_palazzo/visita6.htm](http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia_palazzo/visita6.htm)>. Acesso em 9 fev. 2004.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.cis.unibo.it/ARCHIGIN/ARCHIGIN.HTM>>. Acesso em 9 fev. 2004.



## 1.2 O COLLEGE INGLÊS E O CAMPUS AMERICANO

Simultânea à Bolonha é a Universidade de Oxford em 1675, descendente do sistema "Studium Generale" do "College" inglês e, mais tarde, a organização norte-americana idealizada para a Universidade de Virginia por Thomas Jefferson, em 1827. De ambas o que interessa refere-se as suas tipologias tradicionais, conceitualmente diferentes mas fisicamente muito influentes nos primeiros planos urbanísticos e arquitetônicos à Cidade Universitária Brasileira. Neste aspecto GOROVITZ é bastante didático, quando aborda os aspectos histórico-culturais destas instituições, mostrados no grande espaço de natureza cívica peculiar dos Campi americanos ou do inglês. A idéia de claustro fazia a montagem conceitual e física do College Inglês, como abrigo de todas as atividades de resguardo e recolhimento, antes só para a oração no convento, depois também para o estudo e para a ciência, segundo Comas, "[...] A 'aldeia acadêmica' criada por Jefferson era a alternativa brilhante aos colleges ingleses ou aos campi americano mais antigos, aqueles inaceitáveis como modelo por óbvias razões políticas e religiosas, estes por causa de sua liberdade ad hoc, inconseqüente<sup>8</sup>".



Planta Perspectiva de Oxford - 1675<sup>9</sup>

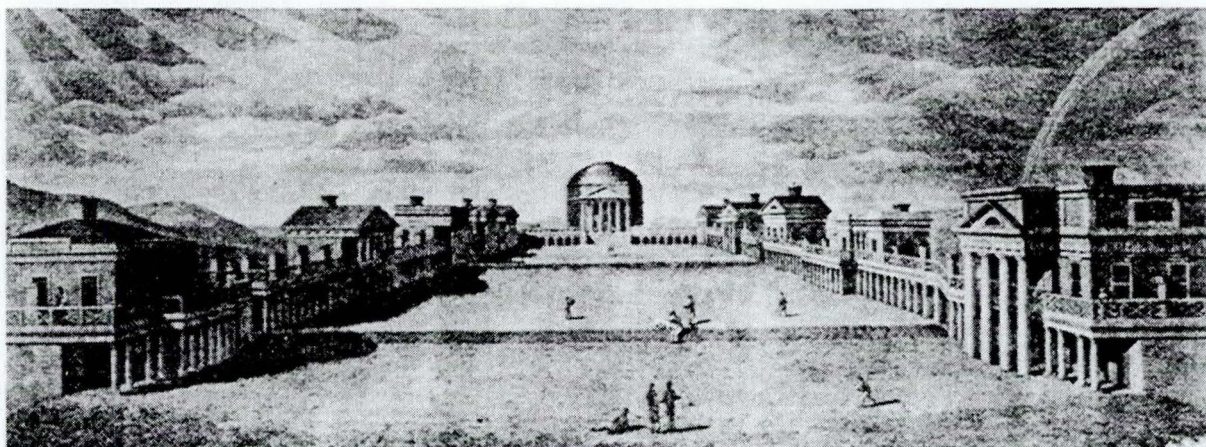
<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia\\_palazzo/teriaca.jpg](http://www.comune.bologna.it/archiginnasio/storia_palazzo/teriaca.jpg)>. Acesso em 9 fev. 2004.

<sup>8</sup> COMAS, 2000, p.120.

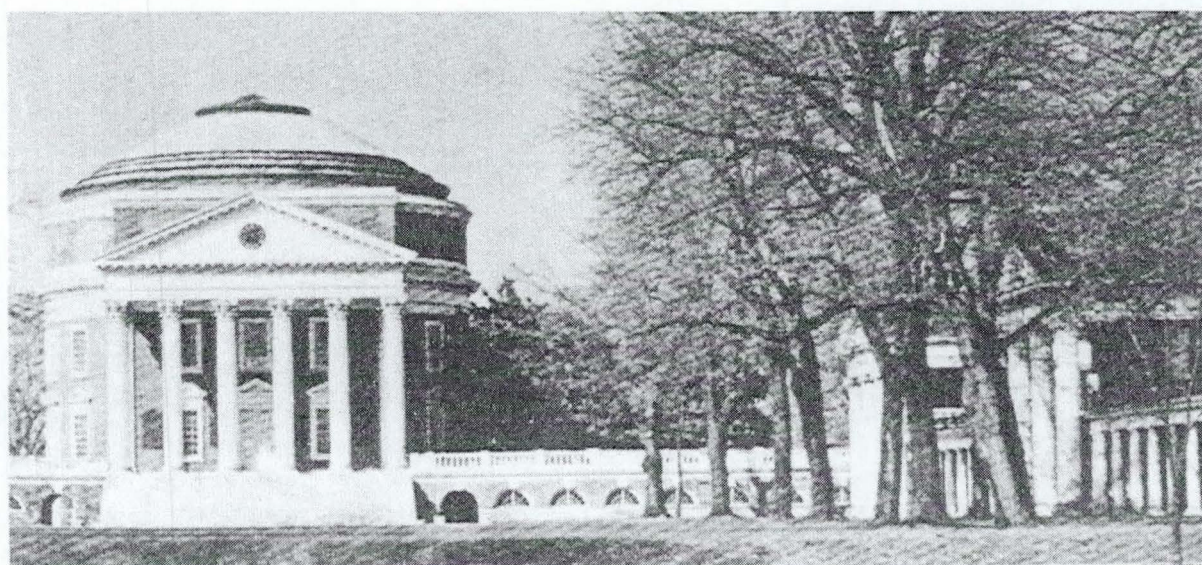
<sup>9</sup> GOROVITZ, Matheus. Os Riscos do Projeto, 1993. p.89.



O projeto de Thomas Jefferson se constitui numa composição axial em quatro linhas de pavilhões iguais, duas a duas a partir do eixo, entre três grandes espaços abertos em planos escalonados. O central aberto na extremidade baixa, tem limite oposto com foco no pórtico mais elevado da Biblioteca e lateralmente definido pelas colunatas das galerias cobertas, na feição do Cortile bolonhês. Este espaço era plantado em patamares com grama e árvores, vazando na transversal pelas galerias entre os pavilhões para as duas alas extremas, com jardins de linhagem francesa, lateralmente definidas por edifícios de serviço.



Universidade da Virgínia – 1827<sup>10</sup>

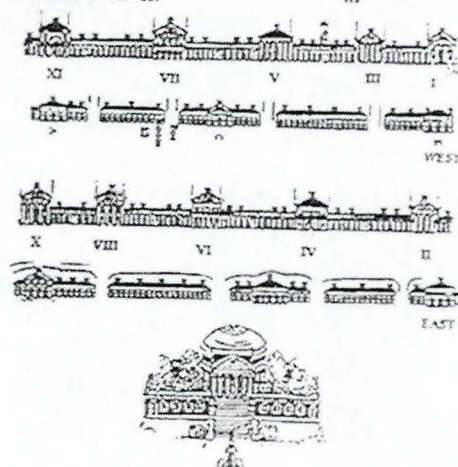
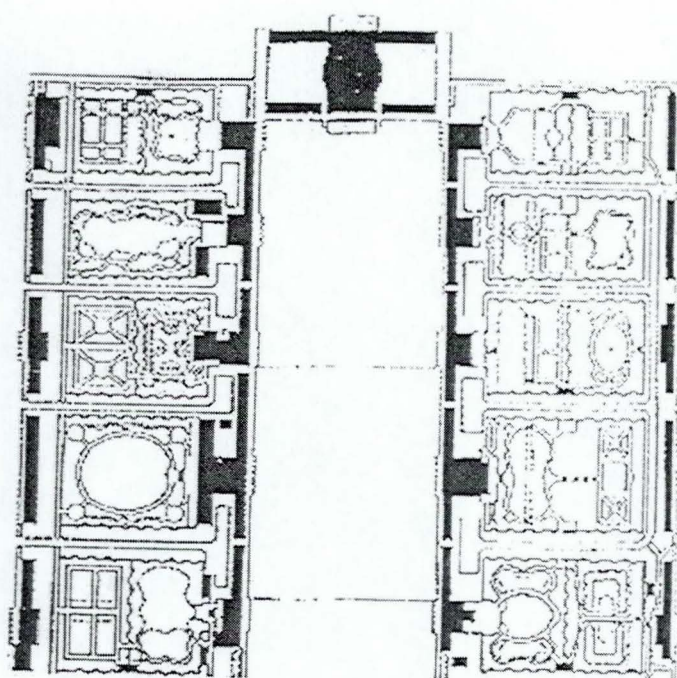


Universidade da Virgínia<sup>11</sup>

<sup>10</sup> GOROVITZ, Matheus. Os Riscos do Projeto, 1993. p.91

<sup>11</sup> GOROVITZ, Matheus. Os Riscos do Projeto, 1993. p.91.





Universidade de Virgínia – Thomas Jefferson – Vista Aérea, Plantas e Vistas<sup>12</sup>

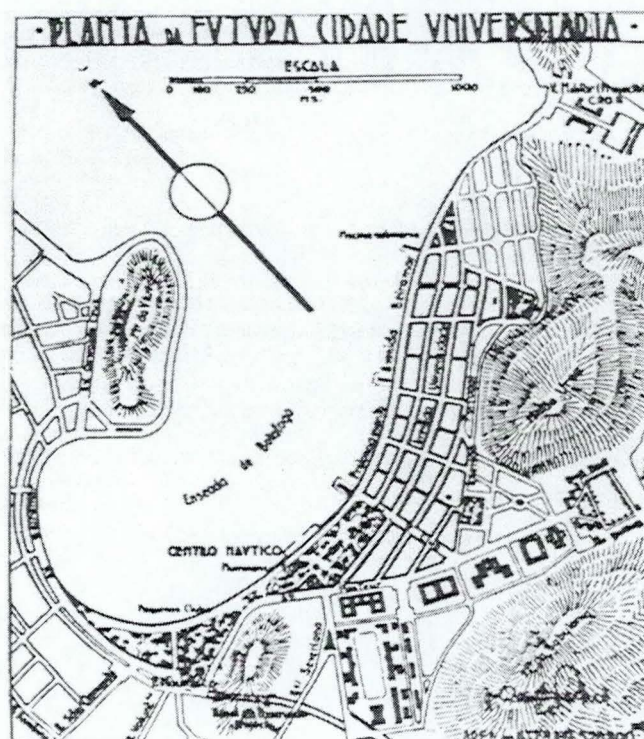
Em suma, Bologna, Oxford e Virginia ofereciam composições ditatoriais ou democráticas, em construções paralelas, contínuas e/ou contíguas, em linha, abertas ou fechadas. Espaços abertos em jardins e praças, pátios fechados e semi-abertos. Percursos em galerias cobertas e abertas, entre, ou nos contornos dos jardins e praças.

<sup>12</sup> COMAS. 2002, p.380.

## 2 IDÉIAS E PLANOS NO BRASIL

### 2.1 O IMPERADOR E O MINISTRO

O lançamento da pedra fundamental por D. Pedro II para o edifício do Curatorium, foi a iniciativa do Império para a construção da primeira Universidade no Brasil, em 12 de fevereiro de 1881 na Praia Vermelha, rio de Janeiro<sup>1</sup>. Confirmando a marca secular da vocação deste bairro como a primeira sede do ensino superior no Brasil, mais tarde são construídos os edifícios da Faculdade de Medicina e do Instituto Benjamin Constant. A vontade e o interesse do Imperador por esta obra estão registrados no arquivo da família imperial no Museu de Petrópolis, através de anotações e esboços de idéias na Planta Geral da Universidade, projeto do Engenheiro Antonio de Paula Freitas para o Campus na Praia Vermelha.



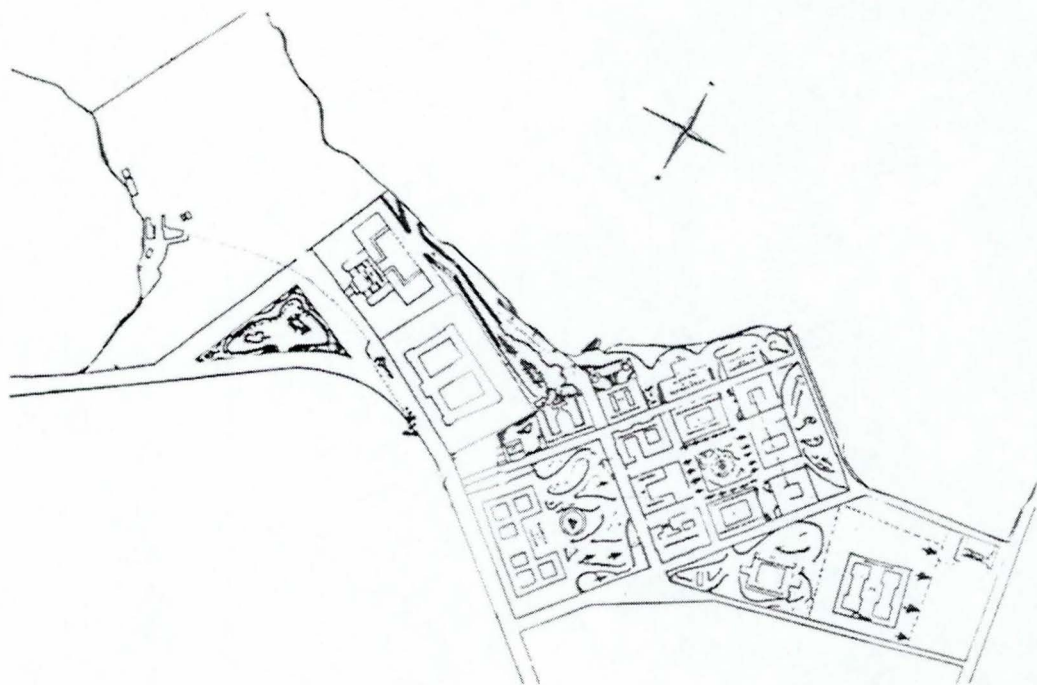
Praia Vermelha, planta geral<sup>2</sup>

<sup>1</sup> MELLO JR. 1956, p. 55.

<sup>2</sup> Ibid., p.4



A consagração da Praia Vermelha como vocação de bairro acadêmico, aconteceu em 1929 com o plano Agache "Cidade do Rio de Janeiro: Extensão, Remodelação e Embelezamento". Talvez influenciado pelas idéias imperiais, confirmava ali a construção da Cidade Universitária através de uma proposta generosa em área de 390.000 m<sup>2</sup>, porém basicamente modesta nos aspectos econômicos da construção<sup>3</sup>.



Praia Vermelha<sup>4</sup>

Contingências históricas e econômicas faziam com que o ensino superior se desenvolvesse cada vez mais de modo fragmentário no Brasil, dentro de um espírito individualista, diretamente responsáveis pelo baixo rendimento dos seus recursos humanos e materiais. Daí a tendência de reorganizá-lo sob a forma de Universidade em corpo único, abandonando a tradição de escolas e faculdades isoladas e auto-suficientes, que se acentua no Brasil a partir da década de 30, dentro da política expansionista de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde do Governo Getúlio Vargas. Revisando a proposta do plano Agache, numa de suas primeiras providências sobre o assunto em 35, o Ministro Capanema solicita novos estudos sobre a viabilidade das instalações universitárias na Praia Vermelha, suspendendo alguns projetos e propondo estudos para remoção das atividades da Escola

<sup>3</sup> Ibid., p. 55

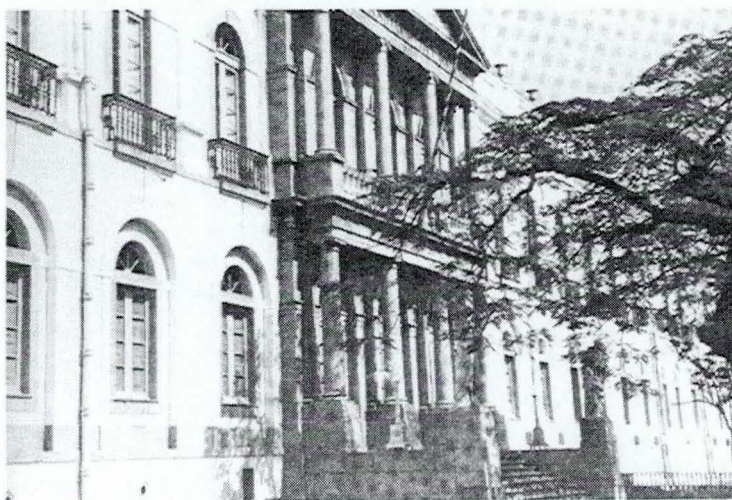
<sup>4</sup> Ibid., p. 1-2.



Nacional de Agricultura e do Hospital Psiquiátrico. Neste mesmo ano, dois planos urbanísticos para a Praia Vermelha foram apresentados, um pelo Arquiteto Evaristo Sá, outro proposto pelo Engenheiro José Otacílio Saboya Ribeiro. Como comenta Donato, felizmente o plano de Evaristo que considerava pouco a topografia e os valores históricos do local ficou no papel. A proposta de Saboya estava encorpada pelas considerações com as questões urbanas do bairro, e suas relações com a cidade do Rio de Janeiro. No entanto estes dois estudos não evoluíram.

A consciência da necessidade de um Campus Universitário criava corpo com as idéias do Ministro, que habilmente se cercara da mais culta e admirável elite brasileira, talvez o maior de seus méritos como idealista e homem público. À esta elite culta preocupava a falta do espírito universitário no Brasil. Reagindo contra a tradição de escolas e faculdades isoladas, o governo já de início orienta o plano no sentido da unificação de todos os setores de ensino e pesquisa, sob a forma de um único Campus. Sugere ainda o Ministro que primeiro se devia conceituar a universidade e, em seguida, projetar a sua construção.

O projeto criado pela Portaria de 19 de julho de 1935 transforma a Universidade do Rio de Janeiro em Universidade do Brasil num processo que dura até 37. Capanema solicita a elaboração de um plano para a futura Universidade Nacional, tendo como um dos objetivos a determinação das diretrizes para a instalação, no Rio de Janeiro, da sua primeira Cidade Universitária<sup>5</sup>.



<sup>5</sup> MELLO JR., 1956, p. 54.

<sup>6</sup> História Geral da Arte, p. 5.



Com o início deste processo, acontece, por pressão dos estudantes candidatos, um rápido e significativo aumento das matrículas, fato acompanhado da comprometedora situação material da quase totalidade dos seus edifícios, outrora adaptados para o ensino. A centralização destas antigas escolas, faculdades e institutos que antes surgiam esporádicas, num Campus único, encontra a justificativa na necessária interdependência e relação recíproca das suas ciências e, conseqüentemente, dos seus laboratórios e aulas práticas. Os laboratórios de todos os tipos e especialidades preponderavam sobre as salas de aula teórica ou de salas de simples exposição verbal. Estava sendo substituído o tempo em que o ensino dependia tão somente da eloquência e da retórica. O sistema centralizado, tanto demonstrava as suas inúmeras vantagens econômicas, didáticas, administrativas e técnicas, pela otimização do uso do espaço, como era importante pela iniciativa pioneira, podendo ser modelo no país.

Também por Portaria, em setembro de 35, Capanema institui uma Comissão composta por professores, Diretores das unidades e do Escritório Técnico, Sindicato Nacional de Engenheiros, Instituto Central de Arquitetos e o Clube de Engenharia, para tratar inicialmente dos assuntos assim pautados: Cursos que deveriam ser instalados na Cidade Universitária; Localização da Cidade Universitária; Programas construtivos para os diferentes edifícios da Cidade Universitária; Anteprojeto de Plano Geral da Cidade Universitária. A mensagem do Ministro à comissão por ele recém criada:

[...] era propósito do governo, de uma forma positiva e simples, fazer uma Universidade que deixe de ser o que tem sido até hoje no Brasil e se converta em uma realidade viva, em uma comunidade escolar verdadeira. Para isso torna-se necessária a criação daquilo que se tem chamado uma cidade universitária. (MELLO, 1956, p. 54)

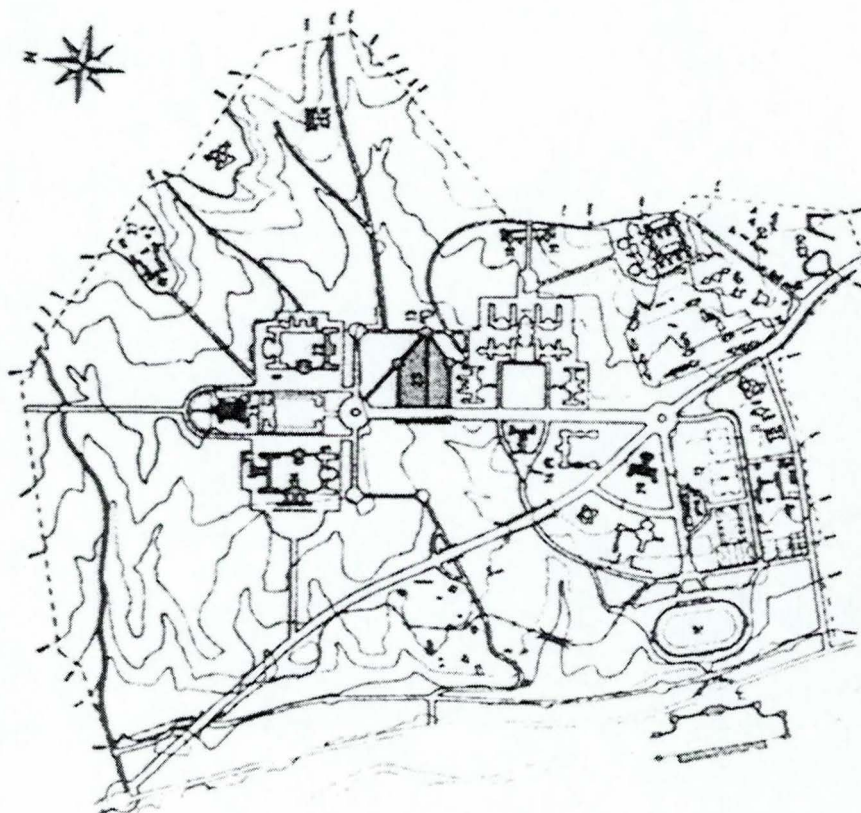
No planejamento da nova Universidade considerações com programa, dimensões, custo e tempo cada vez mais tinham que ficar esclarecidas. Os seus programas exigiam projetos adequados, instalados em local adequado, cujos custos para a sua implantação dependiam das zonas mais e menos urbanizadas, as suas dimensões seriam medidas pela lotação, entre os limites recomendados de 5.000 e 30.000 matrículas e, elegendo o século como a sua unidade de tempo.



Preocupado com a magnitude que a proposta tomava, associada a nossa incapacidade - por inexperiência - em resolvê-la, o Ministro decidiu solicitar aos Embaixadores da Espanha e da Itália, dados sobre as recentes instalações universitárias de Madrid e Roma, designando comissão específica de visitas.

### 2.1.1 Madrid da Geração de 25

Uma das mais importantes obras produzidas na Espanha no início do século passado, mais precisamente no período de 27 a 36, é a Cidade Universitária de Madrid, exemplo de representatividade e pragmatismo, inovação e tradição, na caracterização de uma geração que, não aceitando avaliar este conjunto seguindo só os princípios do Movimento Moderno ou de seu Racionalismo Ortodoxo, considerou também sempre muito fortes as amarras com a tradição e a história espanhola.



Cidade Universitária de Madrid – Planta Geral<sup>7</sup>



Desde 1836, a Universidade de Madrid utilizava uma série de casarões dispersos pela sua malha urbana, cuja inadequação ficou mais grave e evidente na guerra de Marrocos, principalmente nos edifícios dos cursos das áreas da saúde, o que, em função do aumento de atendimentos estas dificuldades se potencializaram.

A caracterização desta Universidade como obra representativa e emblemática, não é patrimônio exclusivo de um só momento, foi desenvolvida ao longo das distintas fases: a Monarquia, a Republica e o período postguerra.



Edifícios Isolados – Escolas de Cervantes<sup>8</sup>

Pelo Real Decreto de maio de 27 foi criada a Junta de la Ciudad Universitária, presidida pelo Rei de Espanha, que tornou público o grande projeto em 30, com o conceito de: “Agrupar bajo un plan magnifico y completo modernas construcciones en un bello y amplio parque, con todas las comodidades y todo el detalle moderno, las distintas escuelas y facultades que hoy integran en todo el mundo la completa preparación científica, literaria y artística de las juventudes, dejando el anticuado sistema de edificio único universitario para trocarlos por edificios independientes<sup>9</sup>”.

<sup>7</sup> PATAO, 1997, p.283.

<sup>8</sup> URRURTIA, 1997, p.211.

<sup>9</sup> PATAO, 1997, p. 275.



Para a coordenação do projeto foi escolhido o arquiteto Modesto López Otero que escolhe a colaboração dos arquitetos L. Lacasa, M. Sanchez Arcas e Blanco Soler, grupo identificado com a geração de 25 da arquitetura espanhola. Os seus estudos urbanísticos utilizaram as referências dos planos modernos das universidades da Europa, Inglaterra e Estados Unidos, mas a influência do Campus americanos foi decisiva, em detrimento ao modelo antigo das universidades europeias instaladas em pleno centro urbano e concebidas de forma compacta em reduzidos recintos.

O programa para a nova Cidade foi atendido mediante a divisão em zonas por similitude de usos. O plano de urbanização foi estruturado em cima de um esquema viário composto por um eixo principal pela Avenida Universitária em direção Norte-Sul, entre os extremos com o Anfiteatro e a Praça, que servia aos núcleos de edifícios por vias transversas. Sob uma trama ortogonal e linear severa de circulações internas, predominava o critério de respeitar o traçado pré-existente da antiga Granja de Monchoa, com a planificação para a construção dos edifícios numa inter-relação com as áreas verdes dispostas em sua periferia, como forma também de amortecer a inevitável invasão desordenada de uma Madrid crescente.<sup>10</sup> BOHIGAS sugere que a Cidade Universitária seja entendida como demonstração material do espírito moderno da geração de Madrid de 25: “[...] espíritu al margen-precisa de la línea ortodoxa del Movimiento Moderno, y aunque hoy mucho de los edificios puedan parecerlos eclécticos supusieron en su momento un cierto impacto de renovación”.

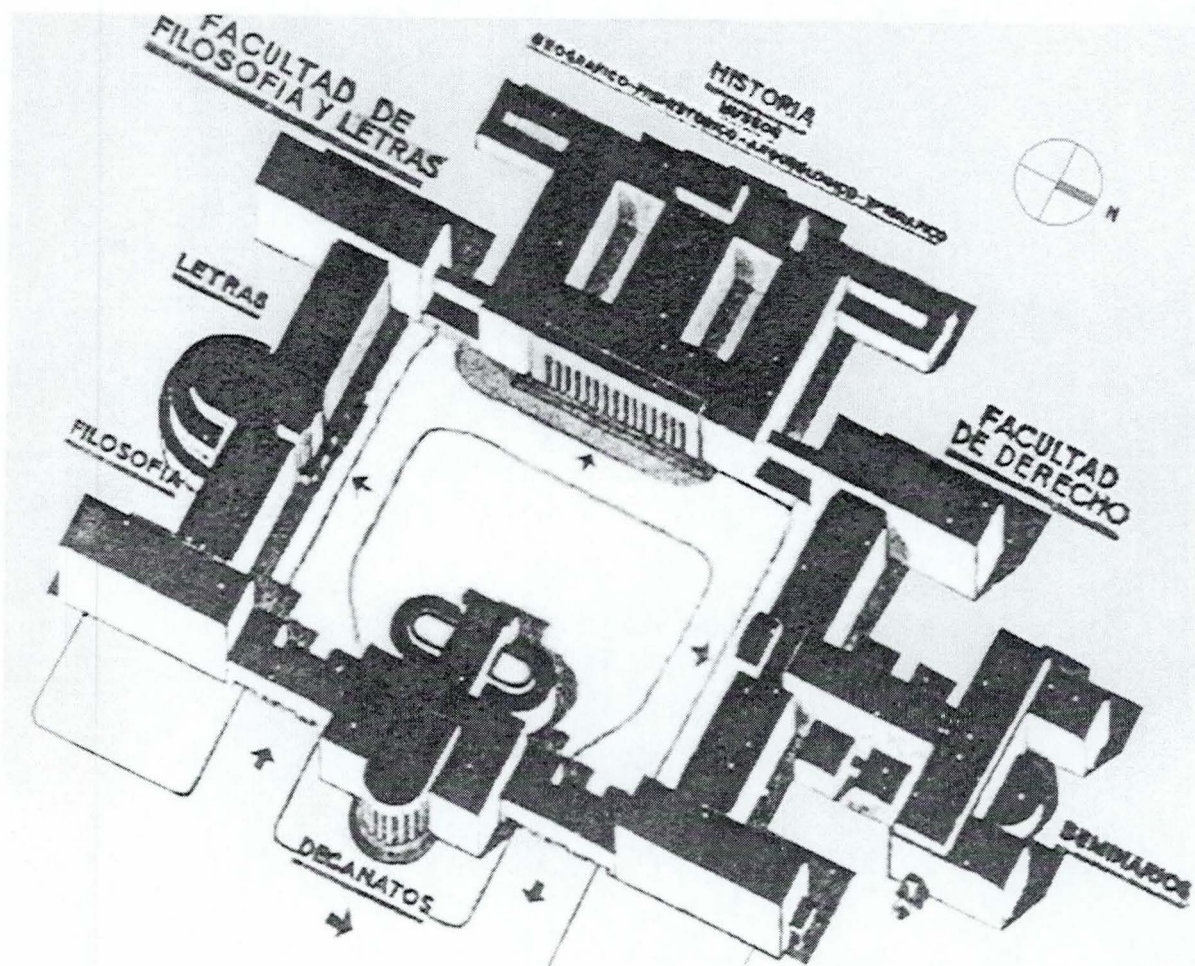
Na configuração inicial da Cidade Universitária de Madrid houveram fatores notáveis, como os estudos prévios das fontes estrangeiras obtidas em visitas à Holanda, Alemanha, França, Itália, Inglaterra e Estados Unidos. No final deste período, o arquiteto Lopez Otero, diretor dos projetos e obras da Universidade de Madrid, comentou que, “[...] lo mas perfecto lo encontramos em Norteamérica, por constituir verdaderas ciudades, no solo universidades o residencias aisladas. De manera que la influencia de los Campus norteamericanos fue decisiva, en detrimento del modelo de las universidades europeas”.

<sup>10</sup> PATAO, 1997, p. 306.





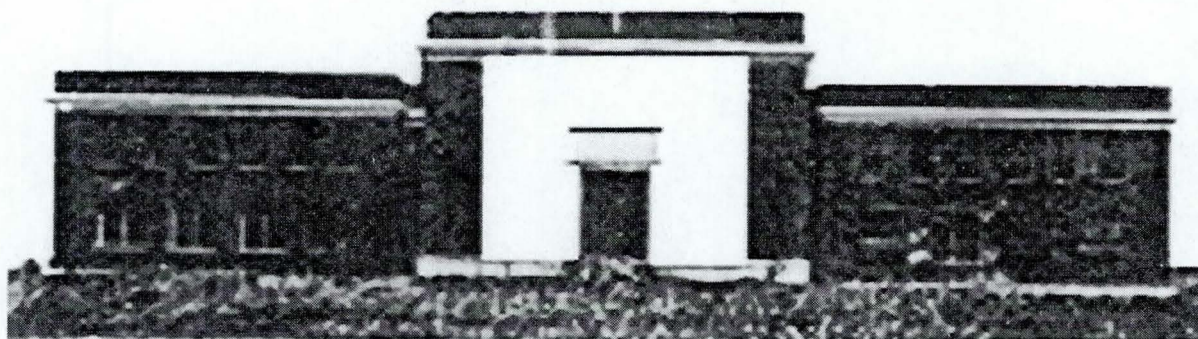
Cidade Universitária de Madrid - Vista do grupo Médico <sup>11</sup>



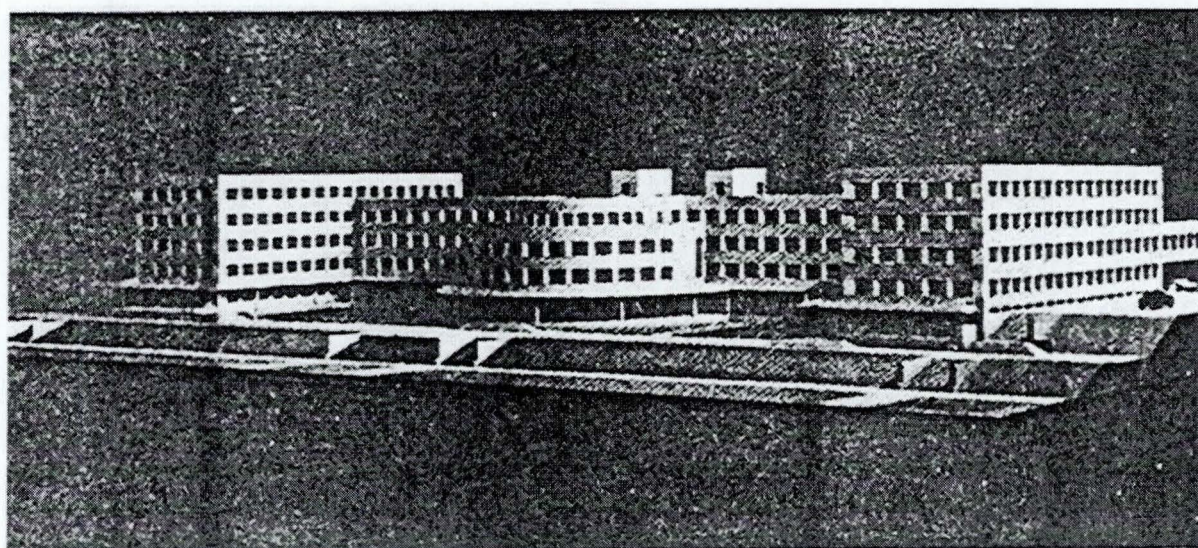
<sup>11</sup> PATAO, 1997, p.287.

<sup>12</sup> Ibid., p.293.





Pavilhão das Oficinas, Cidade Universitária de Madri <sup>13</sup>



Maquete do edifício de Filosofia e Letras <sup>14</sup>

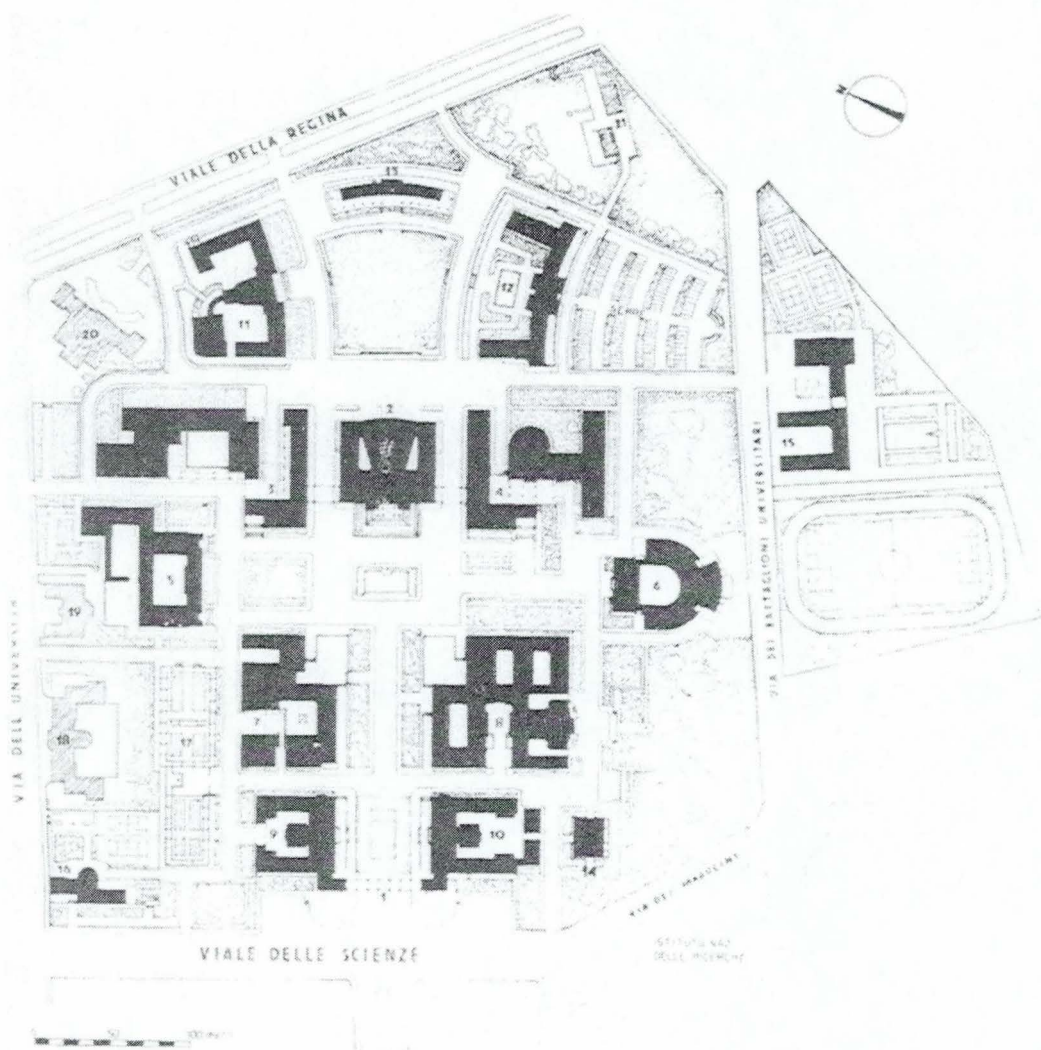
### 2.1.2 A Cidade Universitária De Roma

Posterior ao acervo de Madrid, é a Cidade Universitária de Roma, projetada por Piacentini e construída entre 1932 e 1935. A condição de monumentalidade - especialidade do arquiteto do Fascio - era presença necessária, existindo desde a proposta na escala urbana ate as menores dimensões do edifício e seus espaços abertos. Tratava-se de uma cidade dentro da cidade, proposta que muito agradava ao Ministro Capanema, antevendo condição semelhante para as soluções na Praia Vermelha e na Quinta da Boa Vista.

<sup>13</sup> PATAO, 1997, p.299.

<sup>14</sup> Ibid., p.294.





Cidade Universitária de Roma - Planta Geral<sup>15</sup>

Um desenho da Planimetria Geral de Implantação, datado de 1935, publicado por Marcos Tognon em "Arquitetura Italiana no Brasil – A obra de Marcello Piacentini", mostra um clássico grande eixo central tentando vazar a Reitoria, no seu percurso de quase 400 metros, desde a Viale de la Regina até a Viale de la Scienze de um limite ao outro da área. Era necessário então coordenar as atividades do grande projeto com a legislação urbana de Roma e seu plano diretor. Piacentini recebe e coordena a colaboração de outros arquitetos como: Pagano no projeto do edifício para o Instituto de Física, Arnaldo Foschini no Instituto de Higiene e Ortopedia, Giovanni Michelucci no edifício da Mineralogia, o Instituto de Química de Pietro Ascheri e Gio Ponti na sede do Instituto de Matemática. Atendia-se assim a

<sup>15</sup> TOGNON, 1999, p.115.



determinação de Mussolini com a maior participação da sociedade italiana nesta tarefa nacional. Os edifícios da Reitoria, Biblioteca e Aula Magna foram projetados diretamente por Piacentini, que neles demonstra uma terceira maneira de expressar a monumentalidade em arquitetura: a combinação da luz e a materialidade. TOGNON descreve assim o volume da Reitoria da Cidade Universitária de Roma,

[...] a monumentalidade em um ambiente arquitetônico novo pode ser conquistada por uma harmonia luminosa e um empenho tipológico; a Reitoria ganharia, em sua versão final nobres atributos materiais para uma luminosidade predominante, o mármore liso, claro, aplicado em placas homogêneas, um contraste com os outros edifícios da praça, estes plasmados com o tijolo vermelho romano; e, se as aberturas retangulares consistem o dado mínimo das composições de todos os edifícios, à monumental sede da Reitoria é consentida versão moderna". (TOGNON, 1999, p. 34)



Cidade Universitária de Roma, Maquete – Piacentini e Morpurgo<sup>16</sup>

<sup>16</sup> TOGNON, 1999, p.108.



## 2.2 CIDADE UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA – PRIMEIROS PROJETOS

Através de uma nova Portaria ministerial, em setembro de 35, Capanema designa uma comissão para analisar tecnicamente as condições na Praia Vermelha e na Quinta da Boa Vista. Intermediado pela nossa Embaixada na Itália, Capanema consulta Piacentini, sobre a localização na Praia Vermelha e na Quinta. Piacentini também manifestou sua preferência pela Praia Vermelha, seguindo as recomendações da comissão e de Agache, redigiu o seu "Relazione sulle Proposte di Località per la Nuova Città Universitaria Nazionale in Rio de Janeiro", entregue em 23 de agosto, voltando à Itália no dia seguinte. Sobre as duas situações Piacentini politicamente assim se manifestou sobre a Praia Vermelha,

[...] Uma solene afirmação de pujança política e arte e ainda uma soberba página arquitetônica acrescentada à beleza da encantadora Capital do Brasil", e na Quinta "[...] o grande e suntuoso jardim imperial consistiria uma zona preparatória, dando ao conjunto urbanístico um aspecto eminentemente senhorial e uma aura de respeito e silêncio. (MELLO JR., 1956, p. 56)

Os estudos técnicos para esta avaliação, foram solicitados ao Prof. Saboya Ribeiro para a Praia Vermelha e ao engenheiro Emidio de Moraes Ribeiro, para relatar as condições na Praia Vermelha, Leblon, Gávea e Quinta da Boa Vista. Em janeiro de 36 acontece a primeira das doze reuniões desta comissão, que, atendendo sobretudo às condições práticas de execução, opinou pela Quinta, cujas desapropriações não passariam de 18.000 contos, enquanto que na Urca atingiriam em torno de 45.000 contos<sup>17</sup>. Era necessário então iniciar a fase executiva com projeto e obra, a partir da qual o envolvimento do escritório técnico seria maior, tanto pela necessidade de um levantamento topográfico e cadastral de precisão, como o que estava ocorrendo em paralelo com as respostas às questões jurídicas que necessitavam ser solucionadas no que se referia aos terrenos e áreas a desapropriar. Também, por intermédio de uma sub-comissão, o Escritório do Plano da Universidade estudava a programação construtiva e suas fases de implantação. As indefinições aumentam - compatíveis à grandiosidade da proposta - consultas e questionamentos acompanham os anseios de Capanema.

---

<sup>17</sup> MELLO JR., 1956, P. 54.



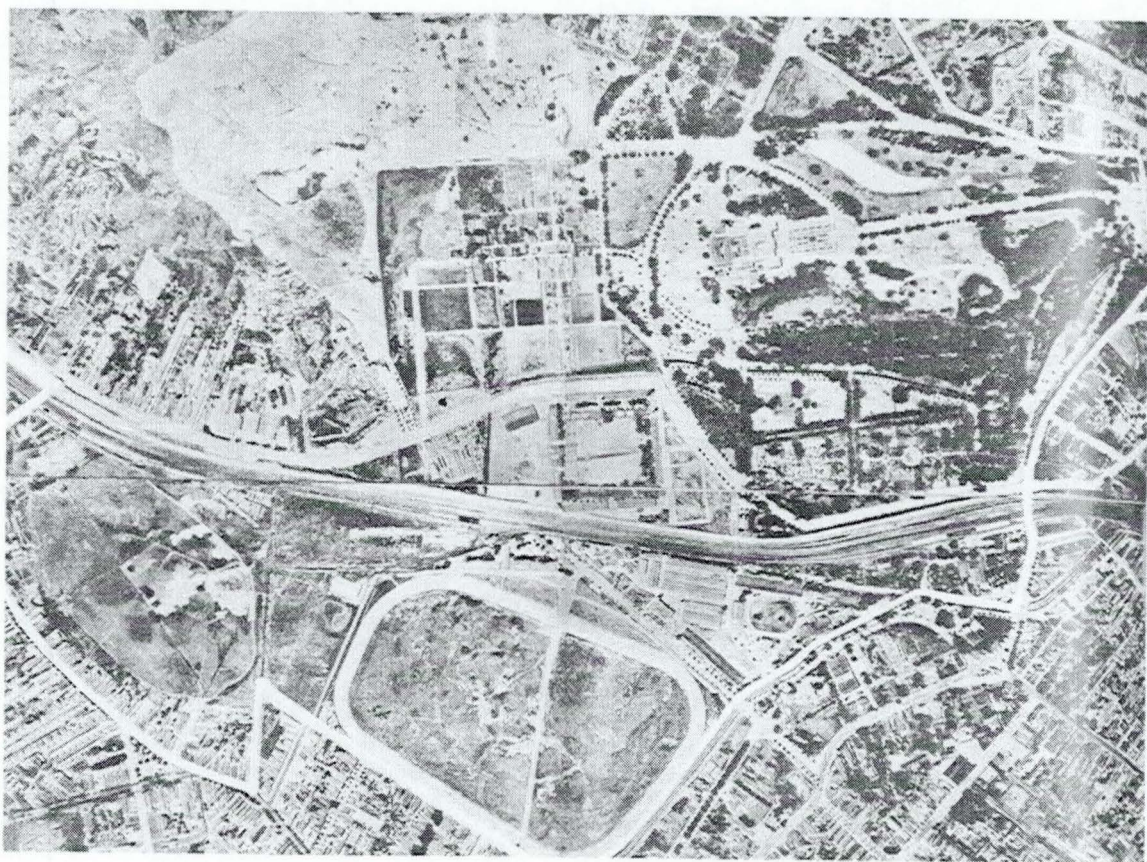


Foto aérea da Quinta da Boa Vista<sup>18</sup>



Planta Geral da Quinta da Boa Vista<sup>19</sup>

<sup>18</sup> COSTA, 1995, p.172.

<sup>19</sup> TOGNON, 1999, p. 99.



### **2.2.1 Lucio Costa – Propostas e Consultas**

Por solicitação direta do Ministro em maio de 36, a equipe de arquitetura formada por Lucio Costa, Paulo Fragoso, Afonso Eduardo Reidy, Ângelo Bruhns e Firmino Saldanha, indicada em abril próximo passado, apresenta proposta relativa ao projeto da futura Cidade Universitária da Universidade do Brasil, que se configura bastante abrangente apresentando, além dos honorários, sugestões como a de organizar um escritório de projetos para acordá-los com as determinações da Comissão do Plano da Cidade Universitária. O projeto dos edifícios seria representado por plantas, cortes, elevações e perspectivas; projetos detalhados de cálculo, estrutura e instalações; especificação e fiscalização.

O envolvimento simultâneo entre os profissionais das Comissões Oficiais e do Escritório do Plano da Universidade com os profissionais autônomos contratados pelo Ministro, criou certos conflitos de relacionamento impedindo que a direção do escritório fosse ouvida. Eram dois órgãos tratando do mesmo assunto. Esta situação confusa foi determinante para que o Ministro agilizasse o processo de outra forma. E em 8 de julho impôs as novas condições de trabalho ao grupo de profissionais, como; trabalhar diariamente na sede do Escritório da Universidade pelo número de horas necessárias, apresentar anteprojeto de urbanização com indicações dos edifícios dentro de três meses seguidos dos anteprojetos e projetos definitivos. Criou a possibilidade de também chamar outros arquitetos, acertando a remuneração após apreciação e orientação de uma comissão de professores designada pelo Governo Federal, com a reserva de direito de anular todas as condições de contrato caso os profissionais não satisfizessem as exigências citadas. Neste mesmo mês, Capanema recomenda mais articulação entre a comissão de professores e o grupo de arquitetos contratado, através de reuniões e encontros sistemáticos, visando mais produção e objetividade na realização do projeto.

### **2.2.2 A Universidade Dentro D'água**

Um pouco anterior e provavelmente também motivo destas mudanças foi a surpreendente proposta de Lucio Costa para a construção da sede da Universidade do Brasil na Lagoa Rodrigo de Freitas. Sem aterro e direto sobre a água, todos os

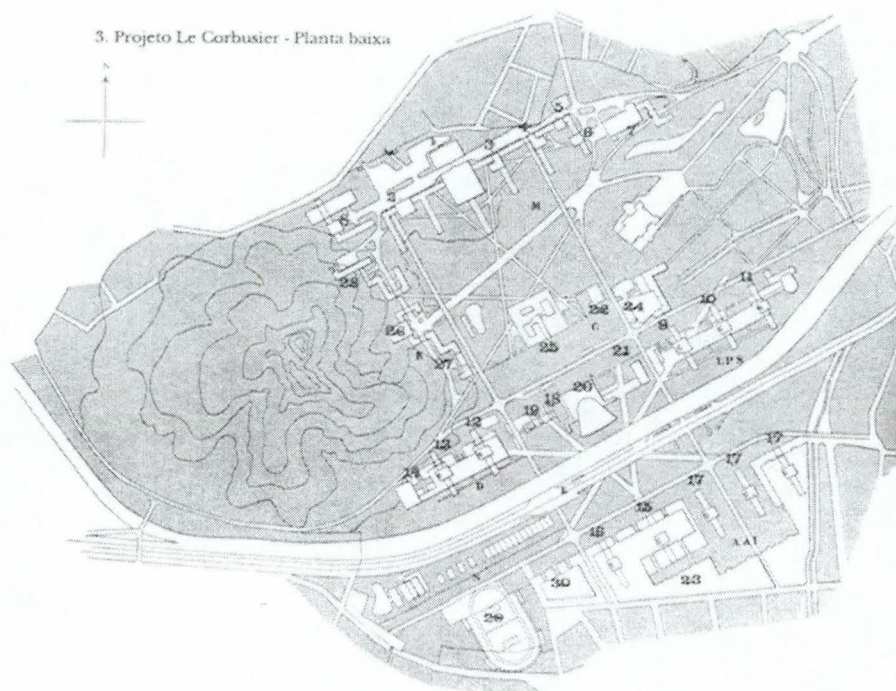


edifícios padronizados por suas alturas seriam assentados sobre estacas e interligados por meio de pontes e jardins suspensos. Uma grande avenida aérea cortaria os jardins desde a rua Humaitá, atravessando todo o maciço universitário lacustre. O ineditismo da idéia surpreende os diretores do Escritório do Plano e uma das objeções técnicas decisivas foi a do eng. Rubens Torres, lembrando da péssima qualidade do fundo da Lagoa para fundações, que iriam a 30 metros de profundidade, inviabilizando assim a proposta.

## 2.3 OS PROJETOS PARA A QUINTA DA BOA VISTA

### 2.3.1 Le Corbusier – Primeiro Anteprojeto

Atendendo à solicitação do Ministro Capanema em julho de 36, a primeira tarefa de Corbusier no Brasil, foi a de emitir um parecer sobre a proposta de Piantentini para a Cidade Universitária na Praia Vermelha em 35, a qual qualificou como um projeto excessivamente fantasioso, declarando sucintamente que, “não há nada aqui que se relacione com a vida e o trabalho de milhares de estudantes brasileiros”.



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Le Corbusier - Planta Geral<sup>20</sup>

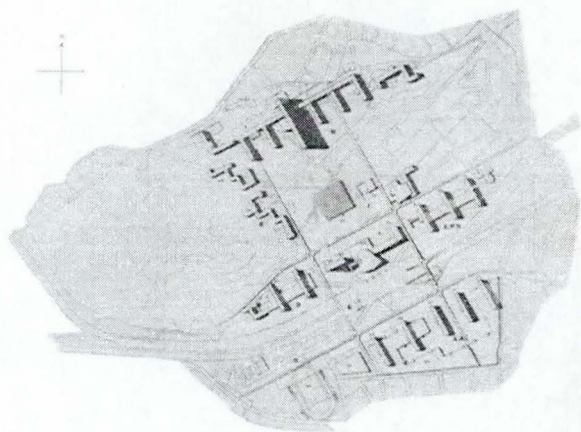
<sup>20</sup> GOROVITZ, 2003, p. 36.

Já no primeiro agosto, apresentou juntamente com a proposta para o MESP, seu plano para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil na Quinta da Boa Vista. É um estudo composto por um Plano Urbanístico, uma Perspectiva Geral e um Relatório, feitos em cima de um esquema geral em planta, com indicações do zoneamento dos diversos setores e a disposição dos edifícios em cada um. Os projetos para a Universidade e para o Ministério foram desenvolvidos simultaneamente no Rio, em escritórios diferentes mas com o mesmo entusiasmo. Rogerio traduz o interesse de Corbusier por ambos, “[...] seria o edifício do Ministério, o primeiro monumento da arquitetura moderna, e a Cidade Universitária, a concretização de um fragmento de sua cidade ideal, a cidade da civilização maquinista”. (OLIVEIRA, 1981, p.153)

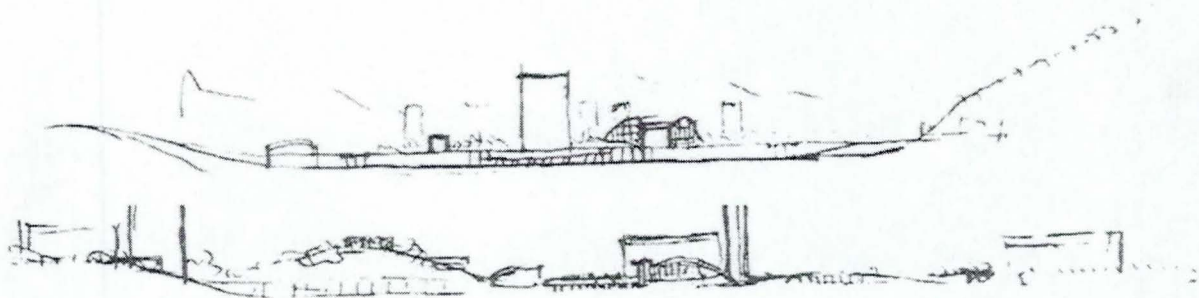
A complexidade de situações no terreno da Quinta impressionou Le Corbusier, pela forma, topografia entre morros, variedade de circulações cortantes e suas articulações com a cidade.

Como artifício de preservação conceitual do elemento urbano autônomo, a composição propõe edificações isoladas com volumetria em destaque, articulando-se por espaços de circulações adequados e competentes para o pedestre e veículo, valorizando os componentes naturais da paisagem local e sua adjacência. Excluindo a ligação ferroviária, a Cidade Sede não se articula fisicamente com a trama urbana da Cidade Universitária em outro ponto e o reconhecimento do sistema urbano do bairro da Quinta é apenas esboçado em planta, com pouca consideração ao traçado preexistente. O projeto considerou menos o lugar e mais a cidade, excepcionalmente quando tratou o entorno do Palácio Imperial com o conjunto de dez mil palmeiras, mas sempre com a cidade emprestando “a sua topografia privilegiada para os cenários naturais como revelam os croquis e perspectivas. Predominava um imenso vazio de borda, entre a parte urbana da Quinta e o plano da Cidade Universitária, revelado pelos desenhos. A respeito Rogério observa que, “Percebe-se a introversão de um esquema que, desenvolvendo-se a partir de seu interior, expande-se até encontrar os limites do terreno, contra recortando espaços abertos e edificações limitrofes. O recorte é intencionalmente abrupto, casual [...]”. (OLIVEIRA, 1981, p.154)





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Le Corbusier - Croqui preliminar<sup>21</sup>



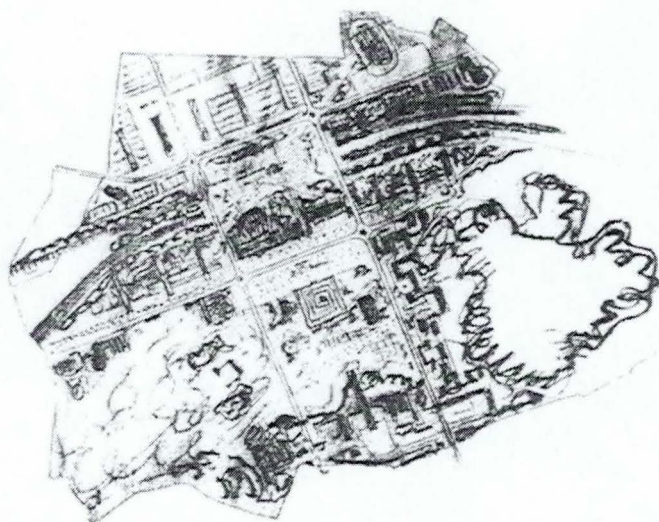
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Le Corbusier. Croquis dos cortes<sup>22</sup>

Le Corbusier fez na Quinta o que admirava na Acrópole: explorou a paisagem circundante ofertando as mais diversas e interessantes visuais aos edifícios, às vias e aos espaços abertos. Também a experiência anterior no Plano da Cidade Mundial em 29, estava contribuindo para a nova cidade em 36, como observa Comas,

A Cidade Universitária recorda o Mundaneum em muitos aspectos. O Mundaneum se organizava a base de recintos murados justapostos, com as edificações dispostas ao longo do eixo longitudinal no interior de cada recinto um eixo transversal comum enfatizando a prioridade emblemática do Museu quase centralizado. A prioridade e a quase centralização do Museu se mantém na Cidade Universitária, a via elevada fazendo o papel de muro. A dissociação entre eixo de concepção e eixo de percepção é estratégia que persiste ao lado do deslocamento de eixos da composição. ...Contudo, a serialidade quase inexistente no Mundaneum, tem aqui importância compatível com a diversidade dos componentes do programa. ...A Cidade Universitária inclui recintos de composição serial com elementos repetitivos – os conjuntos de escolas – mas também diferenciação do elemento repetitivo axial por tamanho – o conjunto da Medicina – e a composição de elementos singulares colocados em linha – o conjunto da Aula Magna. (COMAS, 2002, p. 113)

<sup>21</sup> Gorovitz, 1993, p. 34.

<sup>22</sup> Ibid., p. 44.



Croquis Le Corbusier da Cidade Mundial<sup>23</sup>



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Croqui preliminar<sup>24</sup>

Autonomia / Universalidade, então, pode ser o binômio que caracteriza o plano Corbusier para a Universidade na Quinta. Os seus espaços de formas autônomas estão subordinados funcionalmente ao conjunto, como também o conjunto pode ser autônomo em relação ao seu contexto, na consideração de seus aspectos físicos, ambientais e histórico-culturais. Com o caráter autônomo e bucólico do plano na Quinta, Le Corbusier repete entusiasmado o que já havia externado, ao visitar as universidades americanas, "Cada colégio ou universidade é uma unidade urbanística

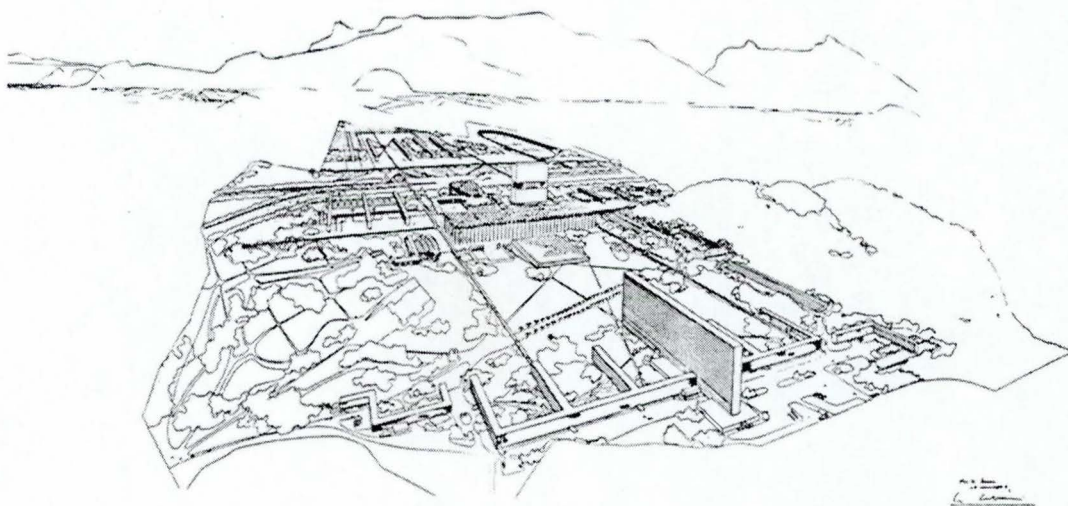
<sup>23</sup> GOROVITZ, 1993, p.59.

<sup>24</sup> GOROVITZ, 1993, p.35.

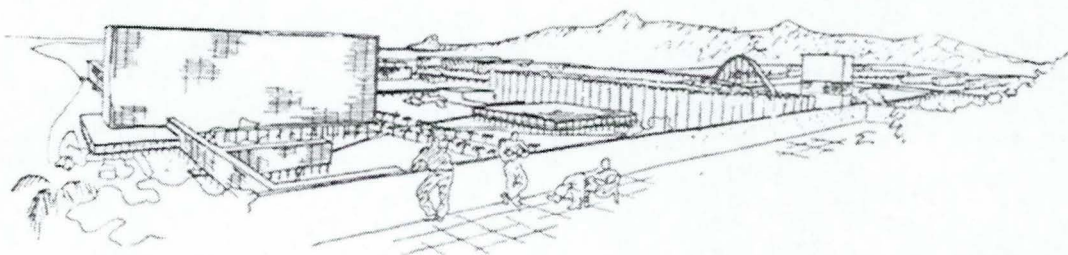


em si, uma cidade pequena ou grande. Mas uma cidade verde". A condição de universalidade, diretamente relacionada com a condição homogênea que o plano apresenta, são os atributos de uma arquitetura que sugere poucas alternativas de escolha para o indivíduo no uso dos espaços. A evidente ausência de uma estrutura urbana pegada a preexistência resulta em um sistema de espaços abertos que envolvem as edificações, ordenados e comprometidos somente com o espaço maior. Matheus se refere a estes espaços como elementos que,

[...] não se configuram como particulares, não decorrem de um modo específico de agenciamento dos edifícios – eles são isotrópicos, infinitos, indiferenciados – atributos que os conservam independentes da presença das edificações. ...é impossível identificar espaços que pelas dimensões ou por seu posicionamento se diferenciem no conjunto. ...é ele que permite estabelecer relações entre as partes do projeto. (GOROVITZ, 1993, p. 47)



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Le Corbusier - Croqui Plano <sup>25</sup>



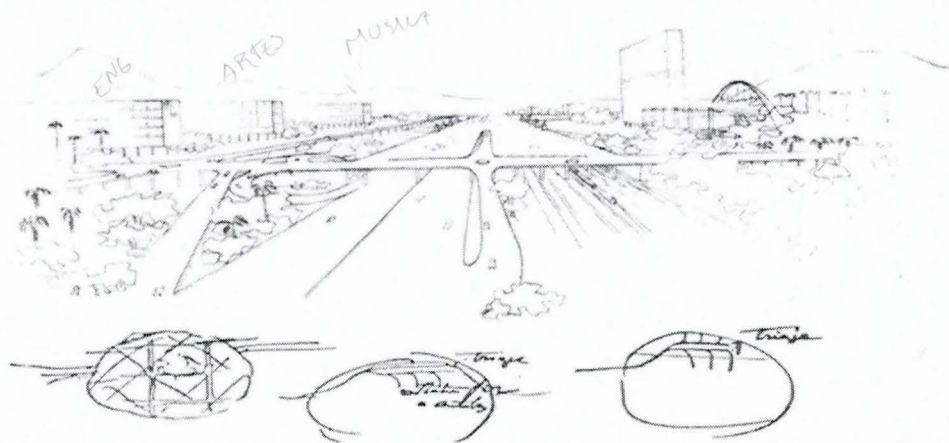
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Le Corbusier Croqui do conjunto da Medicina <sup>26</sup>

<sup>25</sup> HARRIS, 1987, p.103.

<sup>26</sup> Ibid., p. 104.

A ênfase da proposição de Corbusier está na solução viária, com a presença marcante das vias elevadas e passagens de nível que servem a uma imensa plataforma de distribuição centralizada, fazendo desta técnica uma de suas imposições mais imperativas. A sua ordenação, feita por um sistema de eixos paralelos e ortogonais, reais e virtuais, de pedestres e veículos, sujeito à direção da estrada de ferro. A disciplina funcional é imposta por um subsistema de circulação, composto por vias elevadas para o tráfego motorizado e de pedestres ao nível do solo. A relação entre os edifícios é assim comentada por Comas.

Os corpos unem transversalmente os blocos das escolas proporcionando outras possibilidades de diferenciação dentro da repetitividade, incluindo a de alinhamento edilício junto ao entorno existente. As edificações recuam perceptivelmente alinhadas com o traçado viário. (COMAS, 2002, p. 113)



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Le Corbusier Sistema viário e acesso<sup>27</sup>

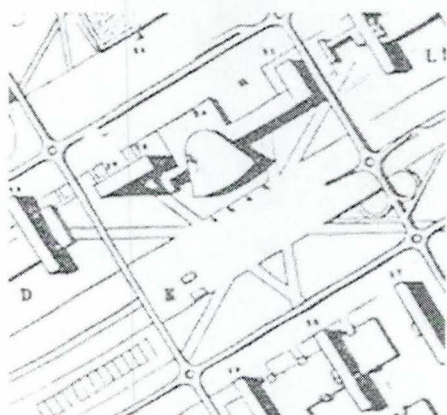
O que orienta e alinha a implantação dos edifícios é o eixo de categoria virtual, que começa no Grande Auditório, na seqüência o Museu do Conhecimento, a Esplanada das dez mil palmeiras imperiais, finalizando com o volume da grande placa do Hospital Universitário, no outro extremo. A orientação dos edifícios no sentido transversal ao vale e no meio da generosa paisagem da Quinta priorizava a que as montanhas aparecessem em todos os seus horizontes. Em sentido oposto, a virtualidade coincide com o volume da Faculdade de Arquitetura, parte de um conjunto de três, dispostos no sentido da composição, Engenharia, Artes e Música. A síntese de Comas esclarece a idéia,

<sup>27</sup> GOROVITZ, 1993, p. 75.

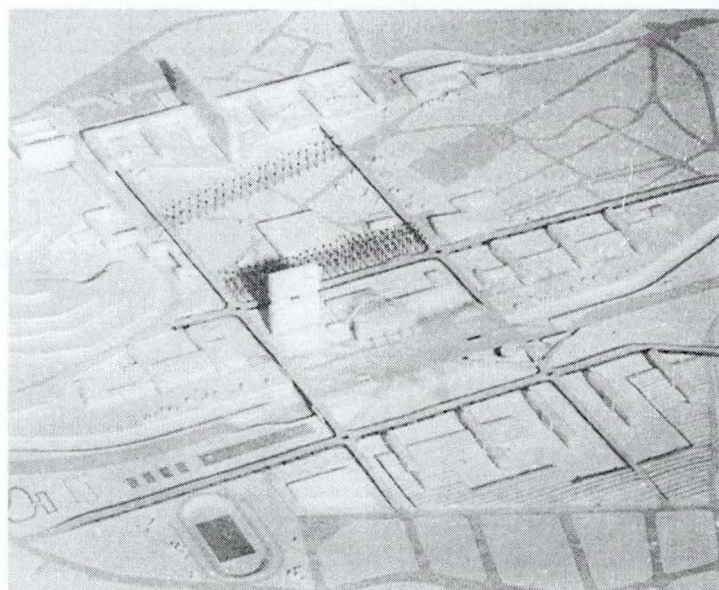


[...] dois eixos ortogonais estruturam a concepção. Um se orienta grosso modo NE-SO, equivale ao eixo de acesso e corresponde à borda da faixa de ferrovia e autopista. O outro, NO-SE, corresponde à linha média do vale e se apresenta como o eixo das edificações emblemáticas do empreendimento: a Aula Magna, o Museu do Conhecimento e o Hospital. [...] As escolas se equacionam como blocos de cinco andares de altura, alinhados com o eixo NO-SE, afastados cem metros entre si e vinculados por corpos mais baixos ou de igual altura. (COMAS, 2002, p. 112)

O grande espaço central é resultado da geometria viária onde a auto-estrada se junta com precisão às vias da Cidade Universitária por um sistema de trevo, conduzindo aos estacionamentos, mas de forma indefinida com as vias da malha preexistente. Na interpretação de Matheus, o centro do projeto é tão somente geométrico, “[...] e não um espaço de celebração, o que resulta na ausência de espaços onde a integração social da coletividade poderia ser celebrada, como as praças e avenidas, dimensionada para uso público”. (GOROVITZ, 1993)



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Le Corbusier  
Detalhe da planta geral<sup>28</sup>



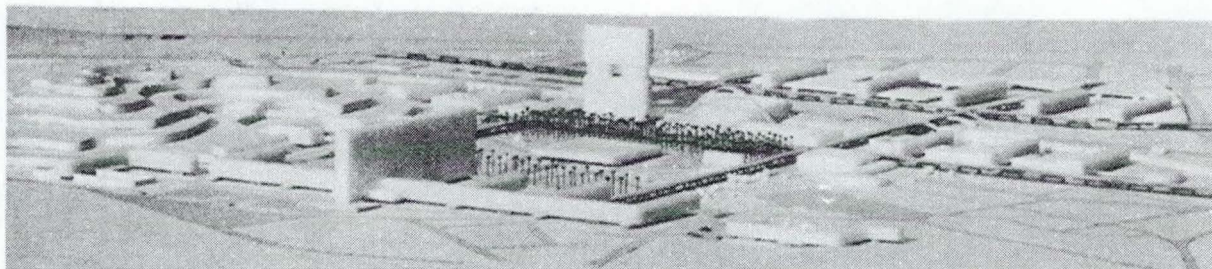
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Le Corbusier<sup>29</sup>

O plano propõe a divisão do Campus em quatro grupos de cursos: Medicina; Direito; Letras, Filosofia e Ciências; Artes, Arquitetura e Engenharia, dispostos ao redor do Museu do Conhecimento, simbolizando a interdisciplinaridade característica da educação universitária moderna. A excepcionalidade fica por conta dos volumes da imponente e excêntrica torre da Biblioteca em equilíbrio com os da Aula Magna e do Museu, em cenário das palmeiras, todos situados no centro geométrico da composição.

<sup>28</sup> HARRIS, 1987, p. 103.

<sup>29</sup> GOROVITZ, 1993, p. 103.





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Le Corbusier<sup>30</sup>

As Faculdades, o Centro Desportivo e os Alojamentos são conjuntos de pavilhões de tipologias repetidas, que se reúnem e se articulam por um critério de afinidade de programa. Nestes, os anfiteatros são exceções que, pela forma, denunciam seus espaços internos adequados à função de auditório. Noutra escala, a mesma característica esta presente no grande edifício da Aula Magna, cuja solução formal, expressa a necessidade de vencer o grande vão para a platéia propondo a exposição da estrutura em exoesqueleto.

O projeto foi apresentado em 6 pranchas de desenhos, identificadas com a sigla CUB – Cidade Universitária do Brasil:

CUB1 – Planta geral de situação - 1:2000

CUB2 – Planta geral de situação, 1:200 (colorida)

CUB3 - Três cortes, eixos: Leste-Oeste, Oeste-Leste e Norte-Sul

CUB4 – Perspectiva geral “*a vol d’oiseau*”

CUB5 – Planta, Ligação com o centro da cidade; colorida

CUB6 – Perspectiva sobre a estrada de ferro e esplanada; 1:2000

Apreciado pelos componentes da Comissão que – mesmo concordando com as novas idéias do urbanismo e da arquitetura - não aceitavam o modo como tinham sido resolvidas as questões de conforto, como a orientação solar dos edifícios, necessitando condicionar mecanicamente o ar na maioria dos seus ambientes, o que seria inviabilizado por questões econômicas e técnicas. Quanto à concepção geral, as objeções da comissão referiam-se à exagerada centralização das atividades e

<sup>30</sup> GOROVITZ, 1993, p. 38.



dimensão das áreas abertas resultantes, à área considerada demasiado ampla no grande pilotis e às dimensões dos viadutos.

Planos e propostas se avolumavam e as restrições da Comissão do Plano, em pareceres, na maioria das vezes de engenheiros julgando a arquitetura, limitavam as tarefas de propor novas soluções.

Imediatamente após a recusa do plano de Corbusier, a equipe de Lucio Costa composta pelos arquitetos Afonso Eduardo Reidy, Firmino Saldanha e Paulo Fragoso, por solicitação do Ministro, apresenta à Comissão Geral dos Professores a sua versão para ocupação da Quinta com a Universidade. Na abertura dos trabalhos o Ministro comunicou os convites feitos a Piacentini e a Le Corbusier, e as respectivas decisões sobre estes projetos. Mesmo não aceito, o trabalho de Corbusier seria entregue aos arquitetos como elemento informativo.

### 2.3.2 Lucio Costa em Equipe – Segundo Anteprojeto

Tendo sido rejeitada pela comissão de professores a proposição de Le Corbusier, solicitou-me o ministro Capanema novo projeto que ocupasse ao maximo a área plana do terreno. (COSTA, 1981, p. 173)



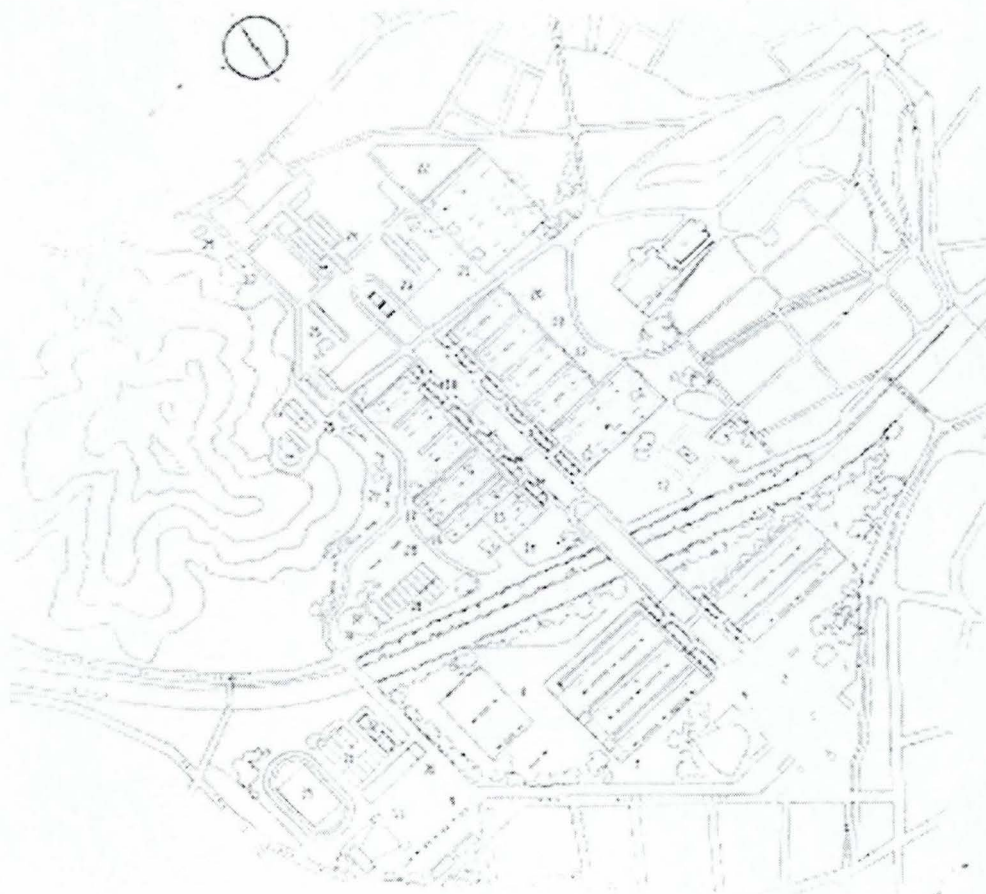
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa<sup>31</sup>

<sup>31</sup> GOROVITZ, 1993, p. 42.



Conceitualmente o plano de Lucio Costa e os associados Firmino Saldanha, Afonso Reidy e Paulo Fragoso, distinguia a presença da Universidade como único organismo e de cada escola sua em particular. Celebrando compromisso com a tradição através da arquitetura, Lucio celebra também a existência da Universidade como instituição culturalmente sedimentada e historicamente vinculada.

O programa complexo elaborado por uma comissão de professores a partir das propostas de varias congregações, estava acompanhado, por solicitação do projeto, de dados climáticos, orientação e das condições ambientais específicas do bairro. Estava pré-determinado, como no plano de Corbusier, pelo Escritório do Plano, a implantação do Hospital em local sossegado e de acesso independente com a conveniência de aproveitar a parte plana e desimpedida do terreno, sugerindo o extremo oposto para a entrada principal da Universidade.



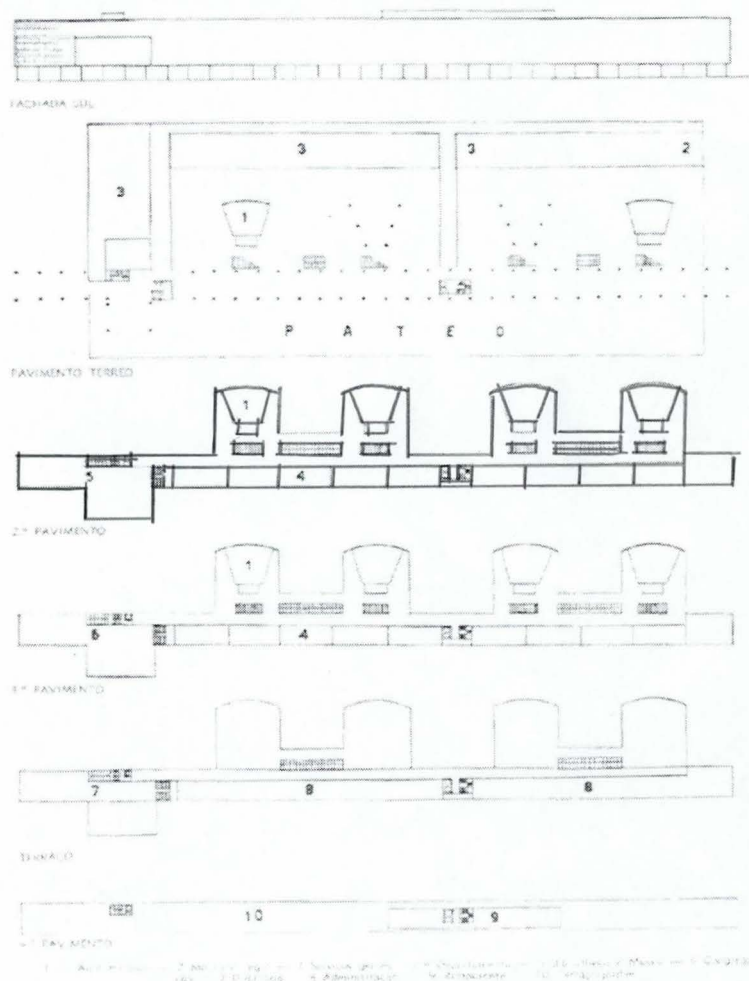
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa - Planta Geral<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Ibid., p. 411.



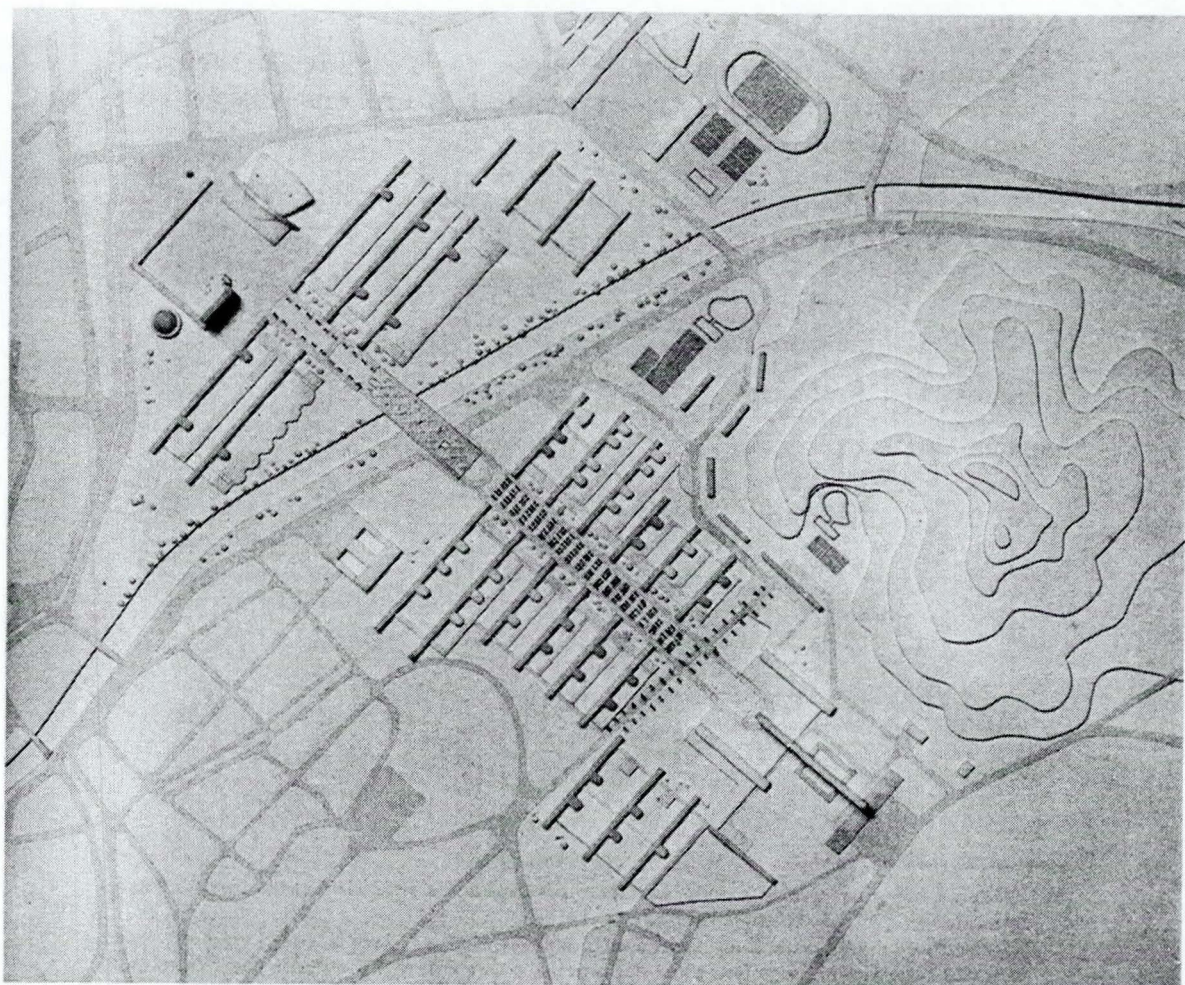
Comas observa que Lucio Costa entendeu mais conveniente interpretar este programa classificando dois grupos de elementos, dos serviços departamentais e administrativos, e das salas de congregação, aula teórica e auditórios. A condição básica era de que cada escola tivesse orientação uniforme, em isolamento e resguardo, com independência entre os departamentos, possibilitando que estes se articulem com as salas de aula, em planta flexível e clara definição das suas circulações e acessos. COMAS interpreta a estrutura do plano de Lucio Costa e equipe, como proposta que,

[...] valida tacitamente as críticas da Comissão e explicita na memória um método distinto. Enquanto Le Corbusier parte da trama viária, Lucio parte do sistema departamental, que implica a seu ver numa padronização das escolas em relação aos elementos e/ou particularizados do programa, a Reitoria, a Biblioteca Central, a Aula Magna, o Museu, o Hospital e a escola residência de Enfermagem, o Estádio, o Teatro e a escola de Música de Câmara, as residências e o clube Universitário. (COMAS, 2002, p. 114)

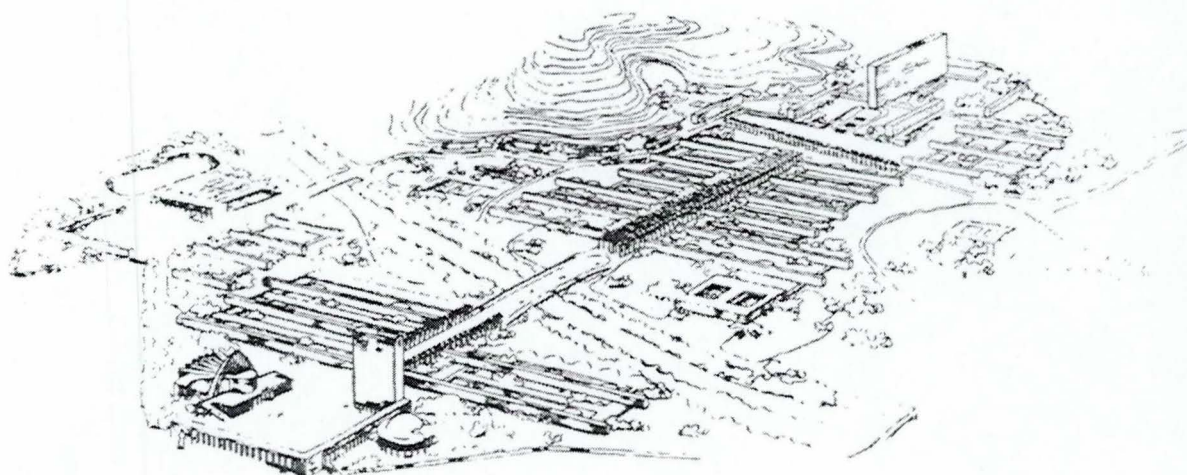


<sup>33</sup> COSTA, 1995, p. 178.





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa - Maquete<sup>34</sup>

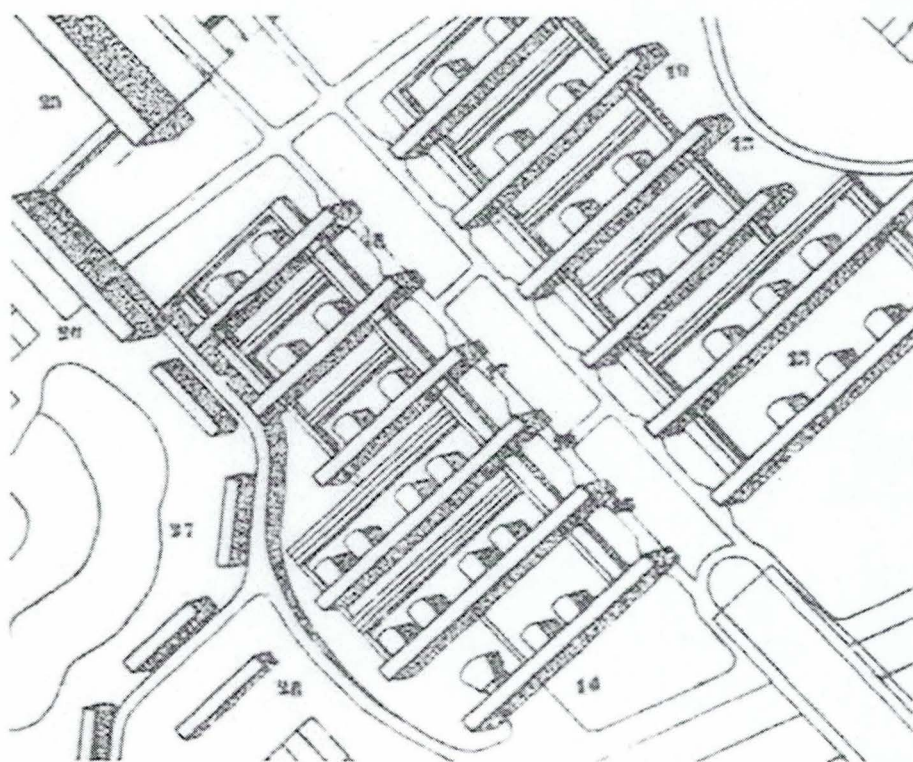


Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa – Perspectiva Geral<sup>35</sup>

<sup>34</sup> GOROVITZ, 1993, p. 56.

<sup>35</sup> COSTA, 1995, p. 172.





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa - Detalhe Planta Geral<sup>36</sup>

A geometria deste conceito orienta as escolas no sentido da melhor disponibilidade da área, segue a direção do meio do ângulo entre as ruas Maracanã e Derby, conforma o grande canal aberto em Passeio Central ladeado pelas escolas, com 100 metros de largura, composto por faixas laterais arborizadas e de rolamento de 20 e 9 metros respectivamente, por onde as percepções se oferecem ricas a quem percorre a Cidade Universitária desde o Hospital ao norte até Pórtico na Praça de Acesso, Aula Magna, Reitoria, Biblioteca e Planetário ao sul, extremos de intensa solicitação pública. Ao contrario do plano de Corbusier, este era um canal real, que distribuía o circuito peatonal ao longo de toda a Cidade Universitária, conectando-se a eixos perpendiculares e secundários para o acesso às Escolas, estimulando o passante a sensações diversas durante o percurso. Um sistema tipicamente dócil, que aceitava acréscimos e subtrações sem no entanto alterar a sua estrutura. Prova disso foi a localização posterior da Escola de Música e da Escola de Enfermagem. A Escola de Música junto ao setor de esporte, por recomendação do programa, necessitava de relativa independência em razão da natureza do ensino e ser freqüentada por alunos de pouca idade, devendo por isso ter acesso fácil e direto. A Escola de Enfermagem, que em virtude das condições especiais de sua

<sup>36</sup> GOROVITZ, 1993, p. 42.



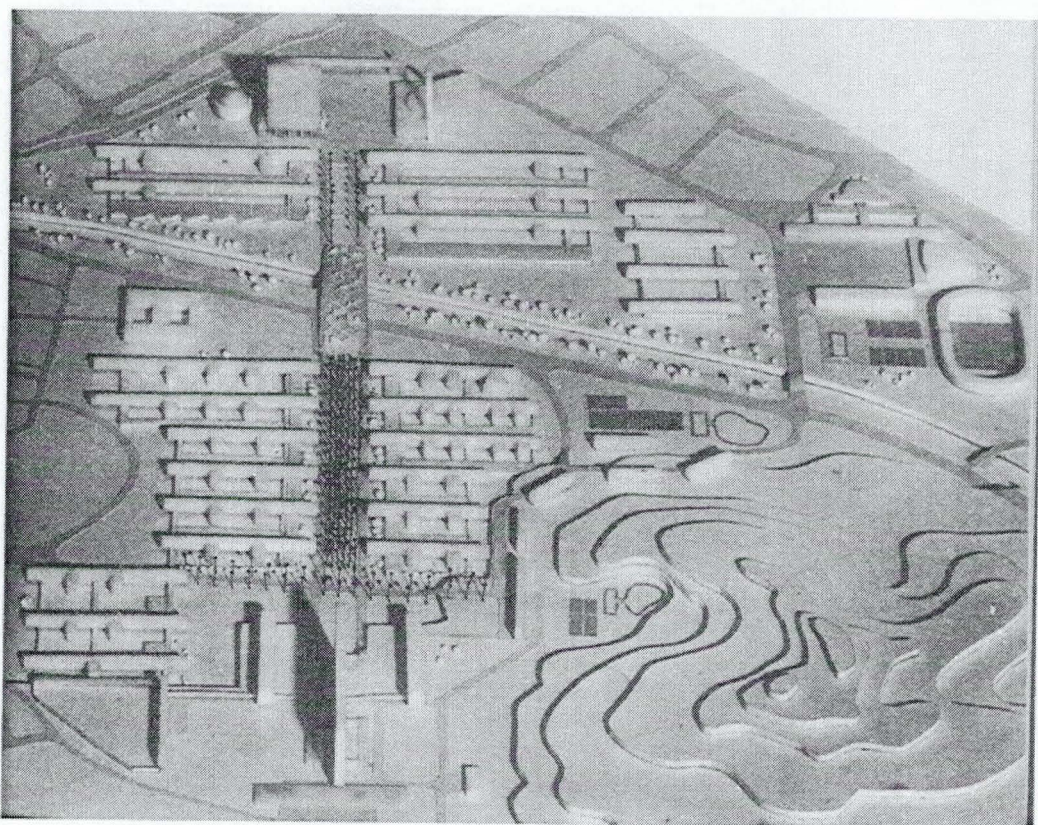
organização, contava com uma situação diversa das demais, se tratava de uma residência escola e a proximidade com o Hospital e sua estrutura era conveniente. A rua Derby também é figurante quando encontra a rua lindeira do Centro Olímpico vinculando a Cidade Universitária com a trama do bairro-sede criando um terceiro ponto de interesse público.

Essência, condição e excepcionalidade, materializados respectivamente nas Escolas, Hospital e Pórtico, são elementos básicos e mínimos que Lucio propõe para confirmar o grande eixo articulador do seu projeto. Nas Escolas Lucio busca atender a todas com solução uniforme de orientação dispondo o conjunto a 80° anti-horário norte-sul. Decorre daí a solução com plantas padronizadas em fita simples de circulação lateral, dispostas em seqüência paralela, conformando pátios internos entre os pilotis e as paredes de pouca altura, na busca de algum resguardo, que, como comenta Comas,

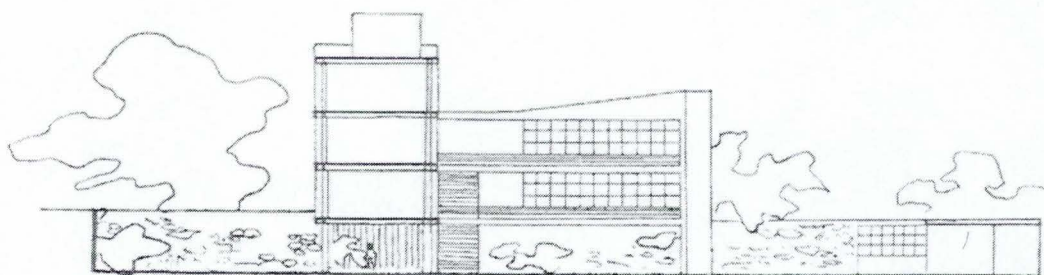
[...] se integram pelo pilotis aberto. O contorno confinado vai garantir identidade e relativa flexibilidade de resolução do térreo, incluindo estacionamento para professores, mas chama atenção o fato do pilotis não ser justificado nestes termos, como o faz Le Corbusier. Lucio se preocupa em não reduzir a utilidade do pilotis a estacionamento, apoiado no clima benigno que permite igualmente reviver o costume antigo de tratar o corredor como varanda e não fechar escadas nem saguões. O pilotis é acesso coberto, portaria, cantina, espaço de recreação e socialização e a imaginação de Lucio o povoa de estudantes. Ao mesmo tempo, cômico das demandas de hierarquia, insiste nas vantagens da separação de acessos de professor e aluno. (COMAS, 2002, p. 116)

O que antes era feito tratando o embasamento do edifício com material opaco e de aspecto robusto - componente que representava a solidez da construção, no plano de Lucio Costa para a Quinta esta é substituída pelo pilotis, por onde o horizonte fica desimpedido e a vista se prolonga sob as construções, contribuindo para maior sensação de leveza e, em consequência, de bem estar. Respeitando as especificidades, esta organização causa muita semelhança às diferentes escolas do programa, quando repete em todas, a Sala de Congregação, Sala de Aula Teórica, Sala Especial de Prova e o Conjunto Administrativo. Assim a opção por sistemas padronizados e coordenados entre estrutura e instalações, com a solução em laje dupla e a consequente ausência de vigas internas, permite mais flexibilidade na compartimentação interna dos recintos das escolas. Solução literalmente oposta e classificada como "de dentro para fora".

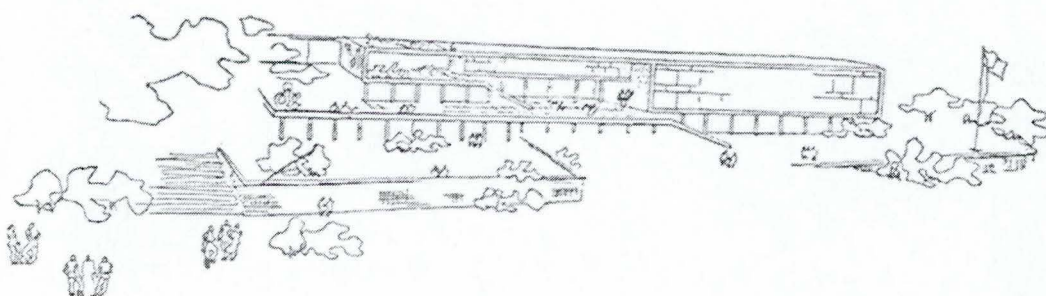




Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa – maquete <sup>37</sup>



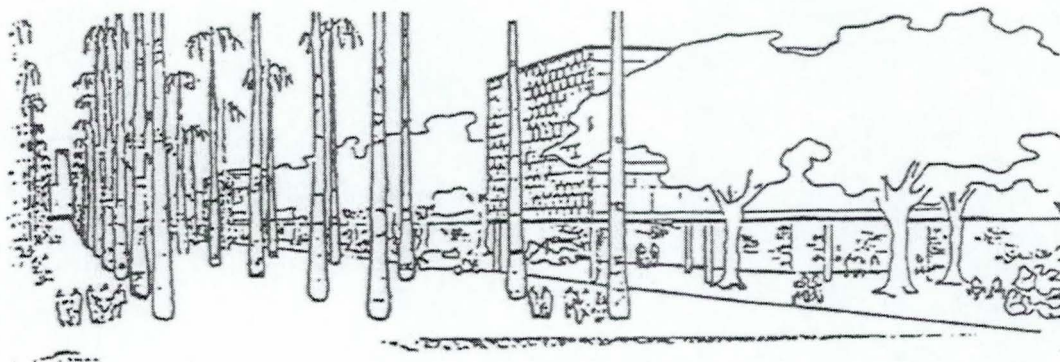
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lúcio Costa <sup>38</sup>



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa - Pátios e Pilotis <sup>39</sup>

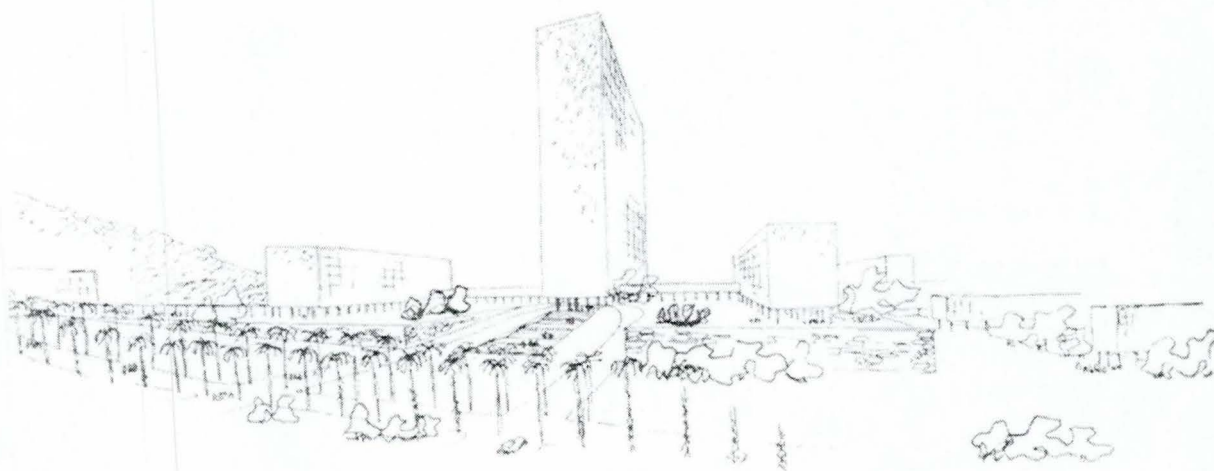
<sup>37</sup> GOROVITZ, 1993, p. 40.





Lúcio Costa, Perspectiva passeio central<sup>40</sup>

O Hospital é a idéia do plano de Le Corbusier em barra de 15 pisos usada por Reidy, conectado com alas de plantas em barras baixas para os serviços das clínicas especiais, das Escolas de Medicina e de Enfermagem. Na observação de COMAS, tamanho, local e representação, fazem a montagem do conceito da arquitetura “de fora para dentro”. O volume se impõe logo depois de um renque enviesado de arvores, enfrentando por sua empena cega, o eixo central da composição que ordena o conjunto das escolas, acertado com elementos de fachadas adequados à captação do melhor sol para as enfermarias.



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa - Centro Médico<sup>41</sup>

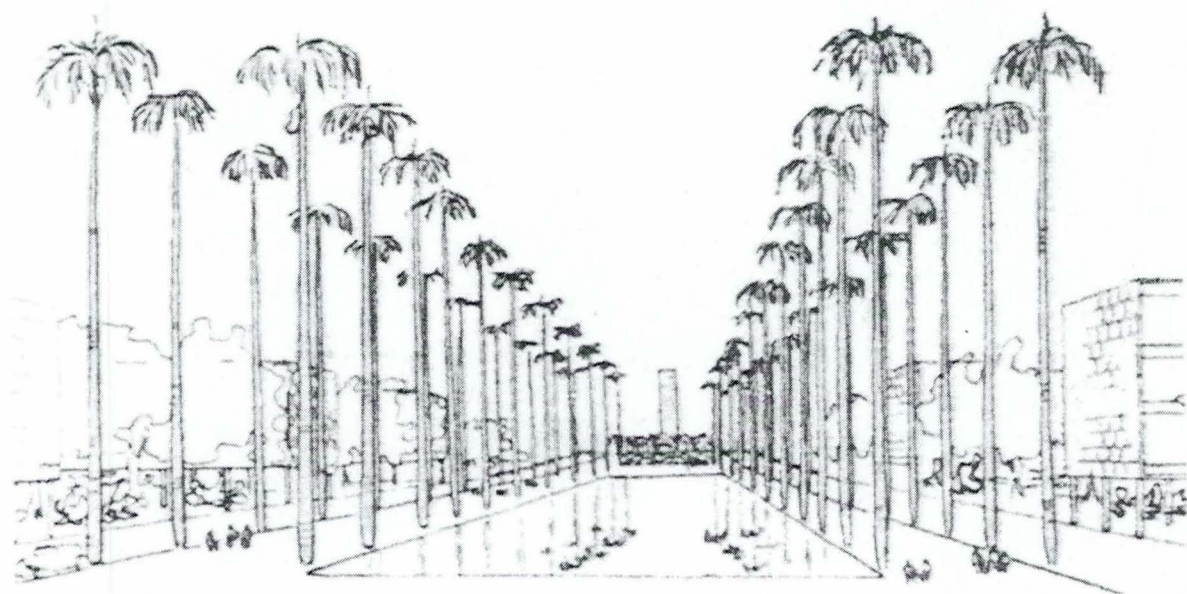
<sup>38</sup> GOROVITZ, 1993, p. 49.

<sup>39</sup> Ibid., p. 48.

<sup>40</sup> Ibid., p.41.

<sup>41</sup> Ibid., p. 82.





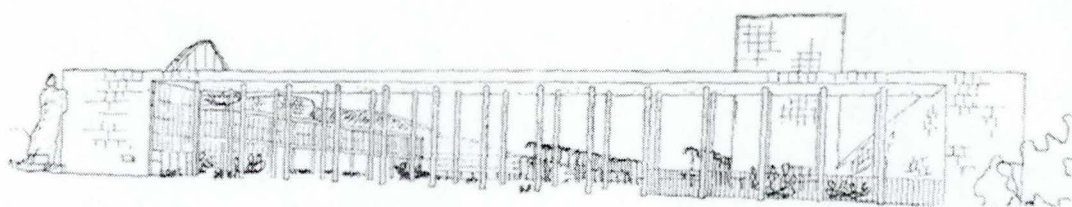
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa  
Esplanada das Palmeiras Imperiais<sup>42</sup>

Sem tomar a feição do bairro, o plano explora o terreno até os seus limites, conforma a entrada principal da Cidade Universitária em uma área triangular de 300 m. de lado aproximadamente, formada pelo encontro das vias lindeiras Derby e Maracanã. Lucio propôs assim a troca da mesquinhez desta esquina pela generosidade de uma Grande Praça, “[...] ao fundo da qual será erguido o pórtico de grandes proporções e singeleza, marcada apenas por uma figura de caráter monumental”. A Praça é uma composição em quadrilátero inserido no grande espaço triangular extremo e confirmado pelo Pórtico, Auditório, Reitoria, Biblioteca, Planetário e Museu, acertada com o entorno por um ambiente aberto e externo de preparo ao Pórtico. Comas comenta esta parte da composição,

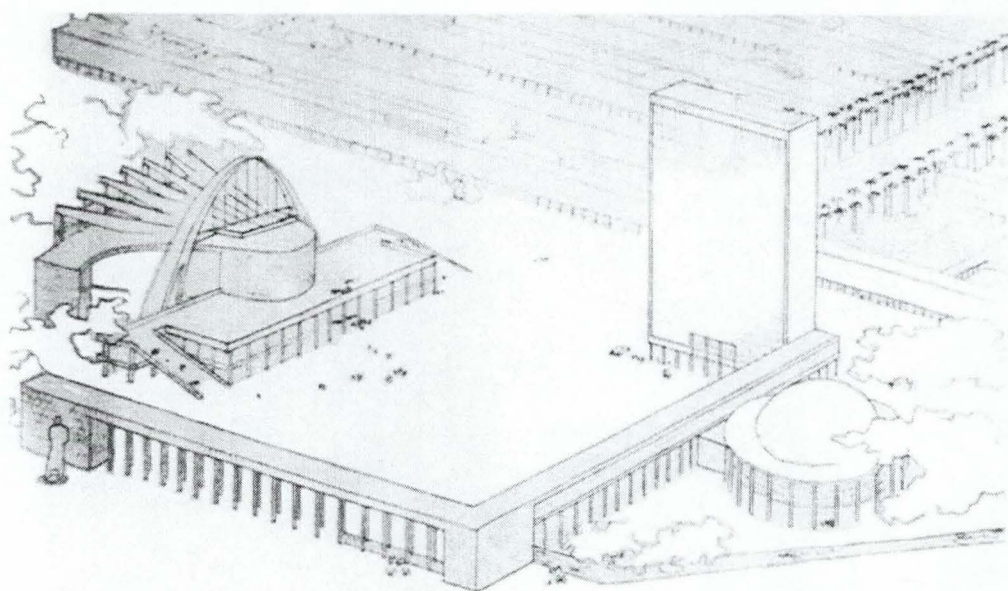
[...] o Pórtico monumental remete à Universidade de Roma e enfrenta Piacentini no seu próprio jogo. A Praça emerge unificada pela integração do Pórtico com Biblioteca e torre da Reitoria num colchete assimétrico e pela reiteração da altura igual de Pórtico e Biblioteca no vestibulo da Aula Magna fronteira, a versão simplificada do Auditório dos Sovietes proposta por Le Corbusier. O Auditório da Aula ocupa o triangulo residual junto à Rua Derby, o Planetário o oposto atrás da Biblioteca. Reitoria, Biblioteca e Aula Magna anteriormente justapostas agora se defrontam, o Museu se afasta. (COMAS, 2002, p.117)

<sup>42</sup> Ibid., p. 84.





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa - Perspectiva Pórtico<sup>43</sup>



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa – Pórtico<sup>44</sup>



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Lucio Costa  
Praça Acesso, Auditório e Biblioteca<sup>45</sup>

Ao contrário do plano de Le Corbusier que implanta em centralidade acentuada todos estes elementos excepcionais, Lucio prioriza o franco canal central aberto até o acesso, dispondo elementos de concepções plásticas diferentes, como “o Auditório com seu teto acústico suspenso à estrutura aparente e a Reitoria em prisma impecável de pura geometria”, num grande espaço aberto regular. Esta

<sup>43</sup> Ibid., p. 83.

<sup>44</sup> Ibid., p. 84.



montagem resultou em uma ambiência de acolhimento e chegada que por si só é o Pórtico. O ambiente é o Pórtico.

Lucio declara que não procurou imitar a aparência exterior das universidades americanas, nem tampouco as universidades européias modernas, como em Roma ou desarticulada como em Madrid. Contudo, conceitualmente o grande recinto aglutinador do Campus Americano e o espaço de estudo e resguardo dos Colleges ingleses, estavam presentes nos ambientes da Praça de Acesso e nos Pátios íntimos e exclusivos das unidades.

O projeto de Lucio Costa foi apresentado em sete pranchas, identificadas com as siglas UB – Universidade do Brasil, contendo:

- UB1 - Planta geral de Situação - esc. 1:2000
- UB2 - Planta do pavimento térreo - 1:2000
- UB3 - Cortes, elevação da entrada, Clube, Escola de Direito, Hospital e Museu
- UB4 - Estrutura das escolas e dos departamentos
- UB5 - Perspectiva geral
- UB6 - Perspectiva da entrada principal
- UB7 - Esquema mostrando os pontos de vista das perspectivas.

Para relator do projeto Lucio Costa e Associados foram designados, em comissão especial, os professores Leitão da Cunha, Souza Campos, Azevedo do Amaral, Rocha Vaz e Paulo Pires. Durante a análise do trabalho, foram formuladas algumas perguntas, as quais respondeu imediatamente em dia posterior.

Todas as subcomissões de professores, com exceção dos professores de arquitetura que não se pronunciaram, foram contrárias ao plano conforme os registros de Donato de Mello Jr., em decisão unânime, o projeto não poderia ser aceito por se afastar das bases estabelecidas pela comissão geral.

---

<sup>45</sup> Ibid., p. 84.

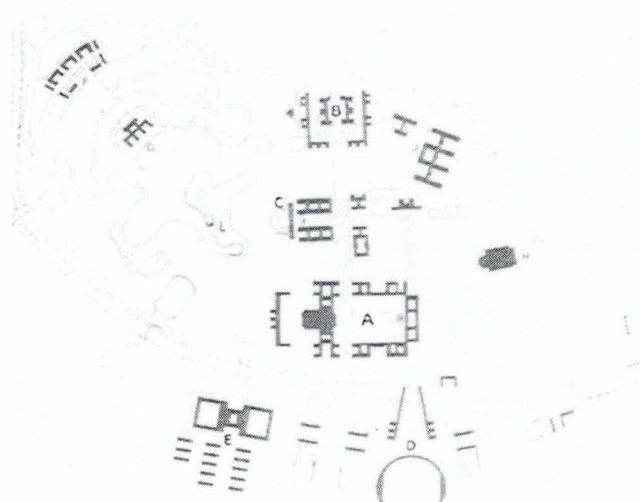


Lucio Costa em carta ao Ministro Capanema expõe toda a sua revolta contra o que chamava de “pura mistificação” da comissão e que pensou em exigir um inquérito, porem logo desistiu, compreendendo a inutilidade de qualquer reação ao fato consumado. No entanto fez questão de deixar para registro a sua conclusão sobre o assunto; [...] e o mais triste é que enquanto se preservar, durante anos e anos, na construção dessa coisa *errada*, estará dormindo em qualquer prateleira de arquiteto, a solução verdadeira – a coisa certa<sup>46</sup>.

Pela legislação nº 452 de julho de 37, a nova Universidade do Brasil foi declarada sob o conceito de “uma comunidade de professores e alunos consagrados ao estudo”, onde, além das escolas e dos institutos, também serão construídos os edifícios da Reitoria, Biblioteca, Auditório, um Estádio e a Piscina para as atividades físicas de ensino e lazer. Sua localização seria no Distrito Federal, num terreno com dois milhões e trezentos mil metros quadrados de área, no bairro da Quinta da Boa Vista. A condição era a de que os jardins do bairro se incorporariam à Universidade, que os devia conservar como patrimônio histórico e artístico nacional. Do capítulo referente às edificações, declara o documento, “A Universidade do Brasil, organizada como Cidade Universitária, será edificada segundo um plano de conjunto”,

### 2.3.3 Piacentini & Mompurgo – Terceiro Anteprojeto

- A – Reitoria, Direito, Ciências Naturais e Ciências Humanas
- B – Ciências Médicas
- C – Belas Artes
- D – Educação Física e Esportes
- E – Engenharia
- F – Residência
- G – Sanatório
- H – Música
- J – Hospital
- L – Farol da Civilização



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Mompurgo – Planta Geral<sup>47</sup>

<sup>46</sup> MELLO JR., 1956, p. 62.

<sup>47</sup> TOGNON, 1999, p. 102.



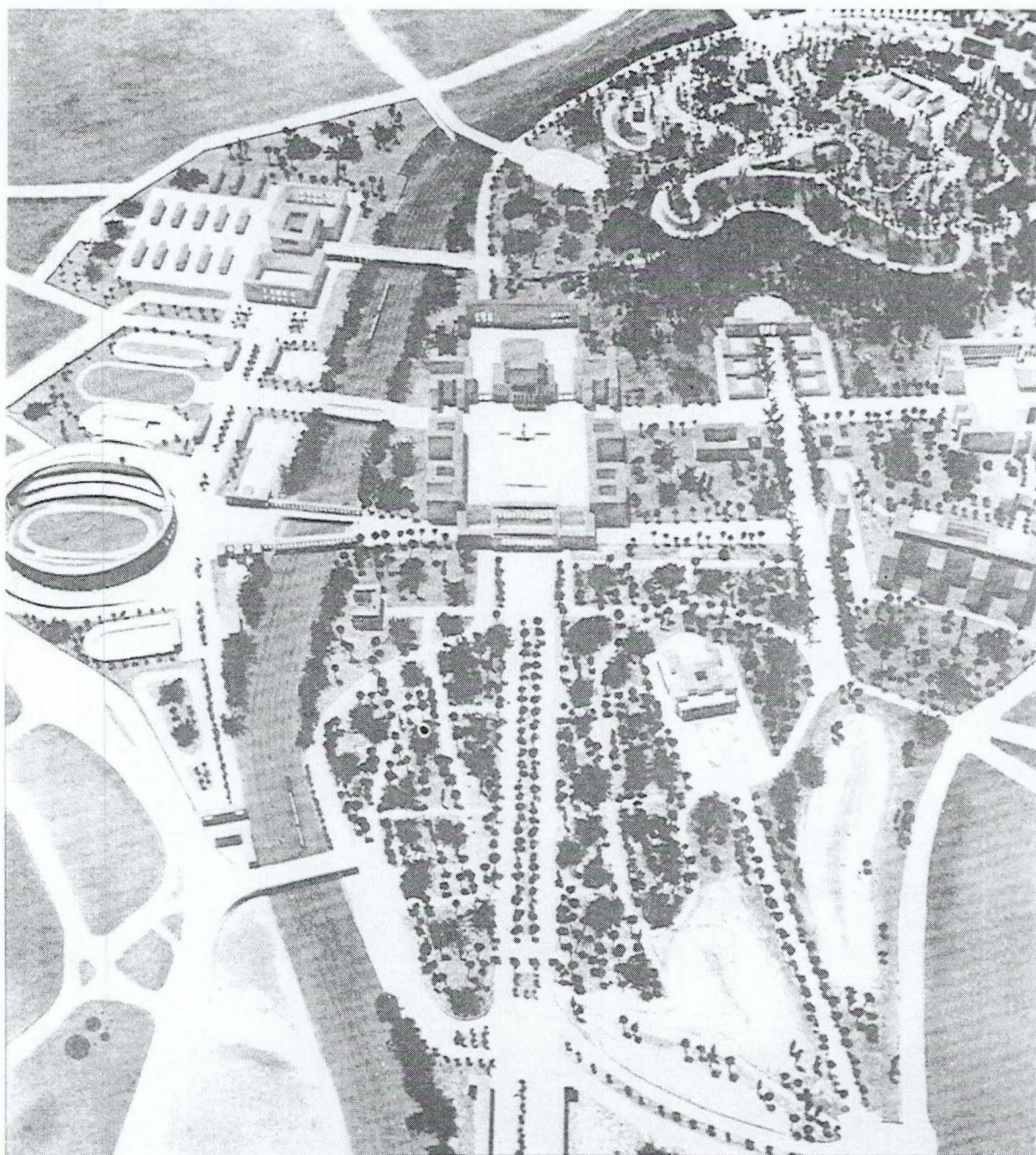


Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Morpurgo - Carimbo<sup>48</sup>

Conforme o acordo de 36, quando da sua primeira visita ao Brasil, Piacentini seria consultado para futuros estudos de projeto da nova Cidade Universitária brasileira. Compromissos com a Universidade de Roma, na direção da Faculdade de Arquitetura e outros internacionais assumidos anteriormente, o impediam de assumir o projeto no Rio. Indicou o Engenheiro Francesco Guidi, diretor do Escritório Técnico da Universidade de Roma, especialista em instalações, mas acabou confirmando, como substituto, seu colaborador romano Vittorio Ballo Morpurgo. Morpurgo permanece no Brasil de setembro a dezembro de 37, onde desenvolve os primeiros estudos que são levados a Piacentini na Itália para os retoques finais. De Roma, por carta em maio de 38, Piacentini informa Capanema que o projeto está concluído e em fase final de apresentação. A mesma mensagem informa também sobre o anteprojeto do Hospital Universitário, desenvolvido sem os mesmos detalhes de informação dos programas dos outros centros. O projeto foi enviado pelo correio em junho de 38.

<sup>48</sup> Ibid., p. 97.





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Murgu – Maquete<sup>49</sup>

Piacentini e Murgu optam por atender as determinações de lei de julho de 37, considerando as características físicas e ambientais da Quinta, preservando e incorporando os seus Jardins e atendimento ao programa de área física para a nova Universidade do Brasil. A “dimensão” deste projeto não se restringia a um ambiente construído até os limites da Quinta, no entendimento de Piacentini tinha a missão de

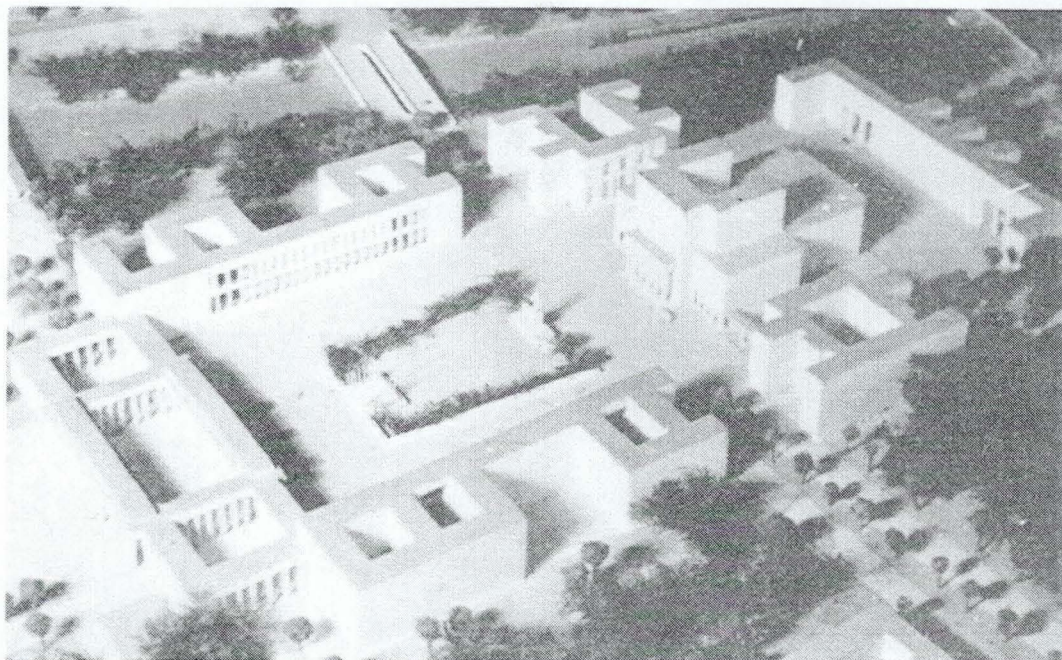
<sup>49</sup> Ibid., p. 100.



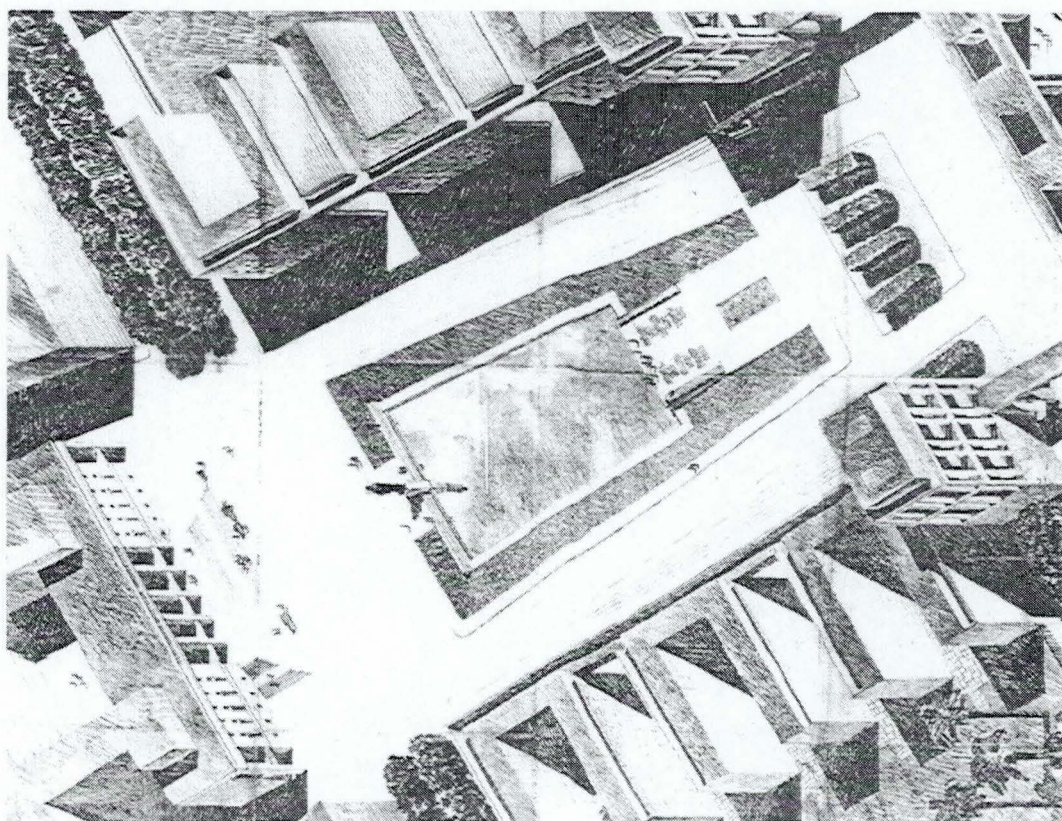
consagrar suas monumentalidades e melhorar seus arredores. Assim, a proposta reforçou o caráter monumental dos grandes eixos renovadores de Pereira Passos para as Avenidas Central e Presidente Vargas, solução considerada adequada e sobretudo oportuna à uma capital nacional. Um eficiente traçado viário comunicava o centro principal do Rio e a Cidade Universitária pela grande avenida das Palmeiras, desenhada desde a antiga Praça da República na avenida Presidente Vargas até o Pórtico de entrada na Praça da Reitoria, núcleo principal da Cidade Universitária. Esta intervenção procurava requalificar a região ao Norte da Av. Presidente Vargas, sob os auspícios da iniciativa pública e privada.

O plano para a extensão de Roma era a mais recente obra urbana de Piacentini cujo elemento de maior destaque era a avenida central em eixos paralelos conformando um grande espaço central. Como preceito básico do desenho da nova cidade brasileira do estudo, Morpurgo mencionava Roma para estabelecer as vias articuladoras dos encontros monumentais entre a arquitetura e as suas respectivas praças. Funcionalmente, são muitas avenidas, algumas ruas, poucos e pequenos desvios, mas todos privilegiam as preferências visuais dos conjuntos dos núcleos universitários. A orientação do seu desenvolvimento é o mesmo dos planos anteriores, norte/sul, com o acesso girado a quase 90 graus, em posição paralela entre o Palácio Imperial e a linha férrea, até o Pórtico duplo/vazado que define um dos lados da Praça da Reitoria e no seu sentido maior o primeiro eixo transversal. Este tem limites entre a torre das Enfermeiras e Hospital ao norte e ao sul pelo estádio do Centro Olímpico. Em posição paralela com o Pórtico, no outro lado da Praça, o segundo e maior eixo transversal da composição articula os Centros de Ciências Médicas ao norte, o Centro de Belas Artes e no extremo sul o Centro Olímpico. O Palácio da Música e o Núcleo das Engenharias têm somente vínculos geométricos com a estrutura da composição, suas conexões com o conjunto são desacertadas e desproporcionais. A linha férrea é interpretada como um grande canal de rio, por onde trespasam pontes, sintonizando os principais eixos visivos da composição com o núcleo esportivo e das Engenharias.





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Morpurgo Maquete Praça Reitoria<sup>50</sup>



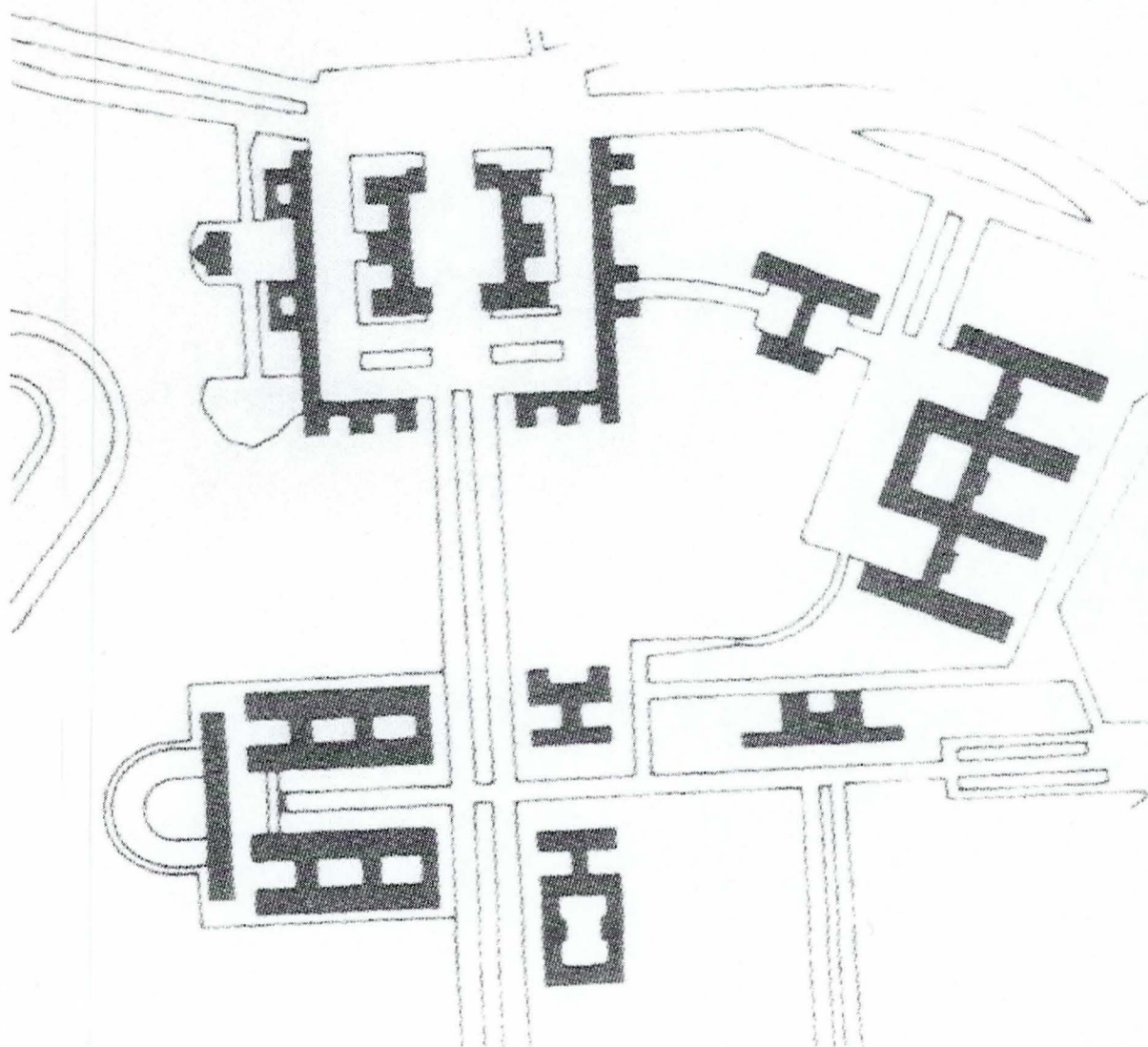
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Perspectiva aérea – Piacentini e Morpurgo<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Ibid., p. 112.

<sup>51</sup> Ibid., p. 112.



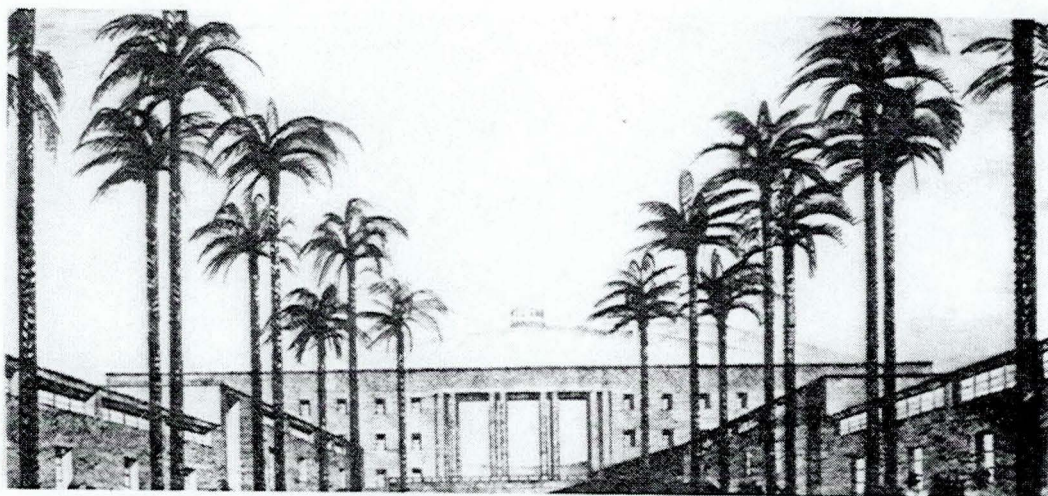
Cada centro é um conjunto de unidades ou atividades afins, conformando núcleos de edifícios e pátios vazados apenas pelos grandes canais de circulação. Neste sentido a organização espacial da Praça da Reitoria segue a do Fórum Romano de Camilo Sitte de 1909, limitada nas laterais pelas elevações horizontalizadas dos edifícios das Ciências, Letras, Filosofia e Direito e no fundo pelos edifícios da Reitoria e Sala Magna. O grande espelho d'água central refletia as formas quadradas das elevações circundantes e as curvas de Minerva, a deusa da sabedoria. No sentido norte, os edifícios da Escola de Belas Artes são alas do eixo das Palmeiras finalizado ao fundo pelo Teatro, antes da encosta do morro conformar as suas arquibancadas, aberto para o Farol da Civilização Latina.



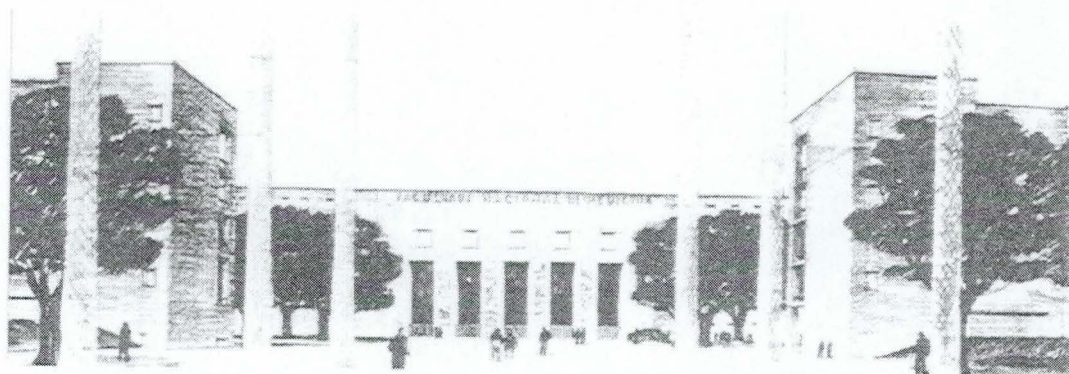
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Detalhe Planta Geral<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Ibid., p. 102.

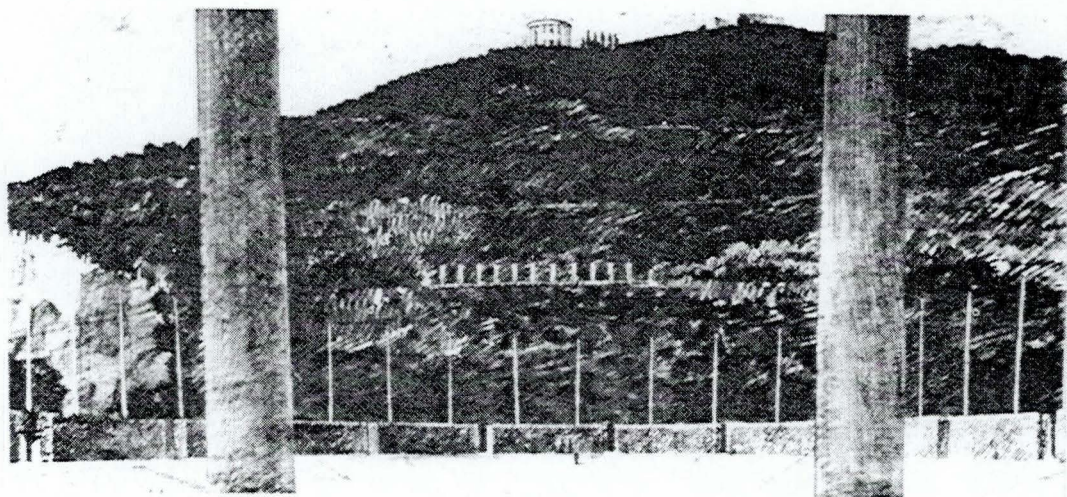




Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Morpurgo<sup>53</sup>



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Morpurgo – Área Médica<sup>54</sup>



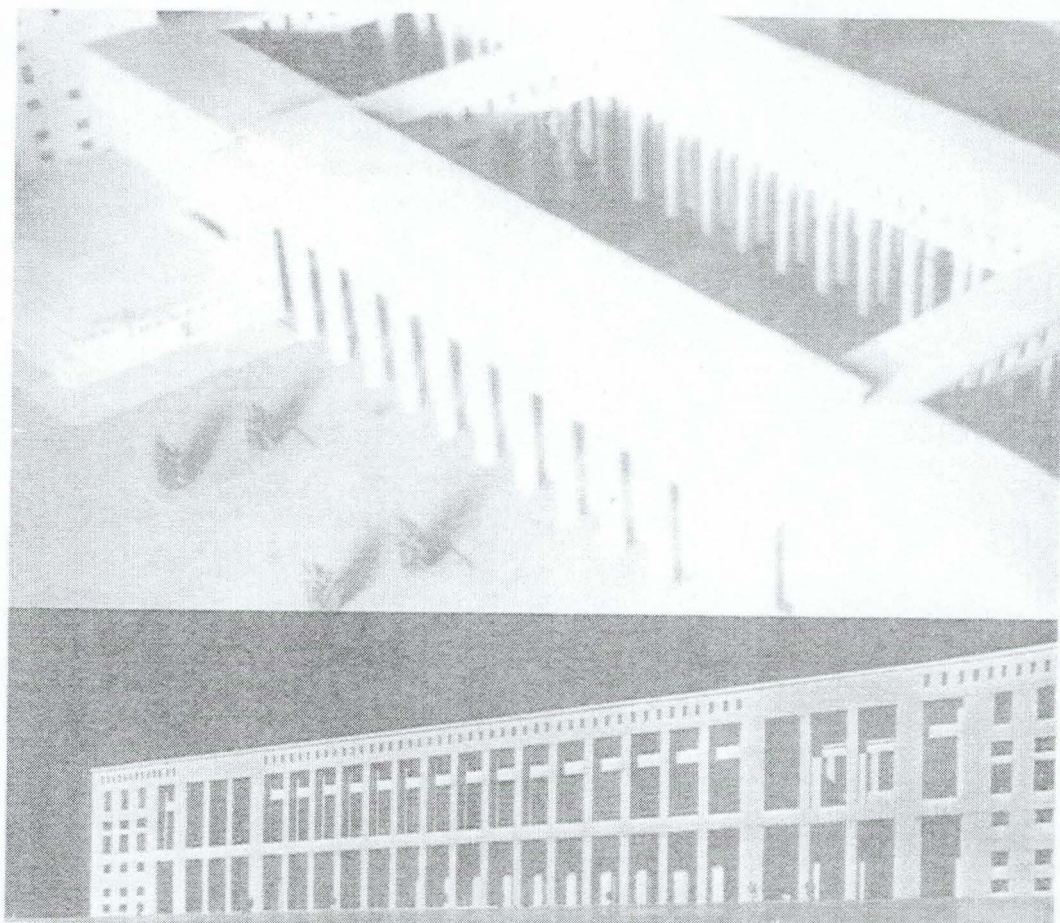
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Morpurgo  
Teatro e Farol da Civilização<sup>55</sup>

<sup>53</sup> Ibid., p. 123.

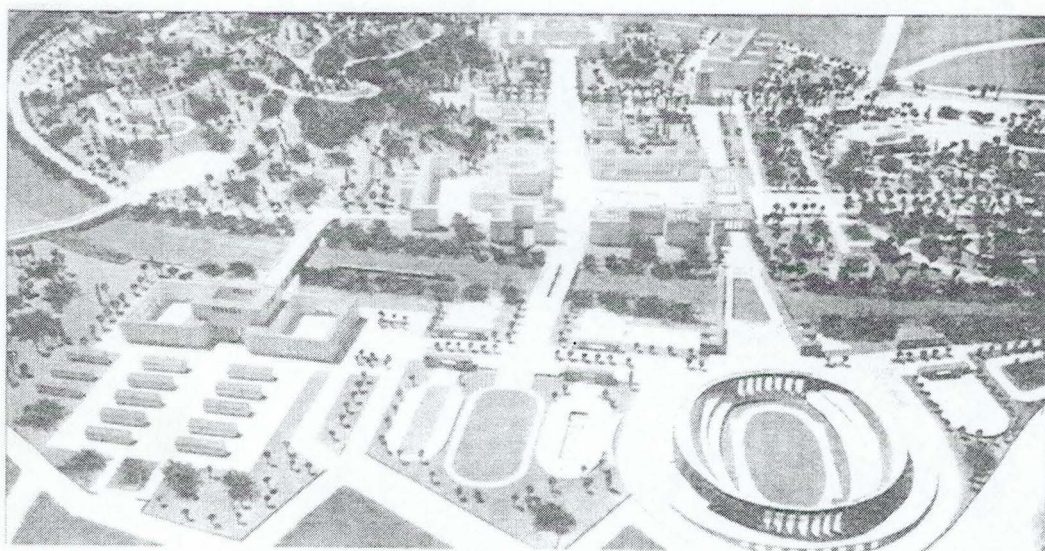
<sup>54</sup> Ibid., p. 122.

<sup>55</sup> Ibid., p. 123.





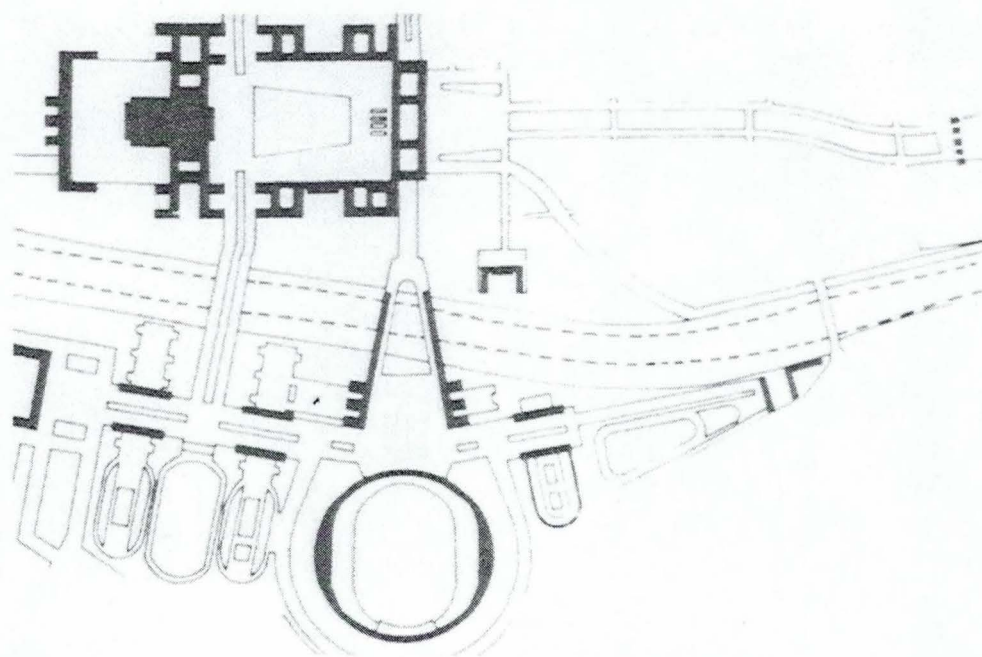
Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Morpurgo  
Vistas Aérea e Frontal do Pórtico<sup>56</sup>



Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista – Piacentini e Morpurgo  
Maquete<sup>57</sup>

<sup>56</sup> Ibid., p. 116.





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista - Piacentini e Mompurgo  
Detalhe Planta Geral<sup>58</sup>

A conclusão deste eixo interno é o conjunto do Centro de Medicina, Hospital e Clínicas, conformando suas construções entre espaços abertos e fechados, se expondo para acesso público pela via perimetral dos bairros vizinhos, privilegiando, em circuito oposto, as circulações internas dos estudantes. A correspondência oposta à Torre das Enfermeiras é o Estádio Olímpico, proposto segundo a tipologia do stadium romano, leva em consideração a importância do primeiro eixo transversal pelo grande Pórtico no reforço de um necessário vínculo independente e direto por viaduto duplo sob a linha do trem. A extremidade sul do eixo transversal interno termina decomposta em duas ortogonais direcionadas ao Estádio e às Engenharias. Também por conveniência, o Centro das Engenharias está organizado junto à via férrea, vinculado ao campus por uma das pontes. O mesmo rigor axial dos demais conjuntos está presente a partir do portal vazado, formado por volumes frontais e laterais, afeiçoados em pátios internos idênticos, que orienta o ingresso interno aos edifícios paralelos dos laboratórios, dispostos em alas até o acesso externo pela via do bairro circundante. Isolados por distância e altura, o Setor Residencial e o Sanatório ocupam a topografia disponível do vizinho Morro do Telégrafo em

<sup>57</sup> Ibid., p.101.

<sup>58</sup> Ibid., p.102.



disposição axial com o conjunto do Observatório e do Farol e convergentes ao centro da Praça da Reitoria. COMAS observa que a mesma solução clássica e abstrata está presente nas produções de Piacentini & Morpurgo para os projetos de Roma e do Rio, na maioria das vezes nascidos fechados e rígidos desde o solo, como monumentos de pouca exploração plástica. Como exceção fica o Estádio Olímpico e sua forma elíptica de topos vazados. A comparação com o Illinois Institute of Technology de Mies em 38 é oportuna. Resolvido dentro do sistema xadrez da cidade de Chicago,

O projeto foi apresentado em cinco pranchas de desenhos contendo:

Anteprojeto Geral de Planimetria – esc. 1:2.000 - 4 desenhos

Anteprojeto da Reitoria - 18 desenhos

Anteprojeto do Estádio e anexos - 20 desenhos

Anteprojeto da Faculdade de Direito - 14 desenhos

Anteprojeto do Hospital Geral - duas plantas

Em setembro de 38 o projeto foi apreciado e aprovado sem nenhuma objeção pela comissão formada pelos mesmos integrantes que não aceitaram as propostas anteriores de Corbusier e Lucio Costa. Decisão assim comentada por Comas,

[...] se fosse questionada com os mesmos critérios das avaliações anteriores, a proposta italiana poderia dar melhor resposta quanto à orientação, morfologia das unidades pelo excessivo espaço interno, sistema viário e distâncias superdimensionadas, além da questionável remodelação do Palácio histórico. (COMAS, 2002, p. 124)

Esta proposta foi inviabilizada pelas determinações do art. 15 da Lei 452, que em acordo com o Decreto 23.569 da regulamentação profissional de engenharia e arquitetura, declarava que “Os projetos serão mandados fazer por engenheiros civis, arquitetos e urbanistas brasileiros...”. Esta situação provoca a criação da Comissão do Plano da Universidade do Brasil, que institui oficialmente em fevereiro de 40 o Serviço de Arquitetura, com o arquiteto Carlos de Azevedo Leão na chefia da equipe composta pelos arquitetos Oscar Niemeyer, Helio Uchoa, Atílio Correa Lima, Jorge Machado Moreira, e o Serviço de Engenharia com o comando do engenheiro Otacílio Negrão de Lima. A primeira tarefa era estudar as viabilidades do novo Campus na Vila Valqueire, no terreno do Derby Club, nas Praias da Gávea e da Piedade. A topografia e a ausência de construções credenciavam inicialmente a Vila



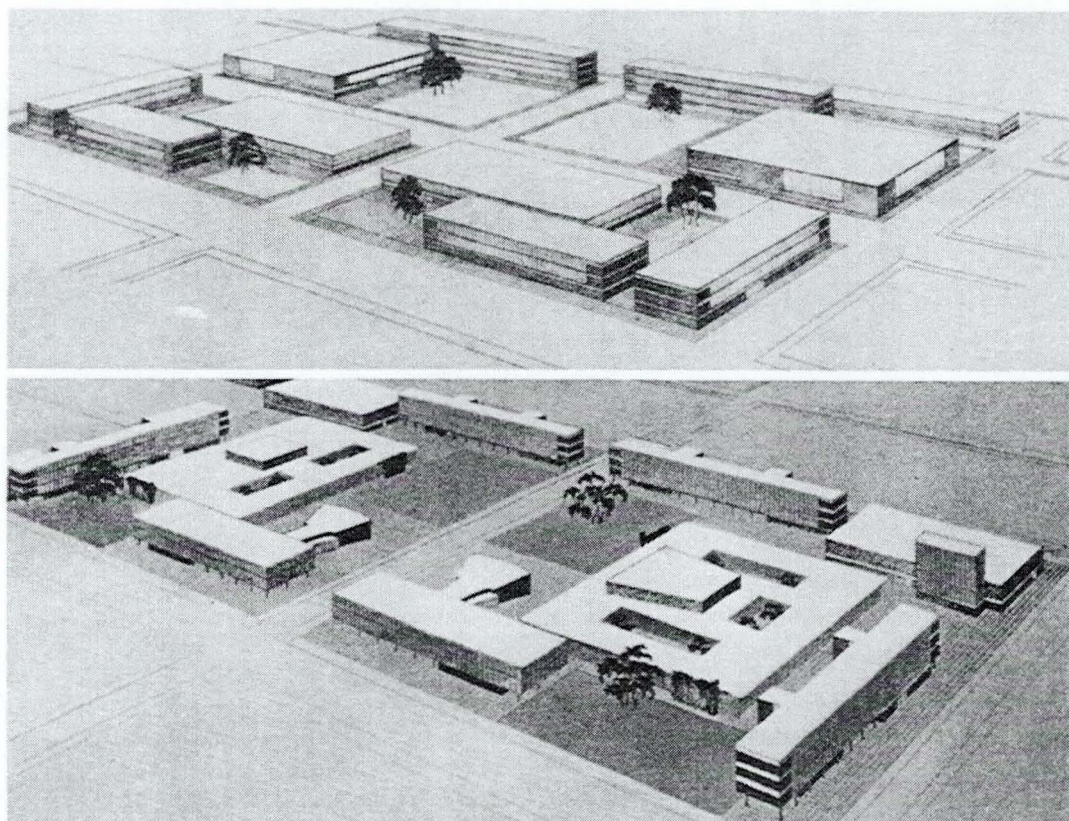
Valqueire, que mais tarde confronta custos, tempos de transporte e distâncias com Manguinhos, Gávea, Niterói, Ilha do Governador, Castelo, Praia Vermelha e Petrópolis. Até 44 surgem as mais variadas idéias, desde o absurdo aterro na praia do Botafogo do Prof. Domingos Cunha, então diretor da Escola Nacional de Engenharia, ao aproveitamento de uma área de propriedade particular em Marechal Hermes. Voltam as atenções para a Vila Valqueire em 44 que, por decreto, tem seus edifícios e terrenos declarados como bens de utilidade pública.



### 3 MIES E OS HERMANOS LATINOS

Imediatamente e posteriores à Quinta, são os planos das Cidades Universitárias do Illinois Institute of Technology – IIT - de Mies, para Chicago em 38, para Caracas em 44 de Raul Villanueva e para do México em 50 de O' Gorman.

#### 3.1 CHICAGO



Campus do IIT: versões do projeto – Mies Van Der Rohe'

No IIT, acordado com algumas condições impostas pela comunidade, Mies mantém o sistema viário existente, enfrenta escassez de tempo e de recursos financeiros, racionaliza na definição dos espaços e a determinação dos materiais, tudo em busca de uma expressão duradoura e contemporânea para uma obra que provavelmente enfrentaria mais de 20 anos em construção.



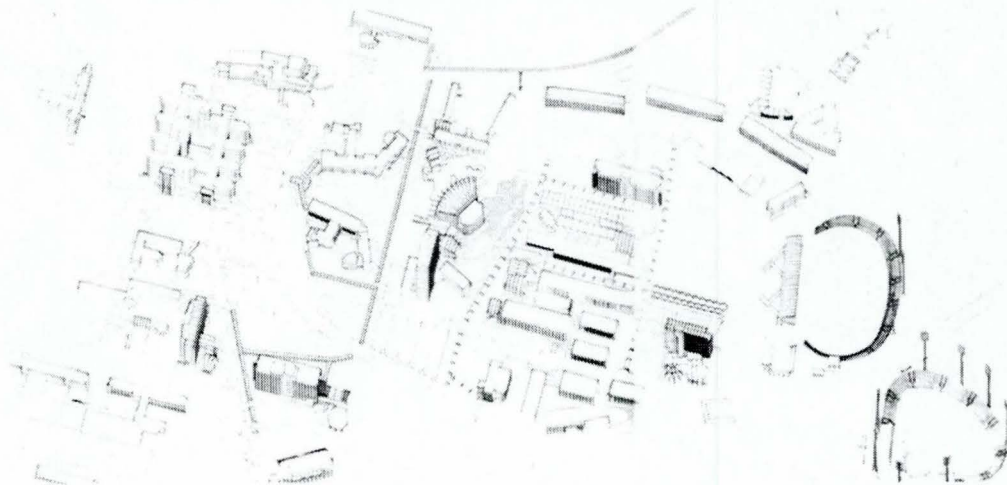
O resultado é um conjunto de edifícios baixos dispostos em malha única, na trama de 24 x 24 pés, resolvidos dentro do xadrez de Chicago, descrito por Comas como,

[...] um plano de axialidade neoclássica e assimetrias neoplasticas, onde as funções principais se agrupam em caixas de vidro e aço, com painéis de recheio de tijolos, detalhamento justo, proporções sóbrias, espaço neutro e um ar de objetividade impessoal, que evocam com elegância as indústrias de Albert Kahn ou estruturas berlinenses como a Caldeira de Mendelsohn para o Edifício Rudolf Mosse de 28. O pilotis está ausente, mas a metáfora predominante é a da universidade como fábrica ou a elevação fabril ao estatuto prestigioso da academia. (COMAS, 2002, p. 124)

As produções dos hermanos da América, em épocas mais recentes, como na Venezuela e no México, apresentam testemunhos importantes ancorados nos fortes conceitos de tempo e lugar, como no movimento de onde emergiu, via arquitetura moderna, a nova sociedade mexicana do período pos-revolucionário.

### 3.2 O CASO DE CARACAS

[...] donde Caracas encontró por primera vez, como patrimonio suyo, una expresión propia en la manera de organizar el espacio y retomar la forma... Es esta una contribución que, por local y universal, al recatar los valores de la tradición en nuevas e inéditas soluciones en el diseño contemporáneo, hace posible un modelo de ciudad, donde lo mejor de la utopía del urbanismo moderno se ve por fin realizado. (PINTÓ., 2002, p. 84)



Cidade Universitária de Caracas - Perspectiva Aérea do Conjunto<sup>2</sup>

<sup>1</sup> GOROVITZ, 1993, p. 39.

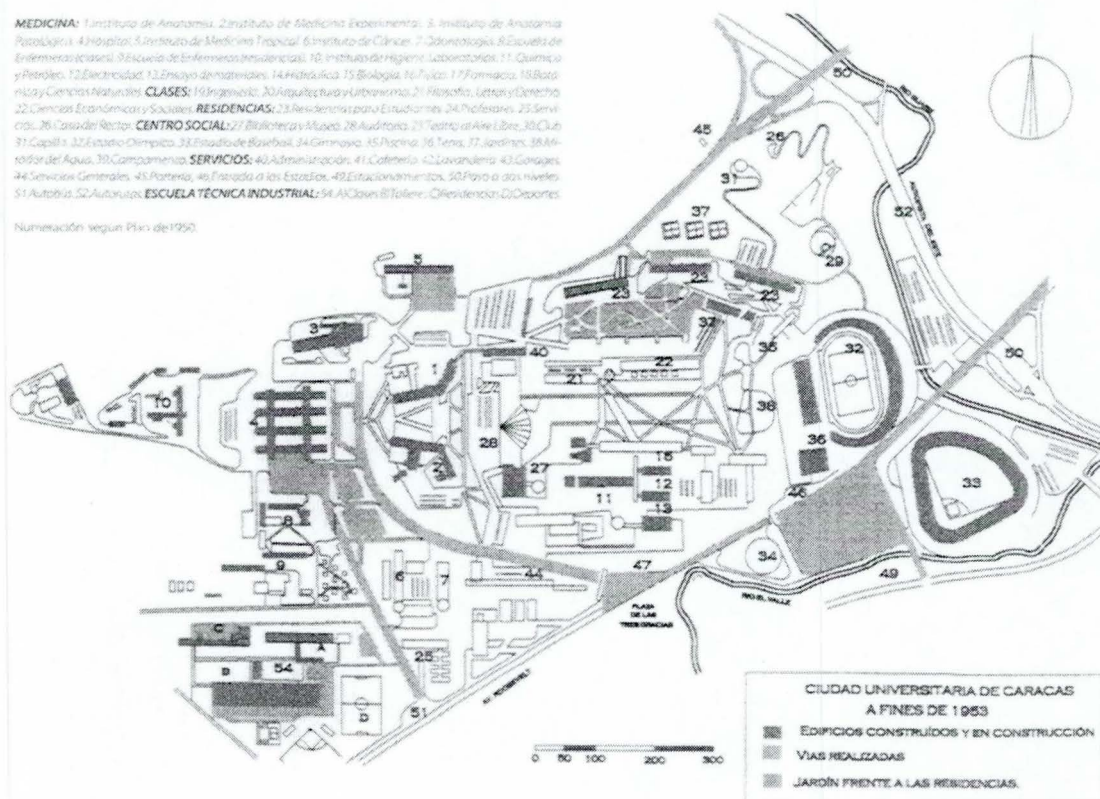
<sup>2</sup> PINTÓ, 2002, p. 84.



O conjunto da Cidade Universitária de Caracas DF, Patrimônio Cultural Histórico Nacional, é a história materializada de um compromisso que criou a nova e qualificada arquitetura venezuelana dentro de uma grande dimensão conceitual. O projeto parte do modelo americano, isolado e periférico em relação à cidade e num primeiro esquema de composição bem de acordo com a tradição acadêmica, estruturada por simetria em eixo, fechando um circuito entre zonas e pontos de atração.

**MEDICINA:** 1 Instituto de Anatomía, 2 Instituto de Medicina Experimental, 3 Instituto de Anatomía Patológica, 4 Hospital, 5 Centro de Medicina Tropical, 6 Instituto de Clínica, 7 Odontología, 8 Escuela de Enfermería, 9 Escuela de Enfermería, 10 Instituto de Higiene y Laboratorio, 11 Química y Fisiología, 12 Electrodinámica, 13 Escuela de Matemáticas, 14 Hidráulica, 15 Biología, 16 Física, 17 Farmacia, 18 Botánica y Ciencias Naturales. **CLASES:** 19 Ingeniería, 20 Arquitectura y Urbanismo, 21 Filosofía, Letras y Derecho, 22 Ciencias Económicas y Sociales. **RESIDENCIAS:** 23 Residencia para Estudiantes, 24 Profesores, 25 Servicios, 26 Casa del Rector. **CENTRO SOCIAL:** 27 Biblioteca y Museo, 28 Auditorio, 29 Teatro al Aire Libre, 30 Club, 31 Capilla, 32 Estadio Olímpico, 33 Estadio de Fútbol, 34 Gimnasio, 35 Piscina, 36 Tenis, 37 Jardines, 38 Mirador del Agua, 39 Campamento. **SERVICIOS:** 40 Administración, 41 Cafetería, 42 Lavandería, 43 Garajes, 44 Servicios Generales, 45 Portero, 46 Entrada a los Estadios, 48 Estacionamiento, 50 Pista de tenis, 51 Autobús, 52 Autos. **ESCUELA TÉCNICA INDUSTRIAL:** 54 Alcazar del Tolero, 55 Residencia de Deportes.

Numeração según Plano de 1950.

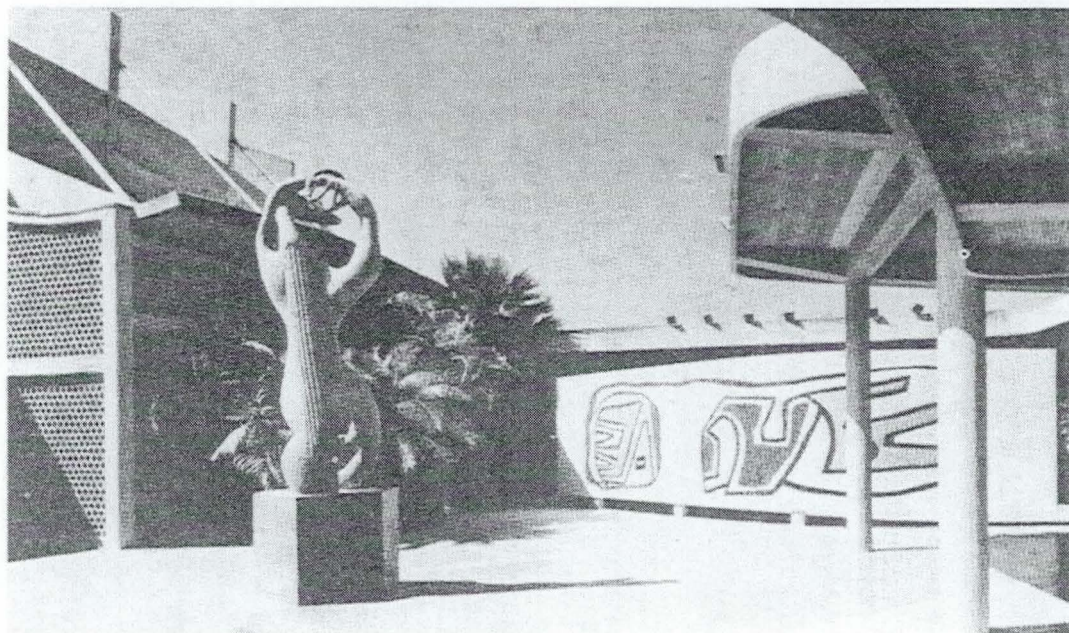


Cidade Universitária de Caracas – Plano e obras em 48<sup>3</sup>

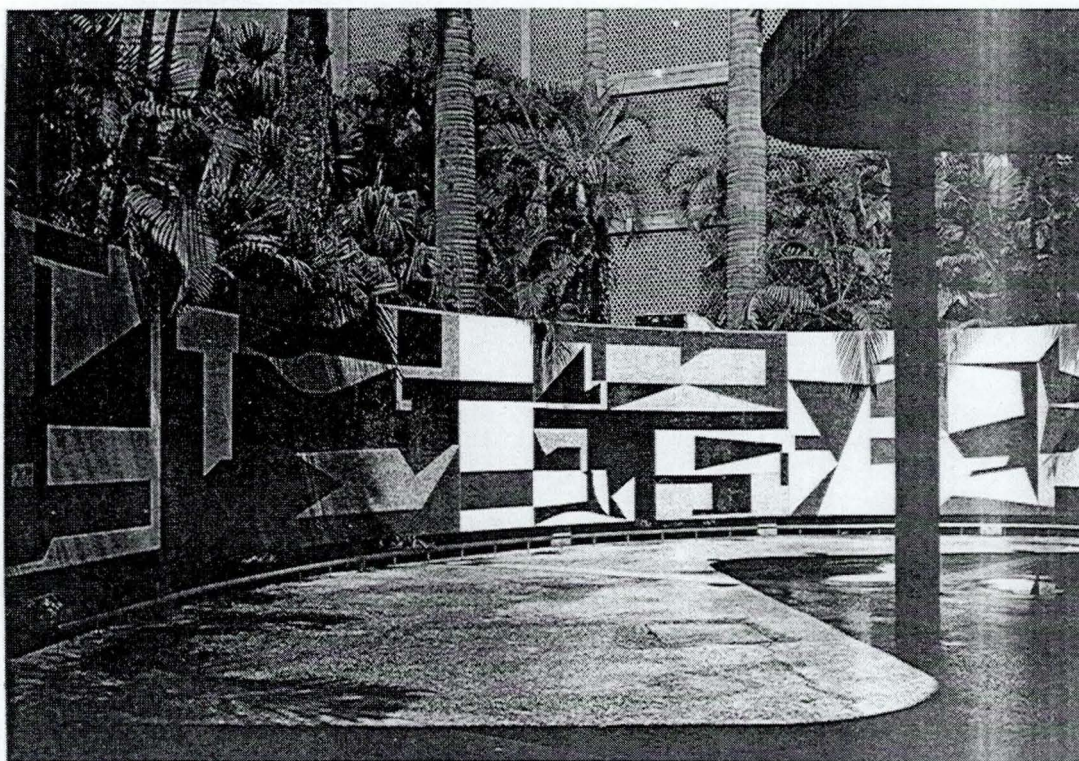
Em 42, os recentes planos de saúde pública na Venezuela dão origem aos estudos de Villanueva para a construção do Grande Hospital Clínico com 1000 leitos. Este gera outro conjunto de edifícios para a Faculdade de Medicina, agente de origem da futura Cidade Universitária. Num segundo momento, o processo passa a articular as construções da primeira etapa com os novos organismos abertos, característicos da arquitetura moderna, decompondo algumas hierarquias, sem deixar porém de contextualizá-los com os valores tradicionais da praça, da rua, do pátio e do corredor, e com as considerações relativas ao clima e à vegetação, com luz e cor.

<sup>3</sup> ARANGO, 2002, p. 60.





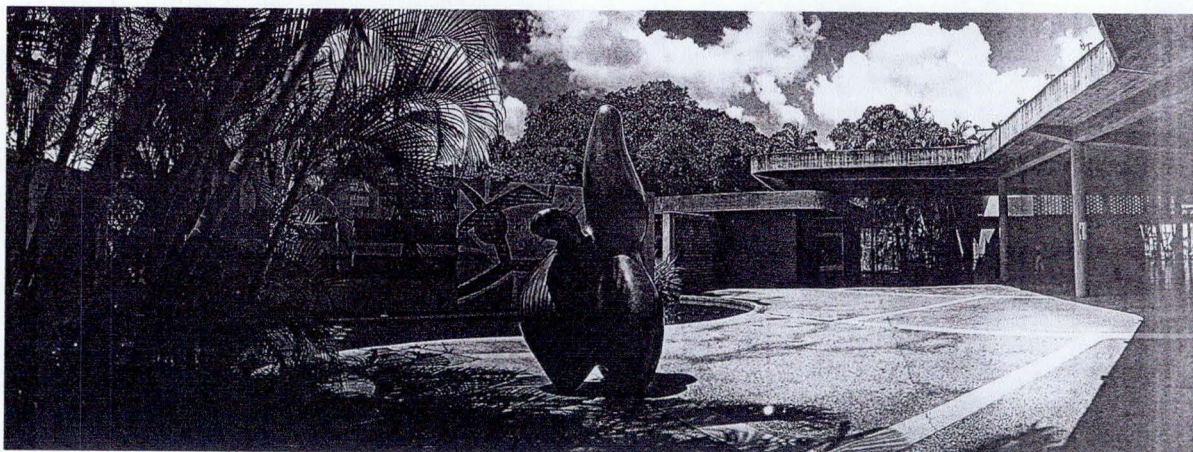
Cidade Universitária de Caracas – Passeio interno<sup>4</sup>



Cidade Universitária de Caracas – Murais em espaço aberto<sup>5</sup>

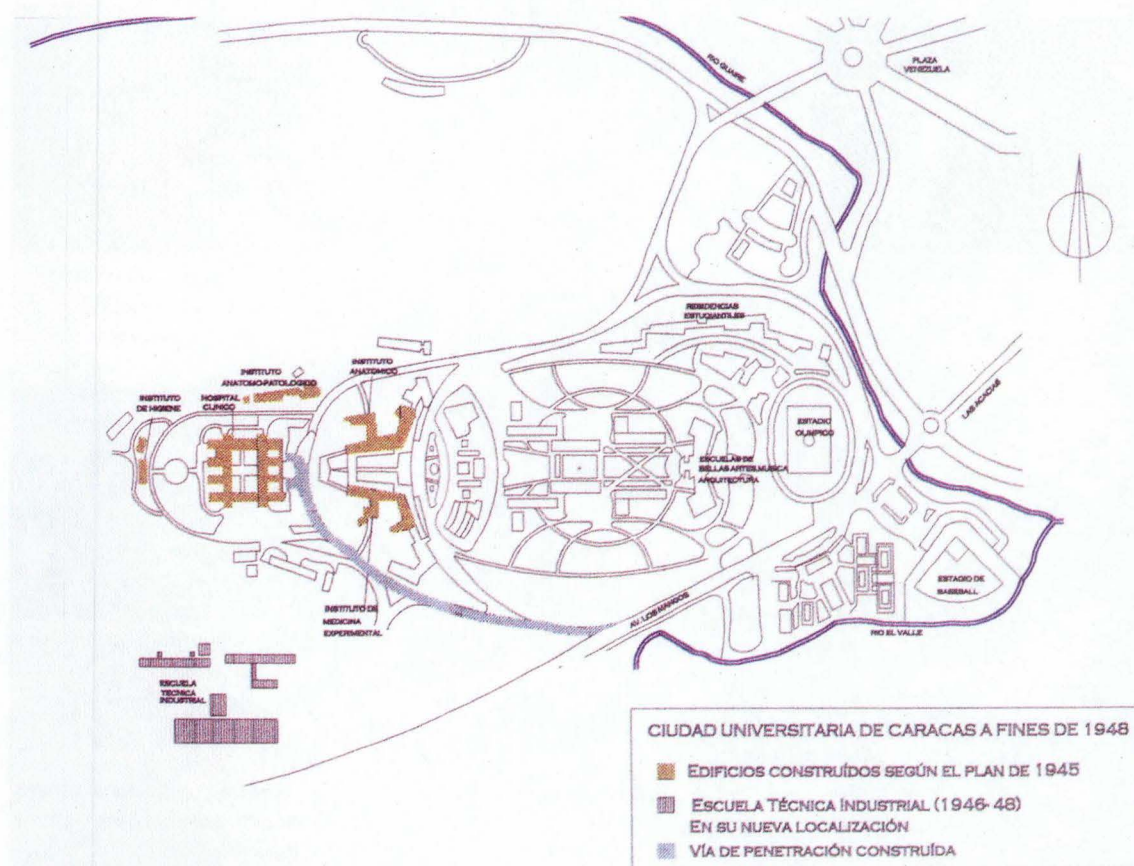
<sup>4</sup> PINTÓ, 2000, p.84





Cidade Universitária de Caracas – Passeio e Esculturas<sup>6</sup>

Esta homogeneidade, seria mais conveniente ser conquistada e segundo Villanueva, los edificios deben tener un solo conjunto arquitectónico, lo que obliga a que un solo arquitecto planee o vigile la arquitectura de todos ellos”. (PINTÒ.2002, p.83)



Cidade Universitária de Caracas – Plano e obras em 53<sup>7</sup>

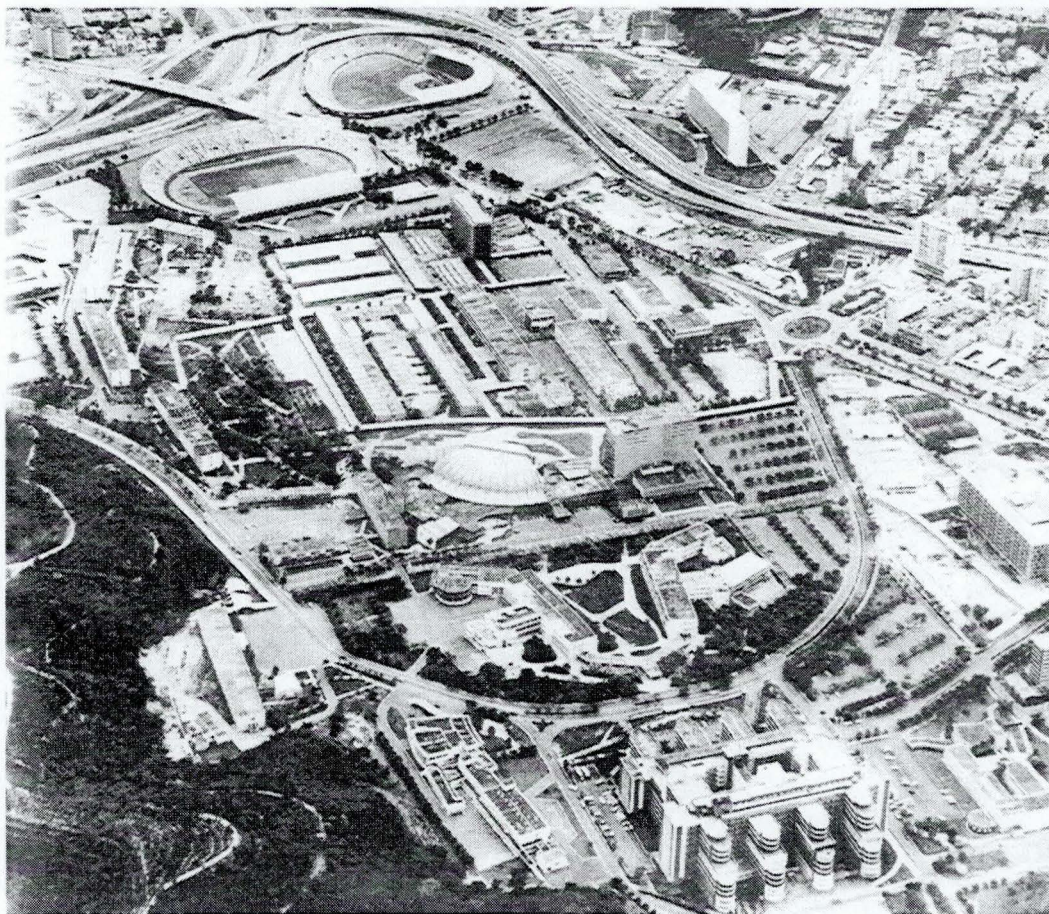
<sup>5</sup> Panorâmica de la Arquitectura Latinoamericana, p. 207

<sup>6</sup> PINTÓ, 2000, p. 83.



Na orientação geral dos seus 40 edifícios em 200 hectares, os extremos são ocupados a Oeste pelos Edifícios das Áreas Médicas, a Leste pela zona de Esportes, pelo Jardim Botânico a Norte e pela Avenida Los Ilustres ao Sul. O conjunto administrativo se destaca como uma unidade no conjunto central da Cidade Universitária, assim como as distintas torres e blocos singulares para cada escola, pertencentes a uma mesma tipologia. Os elementos repetidos aparecem com algumas variações na decomposição das partes, como nas plantas livres dos acessos e nos fechamentos em paredes em blocos vazados. No caso de Caracas, o Hospital e o Estádio Olímpico estariam a serviço do cidadão, como comenta Silvia,

[...] Así simbolicamente, la Universidad estaría comendada por el cultivo del cuerpo. Sanarse y deportes: mente sana en cuerpo sano. Sin embargo, interponiéndose en el eje de estas dos actividades, Villanueva colocó la Escuela de Belas Artes, música y Arquitectura, es decir, las áreas dedicadas al cultivo del espíritu. (ARANGO, 2002, p. 55)



Cidade Universitária de Caracas – Foto aérea<sup>8</sup>

<sup>7</sup> ARANGO, 2002, p. 68.

<sup>8</sup> PINTÓ, 2000, p. 53.





Cidade Universitária de Caracas – Foto aérea<sup>9</sup>



Cidade Universitária de Caracas – Maquete<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Nuevos Caminos de La Arquitectura Latino Americana, p.76

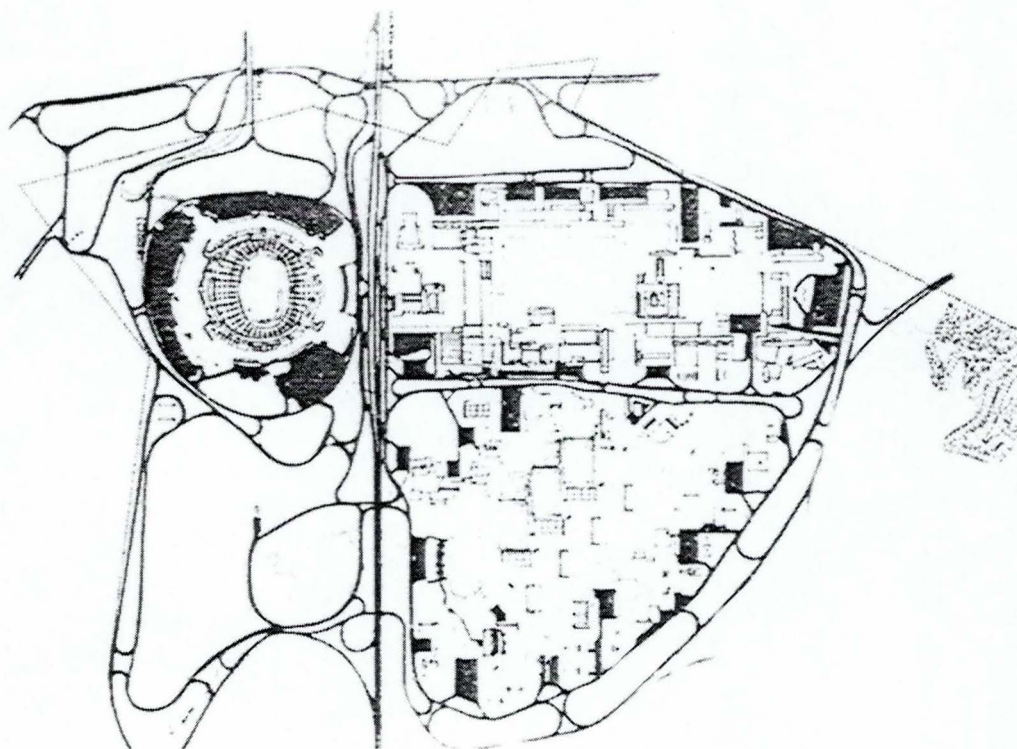
<sup>10</sup> PINTÓ, 2000, p. 53.



Mais tarde as transformações viárias de entorno necessárias ao desenvolvimento urbano de Caracas, circundam a Cidade Universitária por vias de alta velocidade, ameaçando a inicialmente proposta “Ilha Verde”, por Villanueva, com repercussão no sistema viário interno, compatibilizando os estacionamentos com as praças e os espaços abertos secos. O esquema Mexicano influi diretamente Villanueva na disposição e proposta dos novos edifícios de Caracas, onde o centro da Universidade seria a Aula Magna e uma Praça Coberta – o povo soberano. No lugar da Reitoria – o Lugar do Governo, localizado discretamente numa lateral e a Biblioteca – o Saber Acumulado, no edifício mais alto do conjunto.

### 3.3 O CASO DO MÉXICO

*“ Sabia que ese templo era el lugar que requería su invencible propósito.  
...sabía que su inmediata obligación era el sueño”.  
(Jorge Luis Borges, Las Ruínas Circulares)*



Cidade Universitária do México – Planta de situação<sup>11</sup>

<sup>11</sup> BURIAN, 1998, p. 93.



Mais do que um simples período no tempo ou um estilo de arquitetura, a modernidade foi também um conceito preso no poder da convicção de que a arquitetura tem a capacidade de transformar a sociedade. Se a modernidade internacional era capaz de produzir um novo ambiente construído, que por sua vez daria luz ao novo homem universal com uma só identidade, a modernidade mexicana concebia o seu homem moderno como aquele capaz de representar os contrastes e as diferenças nacionais do México, dentro da nova identidade moderna<sup>12</sup>.



Cidade Universitária do México – Foto aérea<sup>13</sup>

No conto *Las Ruínas Circulares*, Jorge Luis Borges descreve um sonho tão intensamente desejado que magicamente se transforma em realidade, depois de um longo e doloroso processo. É a história de um Mago que depois de chegar a um templo de ruínas circulares, reconhece neste antigo sítio seu destino e lugar, ambos adequados para criar ali o seu sonho. Nesta ficção, dois elementos essenciais estão presentes, o tempo e o lugar, enquanto que na realidade da Cidade Universitária, como símbolo da modernidade mexicana, estes mesmos elementos podem ser considerados presentes. A temporalidade foi a época pós-revolucionária, solo fértil

<sup>12</sup> ARREDONDO, Célia Ester Zambrano, 1998, p.91

<sup>13</sup> BURIAN, 1998, p. 95.



para criar um homem emergente, como união de todos os mexicanos. O lugar, as ruínas circulares de Cuicuilco, uma cidade pré-hispânica de 6000 a.C., coberta por lava em 300 a.C., local para a Cidade Universitária.

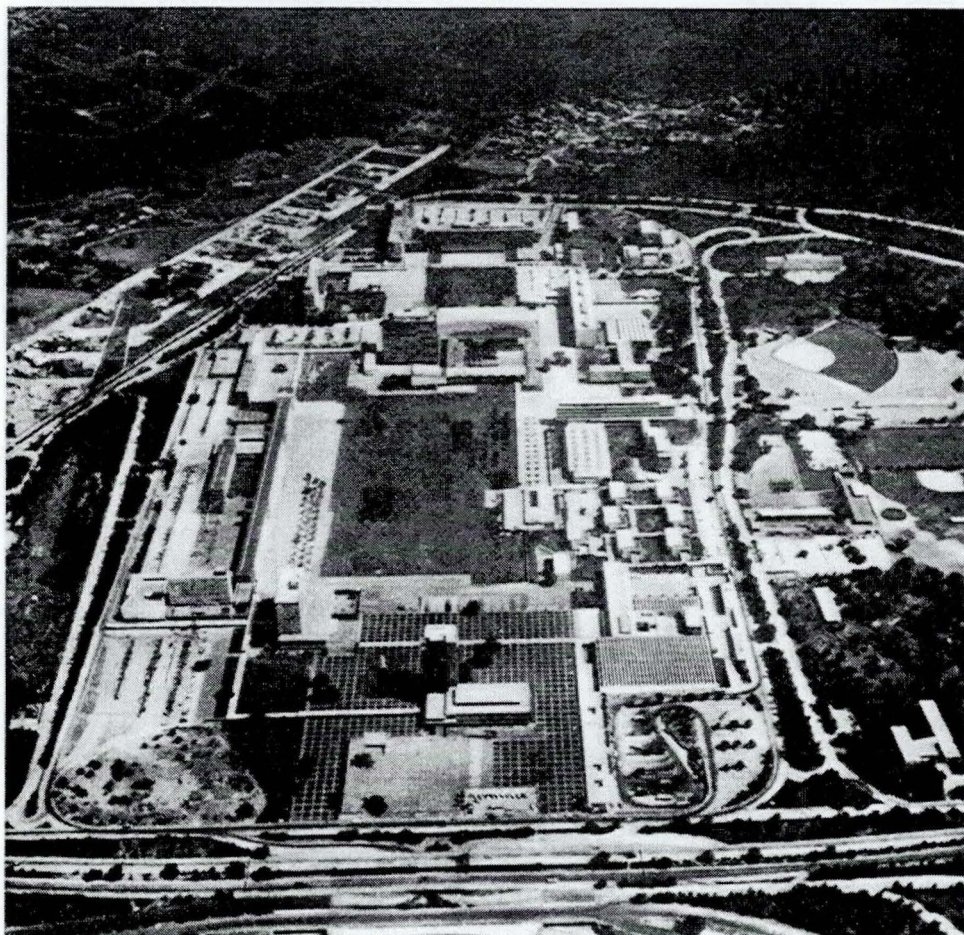
A Cidade Universitária do México foi o "Topo Mítico" para a criação do "novo mexicano", como representação dos seus ideais e aspirações. Sua arquitetura representava a contradição entre querer ser moderno e a identidade nacional, como imagem criada para a nova sociedade. Esta foi a primeira obra mexicana dentro do espírito do movimento moderno num problema de escala urbana. A sua origem mítica contrasta com a sua real composição que corresponde aos princípios do urbanismo moderno, cujos conceitos estão fortemente relacionados com os aspectos funcionais de uma cidade moderna.

Houve uma tentativa de esquematizar o plano do Campus mexicano por zonas de atividades em diferentes edifícios de oficinas, de aulas e de serviços, que poderiam servir a todas as faculdades e não ser exclusiva de nenhuma. Porém, o projeto final se desenvolveu dentro do esquema tradicional, onde cada faculdade tem o seu próprio edifício com os seus próprios serviços.

Conceitos racionais e míticos parecem emergir do plano do Campus Mexicano. A disposição dos edifícios principais, localizados na grande praça sobre o eixo principal, responde tanto a sua importância funcional como simbólica. Em decorrência de seu sistema principal de circulação, o Campus está dividido em 4 partes, orientadas ao Norte, com as Faculdades e os Serviços; a Área Esportiva localizada ao Sul; o Estádio Olímpico a Oeste e a área Residencial a Leste. Devido às condições topográficas do sítio, a integração funcional do Campus ficou resolvida por passagens escalonadas com algumas reminiscências pré-hispânicas, enquanto que o desenho moderno utilizado na composição de cada edifício deu unidade ao conjunto edificado.

O desenho básico do plano do Campus mantém a regularidade no eixo principal, mas evita ser simétrico no arranjo dos seus edifícios quando se alternam entre o cheio e o vazio em toda a periferia do conjunto.





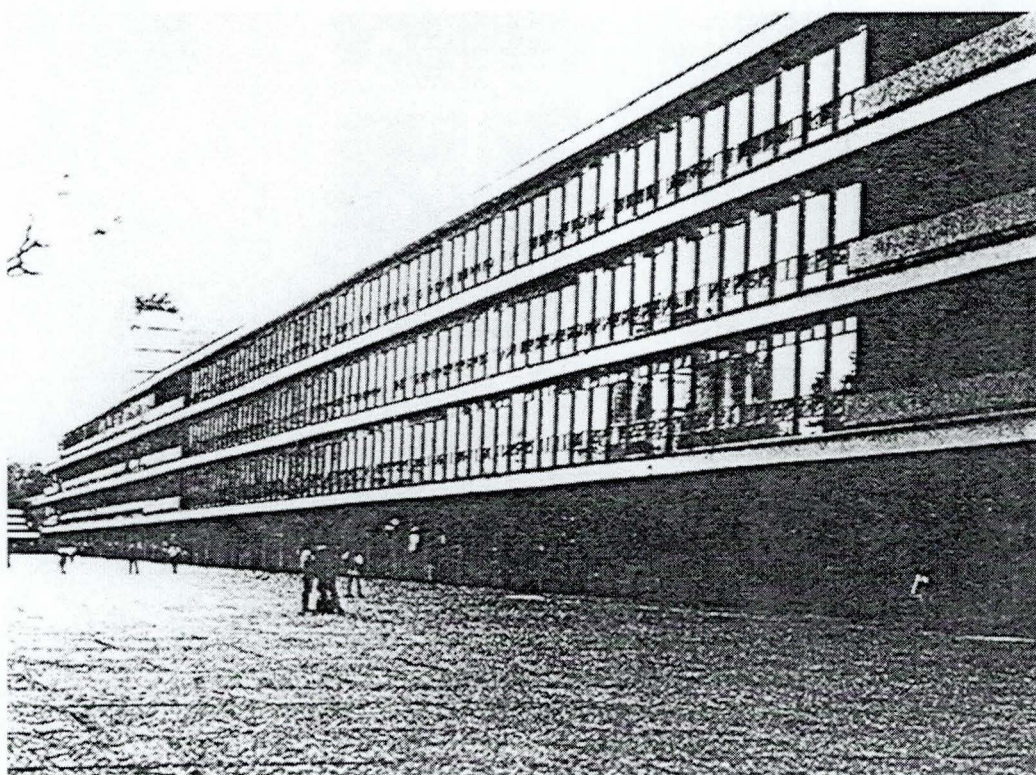
Cidade Universitária do México, Foto Aérea<sup>14</sup>

Mesmo como representação da modernidade que propôs a nova forma e identidade da vida mexicana, o novo Campus enfrentou, a dificuldade de expressar a identidade local por uma linguagem formal e funcionalista. Uma característica do código universal da estética moderna, estava presente na horizontalidade dos seus edifícios, utilizada como um conceito formal até o ponto extremo do exagero.

Como na Bauhaus, um dos mecanismos de expressão da nova identidade nacional era a integração entre artistas e arquitetos, criando trabalhos murais evocativos à missão de cada escola e a seus propósitos educativos. Uma conexão pessoal e ideológica existente entre os arquitetos e os três importantes nomes da pintura no México - Orozco, Rivera e Siquieros - consagraram a nova tendência da



arte pictórica no País, nas décadas de 30 e 40. O muralismo estava inserido em todas as obras de arquitetura, inclusive nas da fase pós-cubista, porém com sua própria realidade. A Cidade Universitária do México se encontra decisivamente influenciada por isto. Na realidade pode ser considerada como o epicentro deste movimento, que de uma forma mais primária e prática implicava na cobertura das volumetrias dos edifícios com grandes superfícies de mosaicos, e em poucos casos se verifica uma verdadeira síntese lingüística. No grande estádio da Cidade Universitária, as distintas texturas se integram com a parede de lava, na qual se inscrevem as formas escultóricas que acompanham o movimento geral da plástica arquitetônica. Nem todas as correntes eram favoráveis a este movimento, como o racionalismo de Jose Villagran Garcia - responsável pela melhor obra do conjunto da Cidade Universitária mexicana, a Faculdade de Arquitetura, um exemplo da expressão de sua rígida disciplina interior - que se negou ao compromisso com esta integração. A autoridade de Villagran entendia que somente a conjunção do útil, do lógico, do estético e do social é que conferem o caráter a uma obra de arquitetura.

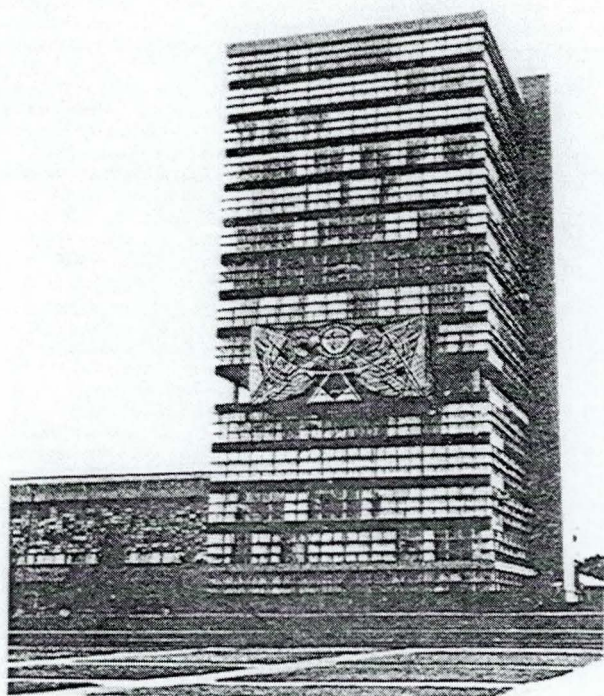


Cidade Universitário do México— Edifício de Ciências Humanas<sup>15</sup>

<sup>14</sup> BULLRICH, 1969, p. 89.

<sup>15</sup> BURIAN, 1998, p. 98.





Cidade Universitária do México - Edifício da Reitoria<sup>16</sup>



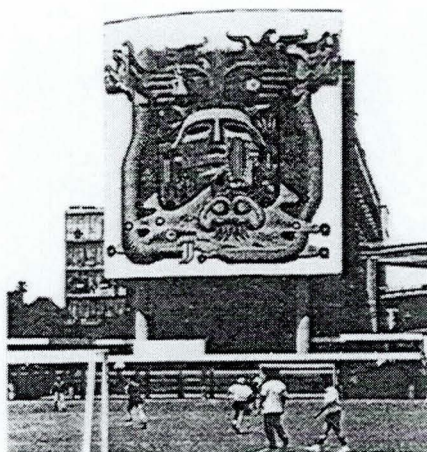
Cidade Universitária do México - Biblioteca Central<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Ibid., p. 103.

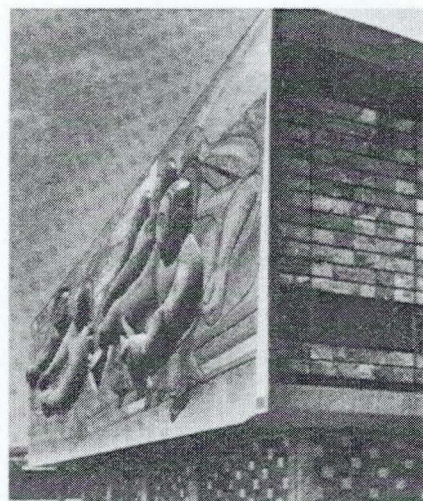




Cidade Universitária do México - Fachada das salas de cirurgia<sup>18</sup>



Cidade Universidade do México<sup>19</sup>  
Mural do Auditório de Ciências



Cidade Universitária de Caracas<sup>20</sup>  
Mural no espaço aberto

Apesar de toda esta carga mítica que envolveu o projeto da Cidade Universitária mexicana com a intenção de desenhar o seu plano e os seus edifícios como partes de uma visão teórica do urbanismo moderno Corbusiano, mesmo assim, a aplicação dos conceitos de arquitetura moderna não é controlada. Os espaços abertos são simplesmente praças ou passagens entre edifícios, aparentemente pouco relacionados com seu entorno. Ou em outro exemplo, a

<sup>17</sup> BULLRICH, 1969, p.29

<sup>18</sup> BULLRICH, 1969, p. 88.

<sup>19</sup> BURIAN, 1998, p. 103.



tentativa forçada de integrar a horizontalidade, às vezes exagerada de alguns de seus componentes, com um parque ou com a linha do horizonte, como nas escrituras da sagrada teoria moderna.

O valor desta obra está em permitir que coexistam a intenção de expressar o movimento da arquitetura moderna internacional, com a emotividade da estética e os valores míticos mexicanos em uma única síntese. É a luta entre o funcional e o emocional, que parece ser uma das grandes questões do movimento moderno, as quais parece que a arquitetura nunca conseguiu responder.

Se as experiências na Quinta foram as precedências para Mies, Villanueva e O' Gorman, na elaboração dos planos de Chicago, Caracas e México, estes, por sua vez, deixaram disponíveis para os futuros projetos, modelos de composições urbanas, estruturadas sobre fortes conceitos. Primeiro foi a racionalização, estabelecida por Mies na arquitetura do IIT e por Lucio na Quinta, que encaminhava soluções simples e consistentes como fianças afirmativas de suas arquiteturas perante a sociedade. Depois, a tentativa de conciliar os dois momentos arquitetônicos no Campus de Caracas com os elementos do espaço aberto, praças, pátios e suas passagens cobertas. Do México, vem o legado simbólico de uma arquitetura que, desacertada com os princípios modernos, se relacionava com a tradição quando se integrava com a arte pictórica e escultórica.

---

<sup>20</sup> BULLRICH, 1969, p. 87.



## 4 A ILHA PROJETADA E CONSTRUIDA

### 4.1 O ETUB E A DECISÃO PELA ILHA

Um edital de concorrência para a construção da Cidade Universitária na Vila Valqueire estabeleceu que os concorrentes iriam projetar, construir e administrar as obras com recursos de financiamentos por eles mesmos obtidos e pagos mensalmente, de acordo com as condições do Tesouro Nacional. Era uma simplificação burocrática para uma solução tanto estranha como ilegal. Este equívoco administrativo foi “a gota d’água” para pôr fim ao processo que se arrastou por mais de 10 anos, provocando mudanças importantes na política e nas decisões quanto à construção da primeira Cidade Universitária no Brasil. <sup>1</sup>Capanema encaminha proposta ao Presidente da República, Gen. Getúlio Vargas, sugerindo as seguintes determinações: organizar um escritório especial sob direta dependência do Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP - que assumisse os encargos de plena realização dos projetos de construção da Cidade Universitária; delegar ao Ministério da Educação e Saúde Pública a apresentação de dados e estudos de natureza propriamente universitária; consignar de dotação apropriada o orçamento de 1945 para atender as despesas previstas. Esta proposta foi aprovada em 17 de outubro de 1944, dando origem ao decreto lei 7217 de dezembro de 44, o qual instituiu o Escritório Técnico da Universidade do Brasil – ETUB, sob a direção geral do Eng. Luiz Hildebrando de Barros Horta Barbosa.

Onze localizações foram estudadas e relacionadas com as respectivas áreas e distâncias em relação ao centro da cidade:

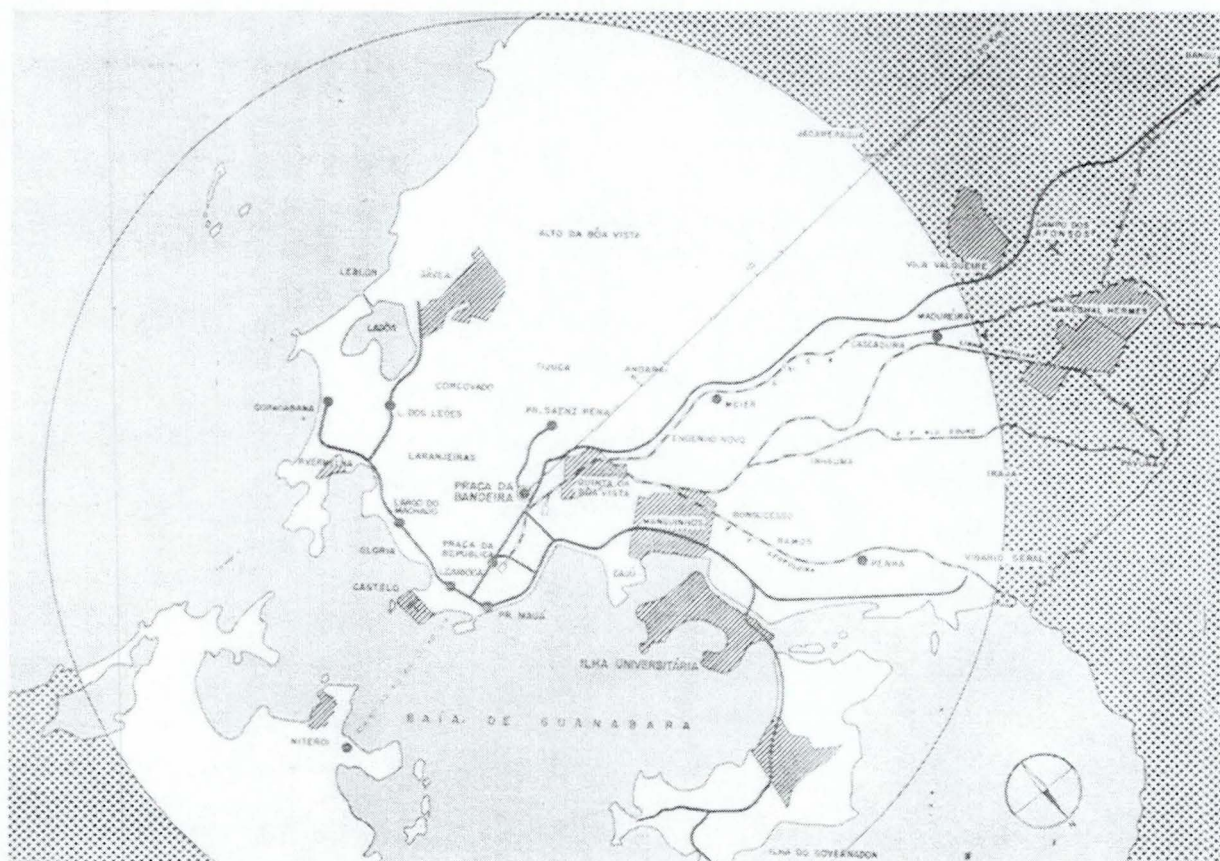
Ilha Universitária - Fundão	5.997.000 m <sup>2</sup>	8.500 m
Manguinhos	3.500.000 m <sup>2</sup>	8.200 m
Ilha do Governador	3.450.000 m <sup>2</sup>	15.000 m
Fazenda Boa Esperança	3.340.000 m <sup>2</sup>	21.000 m
Vila Valqueire	2.980.000 m <sup>2</sup>	21.500 m

---

<sup>1</sup> MELLO JR. 1956, p. 65



Niterói	4.000.000 m <sup>2</sup>	13.000 m
Quinta da Boa Vista	2.309.000 m <sup>2</sup>	5.800 m
Praia Vermelha	390.000 m <sup>2</sup>	-
Gávea	3.020.000 m <sup>2</sup>	11.600 m



Cidade Universitária no Rio de Janeiro - localizações estudadas<sup>2</sup>

O Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro revelava a privilegiada situação da zona de Manguinhos – entre continente e ilhas - para a qual convergiam as principais vias urbanas, interurbanas existentes e projetadas da cidade, o que acarretaria - com o decorrer do tempo - numa proximidade maior com as populações a que deveria servir. O crescimento da população universitária na zona Norte do Rio de Janeiro, confirmava-se com os dados do recenseamento de 40 acusando 52% de alunos dali oriundos, enquanto que na Zona Sul o percentual contava com pouco mais de 39% e Niterói, com 9%.

Na época, o Rio já era um centro urbano de população e densidade considerável onde os melhores locais para a implantação da Universidade só

<sup>2</sup> Publicação do ETUB, p.07



poderiam ser obtidos a preços elevados. Os dados comparativos confirmam o custo da área útil na Praia Vermelha, avaliado em 36, a cr\$ 71,50/m<sup>2</sup>, no bairro da Quinta da Boa Vista, em cr\$ 31,50/m<sup>2</sup>, enquanto que todas as obras para recuperação e saneamento da Ilha Universitária estavam orçadas em cr\$ 17,40/m<sup>2</sup>.

Horta Barbosa reviu todas estas propostas anteriores, consultou e ouviu vários Ministérios, Diretores e professores de diversas unidades, de onde surge o aproveitamento da região de Manguinhos, com a unificação de suas ilhas fronteiras. A decisão foi fortalecida pelos pareceres dos órgãos afins como o Departamento de Nacional de Obras e Saneamento e da Comissão do Plano da Cidade e considerada como definitiva pelo DASP, encerrando assim, quase 10 anos depois, o demorado processo de escolha da área para a localização da Cidade Universitária da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Sobre a escolha, o professor Donato Mello Jr. justificou, "Predominava na filosofia do planejamento da Universidade a idéia central do Campus: um espaço com certo isolamento e resguardo para suas elevadas finalidades, manutenção e cultivo do seu espírito"<sup>3</sup>

A escolha considerou a localização mais centralizada possível em relação às populações (atual e futura à época), evitando desapropriações que em decorrência sempre geram problemas de âmbito social, econômico e, na maioria das vezes, também político. Quanto às condições ambientais, em comparação com as demais áreas estudadas, a Ilha apresentava as mesmas vantagens naturais da Quinta, com o privilégio de isolar-se das grandes concentrações urbanas, a ausência de bens a demolir, o numero reduzido de população a remover, maior área de terreno com mínima interferência na sua famosa geografia e o favorável resguardo à beira do mar.

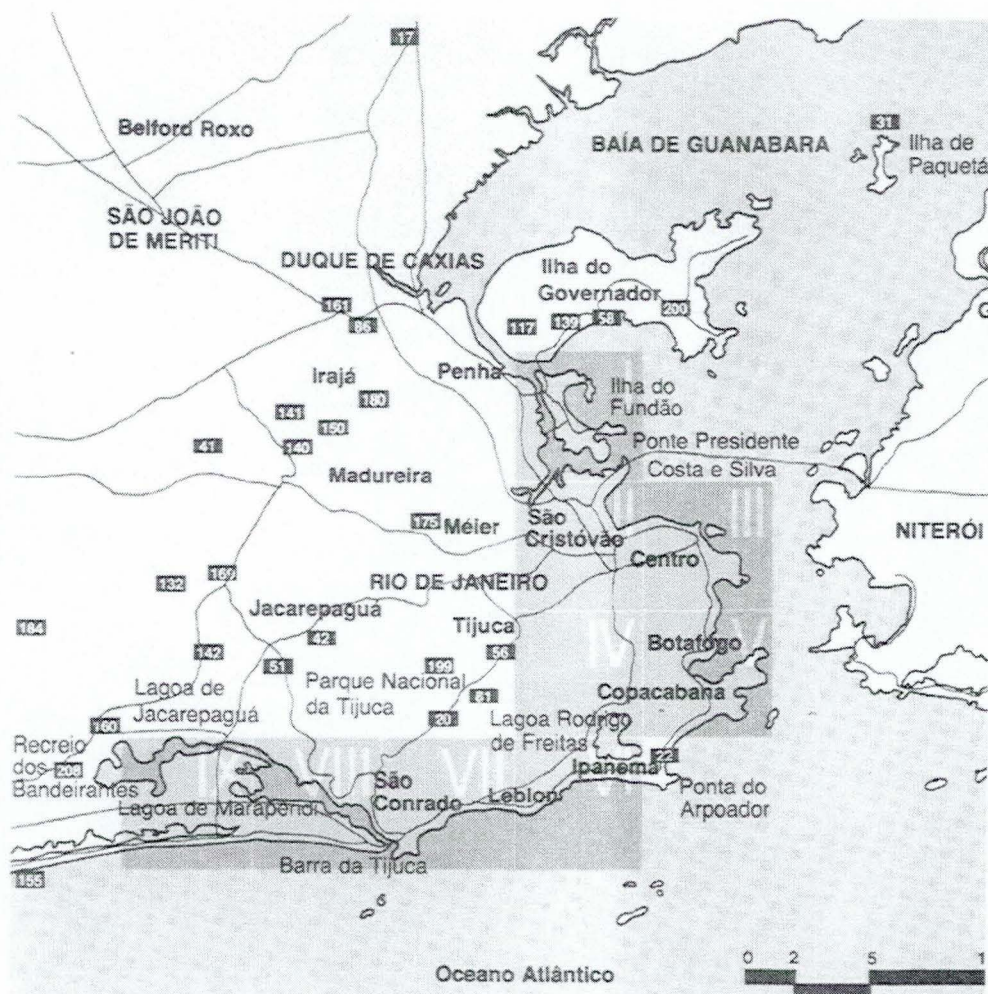
O terreno da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, vizinho da Ilha do Governador, é o resultado da união de nove ilhas, num total de aproximadamente 6.000.000,00 m<sup>2</sup>. Algumas correções posteriores, evitando aterros mais profundos, reduziram a área para 5.500.000,00 m<sup>2</sup>. Deste total, 1.063.000,00 m<sup>2</sup> foram

---

<sup>3</sup> MELLO JR., 1956, p. 66



aterrados e aproximadamente 250.000,00 m<sup>2</sup> foram destinados às instalações do Asilo dos Inválidos da Pátria, organização administrada pelo Ministério da Guerra. A área líquida disponível para a Cidade Universitária ficou com 4.300.000,00 m<sup>2</sup>, saneados e livres para a sua planificação.

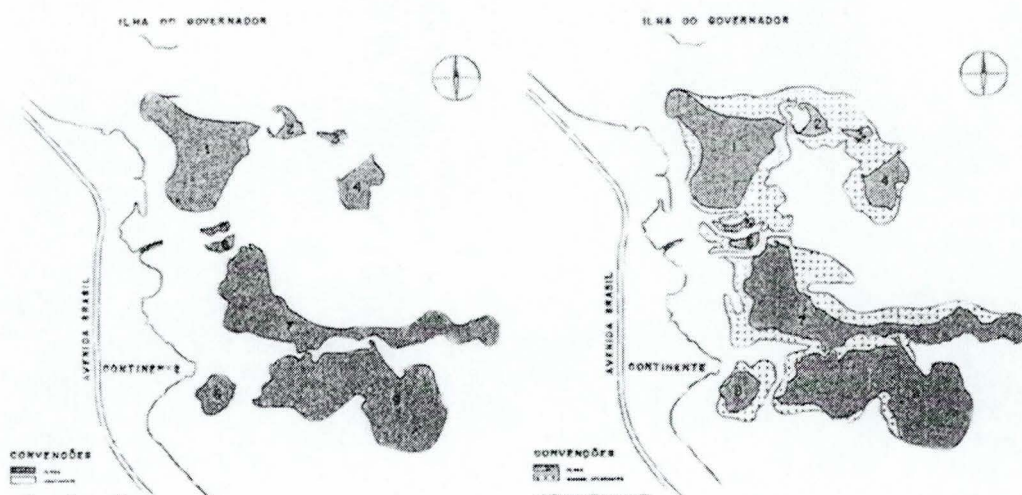


Ilha do Fundão e os bairros vizinhos<sup>4</sup>

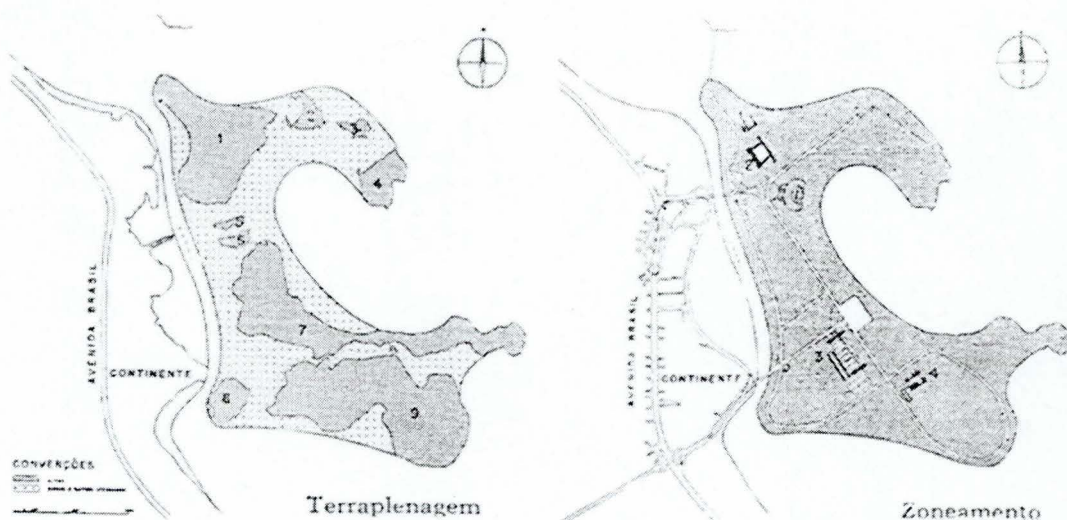
A união resultou em uma gleba de forma alongada, paralela ao continente e estreita no centro, com largos extremos de braços extensos e disformes em direção ao oceano, limitada por algumas margens remanescentes preservando, assim, algum valor natural. A sua maior dimensão tem a direção noroeste com aproximadamente 4600 m de extensão e variações de 700 a 1600m no sentido transversal, em superfície predominantemente plana de área comparável à do bairro de Copacabana.

<sup>4</sup> XAVIER, 1991, p. 243.





Ilhas separadas – Cidade Universitária da Universidade do Brasil<sup>5</sup>



Ilhas separadas – Cidade Universitária da Universidade do Brasil<sup>6</sup>

Em paralelo, pela atuação de Lucio Costa, Affonso Reidy, Jorge Machado Moreira, Oscar Niemeyer, Ernani Vasconcelos, Carlos Leão e outros, estava mundialmente consolidada a marca da nova arquitetura brasileira. Cada um experimentou e processou a sua maneira, entendendo que aquele era o momento de transformar e encontrar caminhos próprios, sem abandonar a idéia de fortalecer a vertente racionalista da arquitetura moderna.

<sup>5</sup> Publicação do ETUB, p. 16.

<sup>6</sup> Ibid., p. 17.



Presença constante em varias equipes, Jorge Machado Moreira destacava-se pelo rigor e dedicação que enfrentava as questões tecnológicas e formais. Enfim, a história estava passando e Moreira pronto para embarcar, com a bagagem adequada, no lugar e no momento certo.

Em 49 Moreira é convidado por Horta Barboza, para assumir o comando no planejamento físico das novas instalações da Cidade Universitária na Ilha do Fundão no Rio de Janeiro.

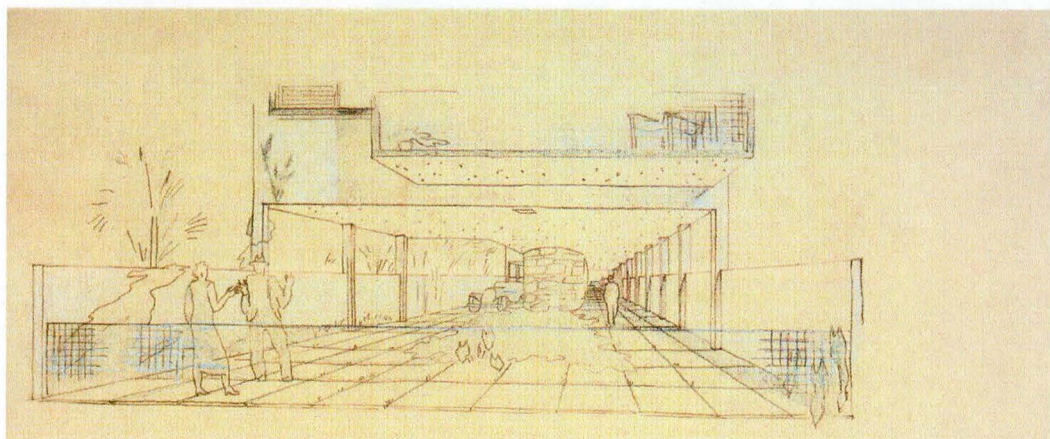
#### 4.2 JORGE MACHADO MOREIRA - O AUTOR

O ambiente político-revolucionário pós 30 tem repercussão direta nas atividades do ofício e do ensino da arquitetura no Brasil da época. Com a redução as obras públicas, o já agonizante gênero eclético tem decreto de extinção e a Escola de Belas Artes, dirigida por Lucio Costa, entra em processo de reforma do seu sistema acadêmico.

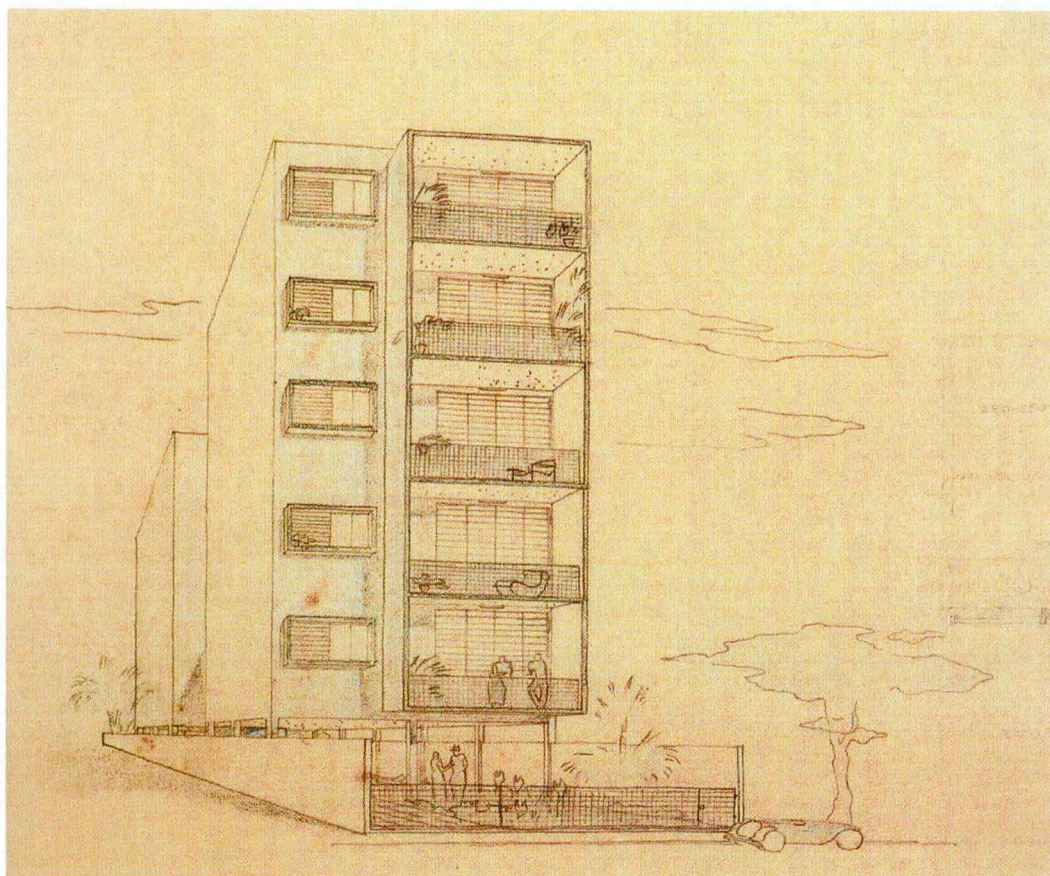
No momento que se oferecia promissor às novas reflexões, surgem as propostas brasileiras de Warchavchik para as casas modernas em São Paulo, com projetos de soluções homogêneas entre a arquitetura e arquitetura de interior, mostradas, com relativo entusiasmo pela receptividade, numa exposição de arte moderna no bairro Pacaembu. Com a casa Nordchild em 31, Warchavchik conquista também o mercado do Rio, onde instala a segunda exposição de sua "autêntica arquitetura", visitada e aprovada por Wrigth. Recebe o convite de Lucio para lecionar Arquitetura Moderna na reformada Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, atividade que dura apenas oito meses, mas que mesmo assim exerceu forte influência aos estudantes de arquitetura da época, entre os quais Jorge Machado Moreira. Foi neste meio, de grandes debates e proposições, que Moreira alinha-se com convicção aos fundamentos do novo movimento e inicia a sua vida de ação pública. Na presidência do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes participou das discussões por melhor qualidade e condições do ensino, apoiou a reforma dirigida por Lucio Costa para modernização do curso, discutiu valores das taxas a serem pagas pelos alunos. Graduado em 1932, assume em seguida a Direção de Arquitetura da Construtora Baerlein, vence alguns obstáculos de



linguagem de estilo inicialmente impostos pela empresa, fazendo prevalecer o seu ponto de vista.



Edifício para Construtora Baerlein – Perspectiva Acesso<sup>7</sup>

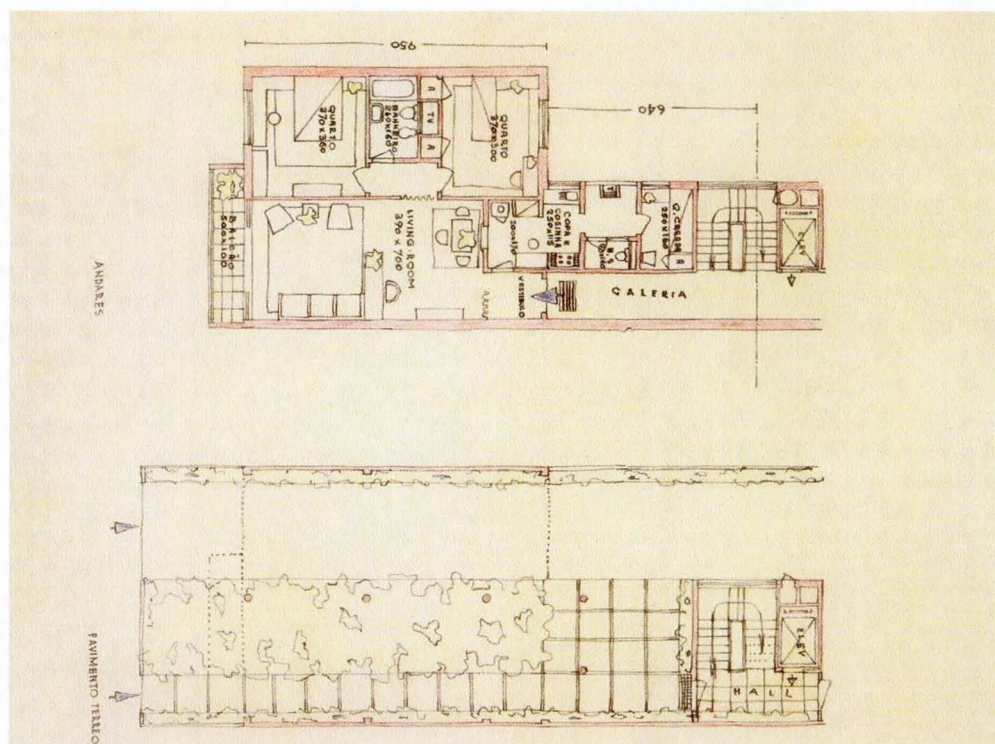


Edifício para Construtora Baerlein – Perspectiva Externa<sup>8</sup>

<sup>7</sup> CZAJKOWSKI, 1999. p.67.

<sup>8</sup> Ibid., p. 67.





Edifício para Construtora Baerlein –Plantas Baixas<sup>9</sup>

Manteve fidelidade ao sentido estrito do racionalismo, sem evocar com ênfase o passado como Lucio Costa, mas também não muito formalista como Niemeyer. Em 35, com esta mesma atitude e disposição, participa dos concursos de projetos para as sedes da Prefeitura de Belo Horizonte, ABI e MESP, e do Ministério da Fazenda com José de Souza Reis e Oscar Niemeyer em 36. O prêmio foi o reconhecimento e consideração de Lucio Costa pelo seu trabalho, confirmado com o convite para integrar o grupo de arquitetos com Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Ernani Vasconcelos e Oscar Niemeyer, para elaborar, a pedido do Ministro Capanema, o projeto da nova sede do MESP. O mesmo código entre os integrantes era a garantia de segurança e confiança do grupo nesta tarefa. Mesmo assim recomendam ao Ministro a contratação de Le Corbusier como consultor deste projeto e mais tarde também para o da Universidade. Ainda em 36, Lucio escolhe a mesma equipe para o segundo projeto do MESP - que se concretiza - e outra para a Cidade Universitária que fica no papel, ambas com a participação de Jorge Machado Moreira. O sucesso destas suas experiências garantia credibilidade e confiança da sociedade, indício de um futuro animador. Um ano depois Moreira se desliga da

<sup>9</sup> Ibid., p. 66.

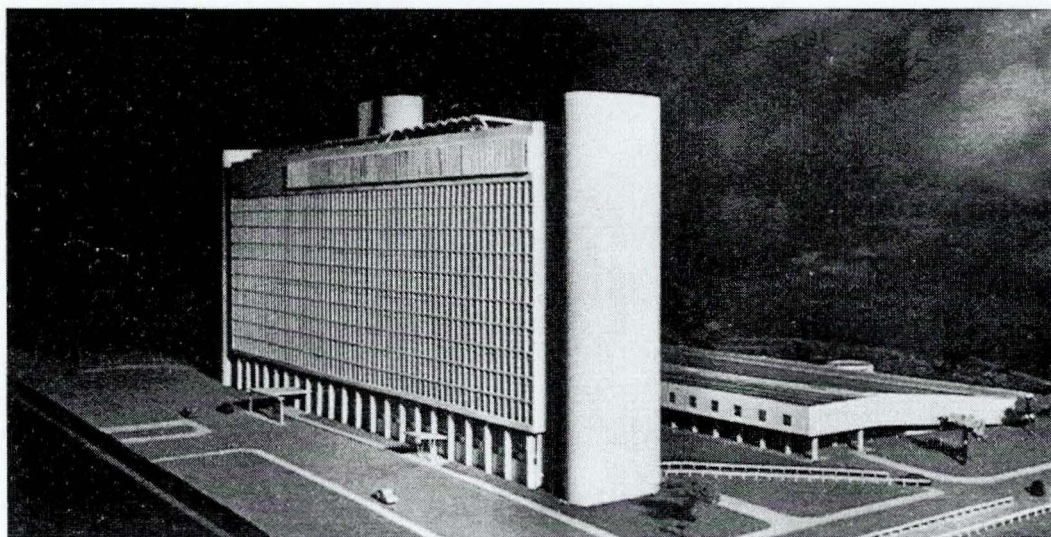


Construtora Baerlein, passa a atuar como autônomo na construção do edifício do Ministério até a sua oficialização no Serviço de Arquitetura da Universidade do Brasil em 40. De 40 e 49 Moreira desenvolveu 26 projetos, a maioria para Sanatórios de Tuberculosos do Serviço Nacional contra a Tuberculose, alguns edifícios residenciais e administrativos, o Plano do Campus Médico, o Hospital de Clínicas da URGs e o Centro Cívico em Porto Alegre.

#### 4.2.1 Experiências em Porto Alegre

##### 4.2.1.1 Universidade do Rio Grande do Sul e o Centro Cívico

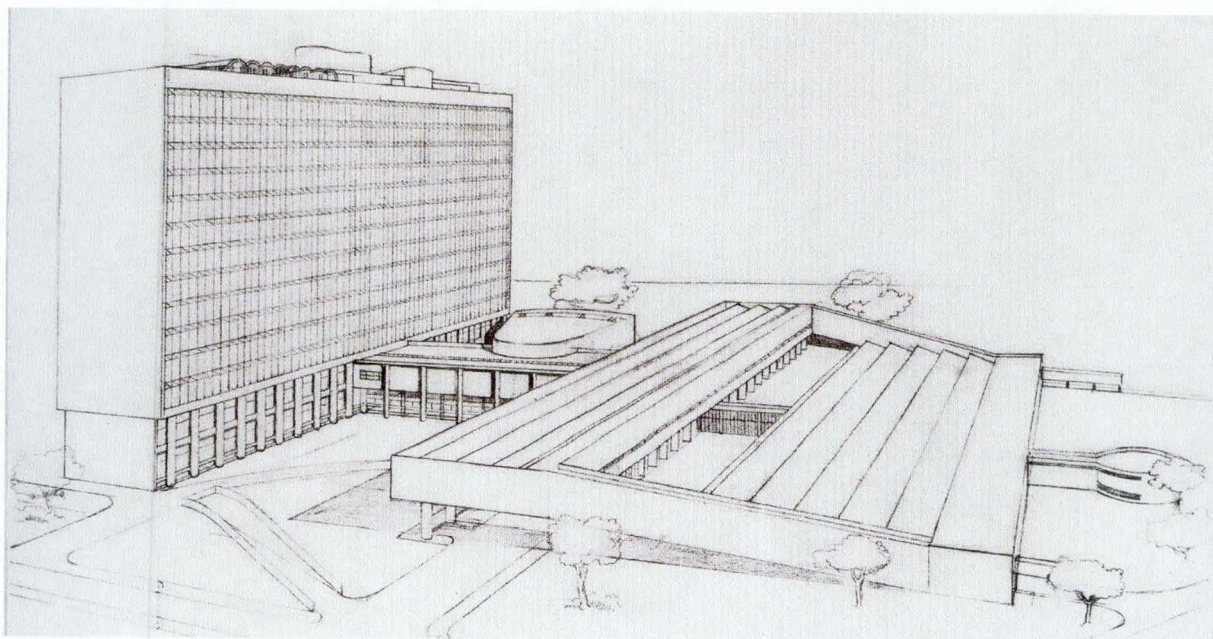
A atuação de Moreira tinha sempre as referências dos CIAMs, as quais adotou como religião. Na mesma medida em que o movimento moderno foi se consolidando através de novas alternativas formais e tecnológicas, mais o seu projeto adquiria um caráter ortodoxo, com ênfase nas obras de grande porte. Até aquela data a sua experiência com a temática urbana estava limitada à participação no projeto para o Campus Universitário na Manguiera em 36, sob a orientação de Corbusier, e depois também no projeto de Lucio Costa. Vivências posteriores se restringiram a estudos para Porto Alegre, quando ensaia alguns modelos envolvidos por programas de resolução urbana importante no Campus Medico da URGs em 42 e no Centro Cívico em 43.



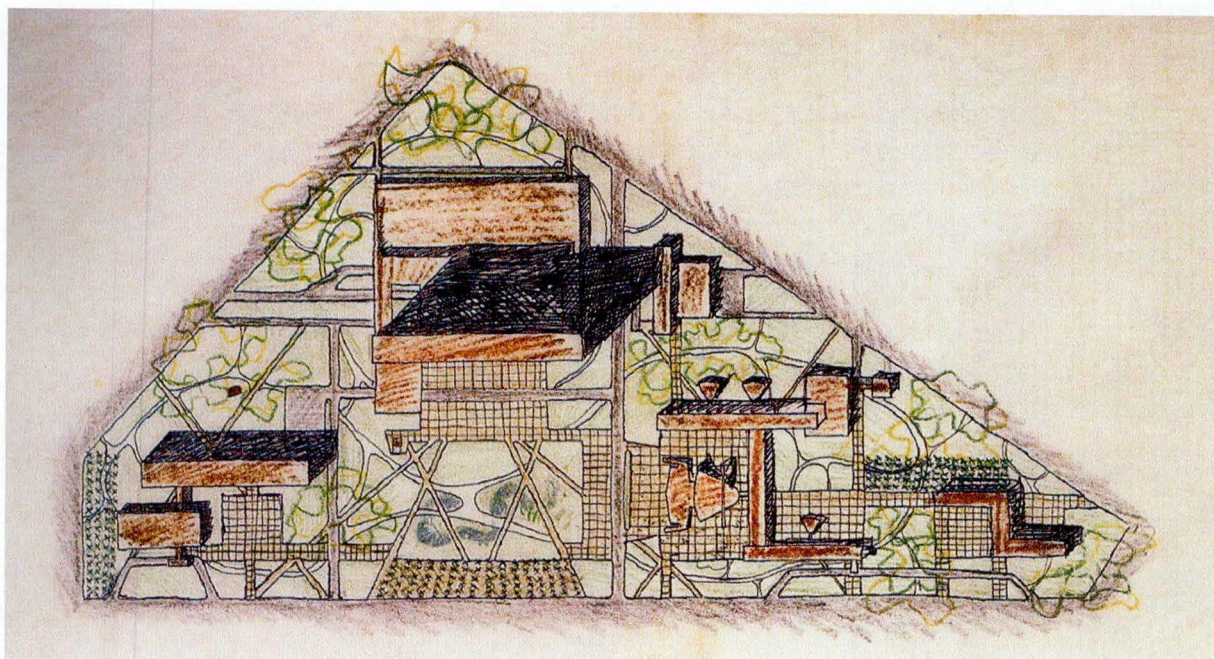
Campus Médico / URGs – Hospital de Clínicas de Porto Alegre – Foto Maquete<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Ibid., p. 120.





Campus Médico / URGs – Hospital de Clínicas de Porto Alegre – Perspectiva Externa<sup>11</sup>

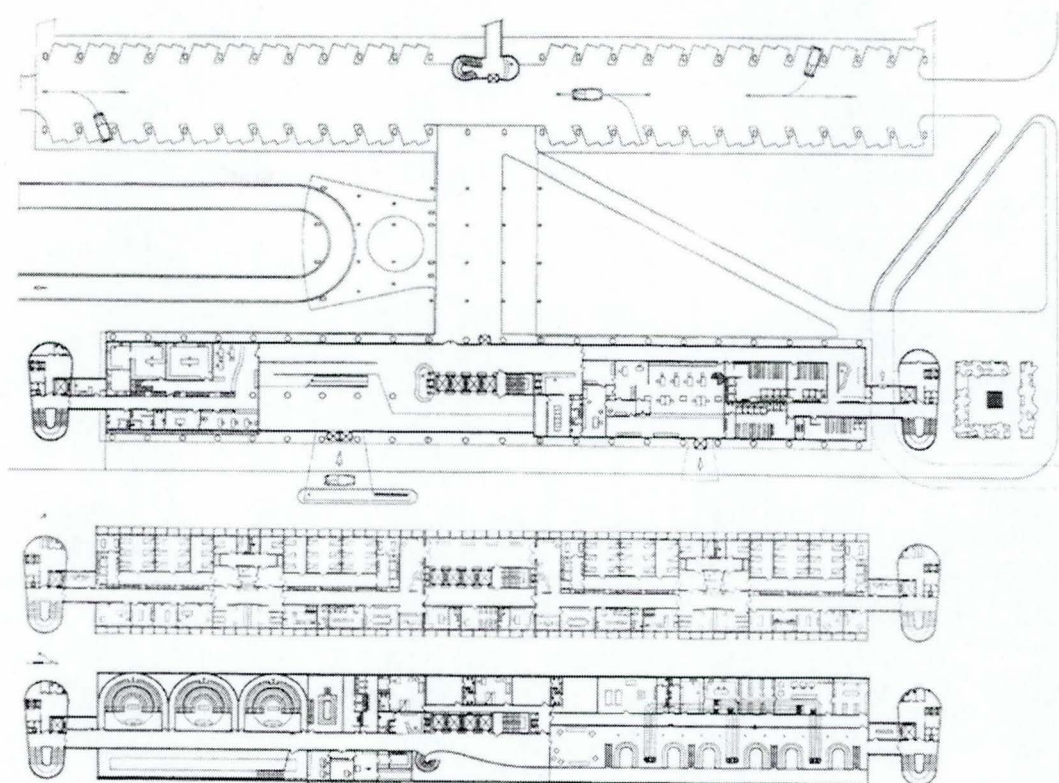


Campus Médico / URGs – Hospital de Clínicas de Porto Alegre – Croqui Implantação<sup>12</sup>

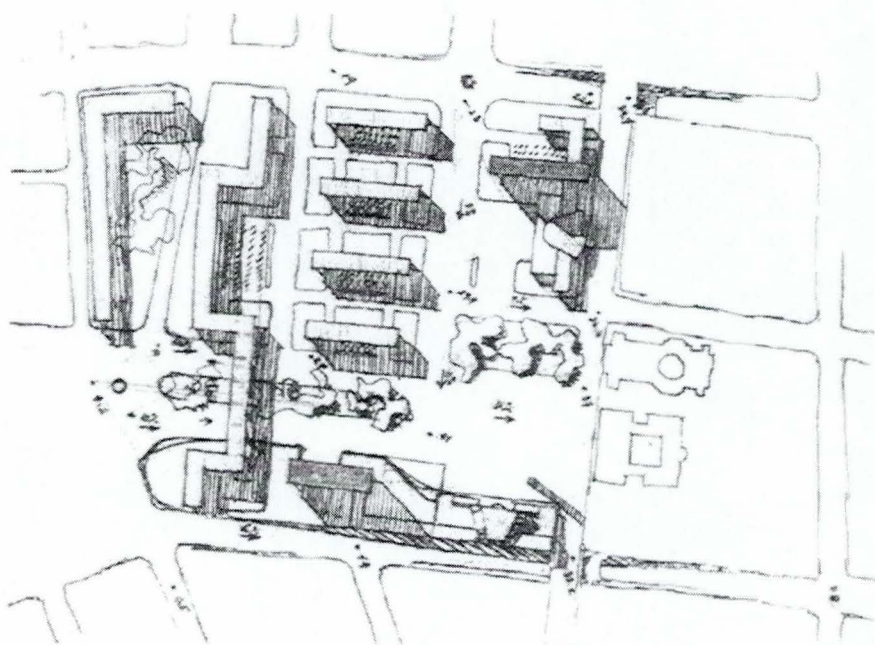
<sup>11</sup> Ibid., p. 123.

<sup>12</sup> Ibid., p. 123





Campus Médico / URGs – Hospital de Clínicas de Porto Alegre – Plantas Baixas<sup>13</sup>



Centro Cívico de Porto Alegre - Croquis de implantação<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Ibid., p. 122

<sup>14</sup> Ibid., p. 107.

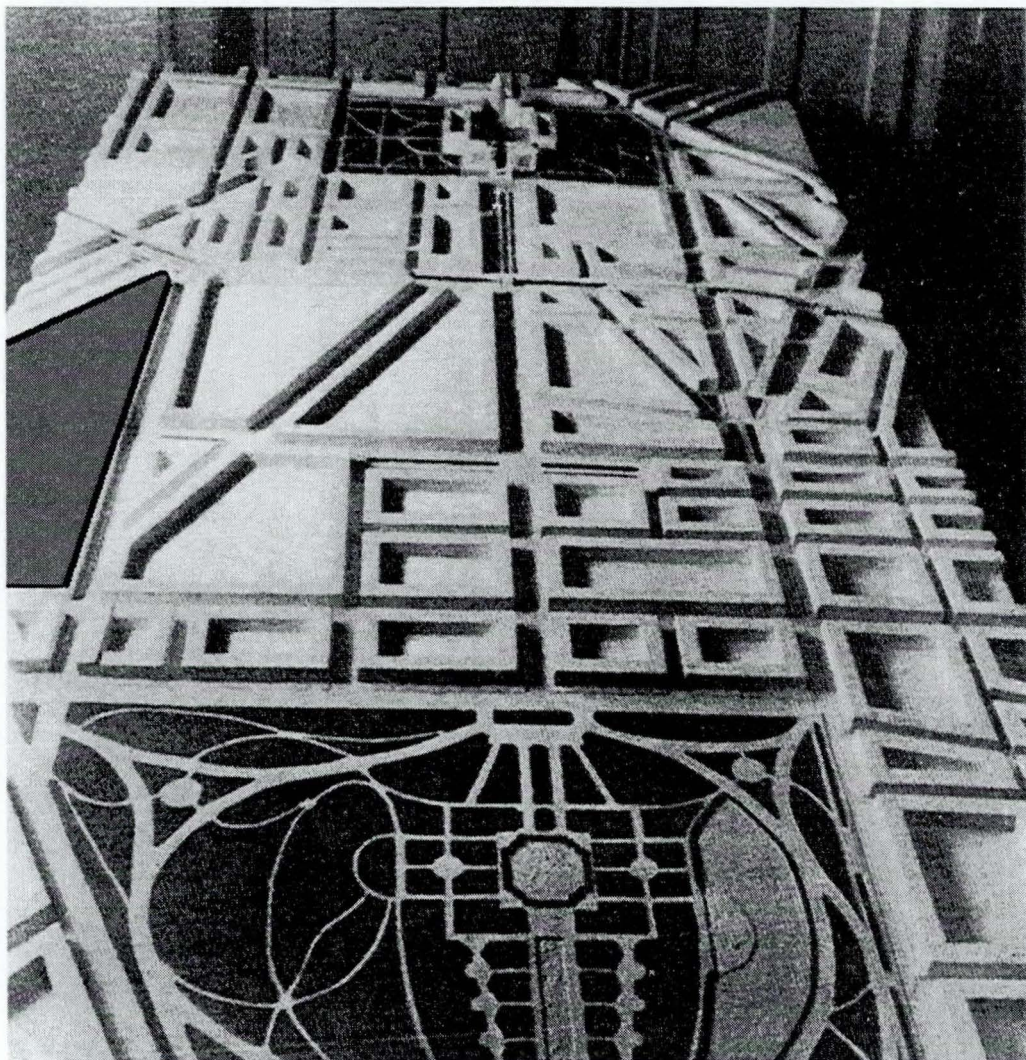


Enfrentar a complexidade do projeto do Campus das Ciências Médicas da Universidade do Rio Grande do Sul em Porto Alegre foi provavelmente a sua primeira experiência como autor, onde procurou responder às questões programáticas de cada edifício com a mesma importância que sua implantação. O quarteirão se conformava em duas faces com os limites definidos pela Avenida Protasio Alves e Rua São Manoel, e uma terceira resultante do traçado proposto para o plano viário de 43. Moreira prioriza atender à melhor orientação para o edifício do Hospital, dispondo suas maiores superfícies de fachadas a NE e SO, direção da terceira face da via frontal projetada. Os demais edifícios do conjunto seguem a esta regra, situam-se como alas de um grande espaço aberto central, limitado por um renque frontal de 100 palmeiras junto ao acesso, numa menção ao passado recente na Quinta. O paisagismo foi proposto em parque contínuo, com circulações exclusivas para pedestres, pouco considerou o entorno, dentro do mesmo conceito da “ilha urbana moderna” proposta por Le Corbusier para a Universidade na Quinta da Boa Vista. Do projeto original, somente o edifício do Hospital de Clínicas foi construído, porém com alterações consideráveis impostas pelo Reitor Prof. Eliseu Paglioli e desaprovadas por Moreira.



Campus MÉDICO / UFRGS – Plano de 43 <sup>15</sup>





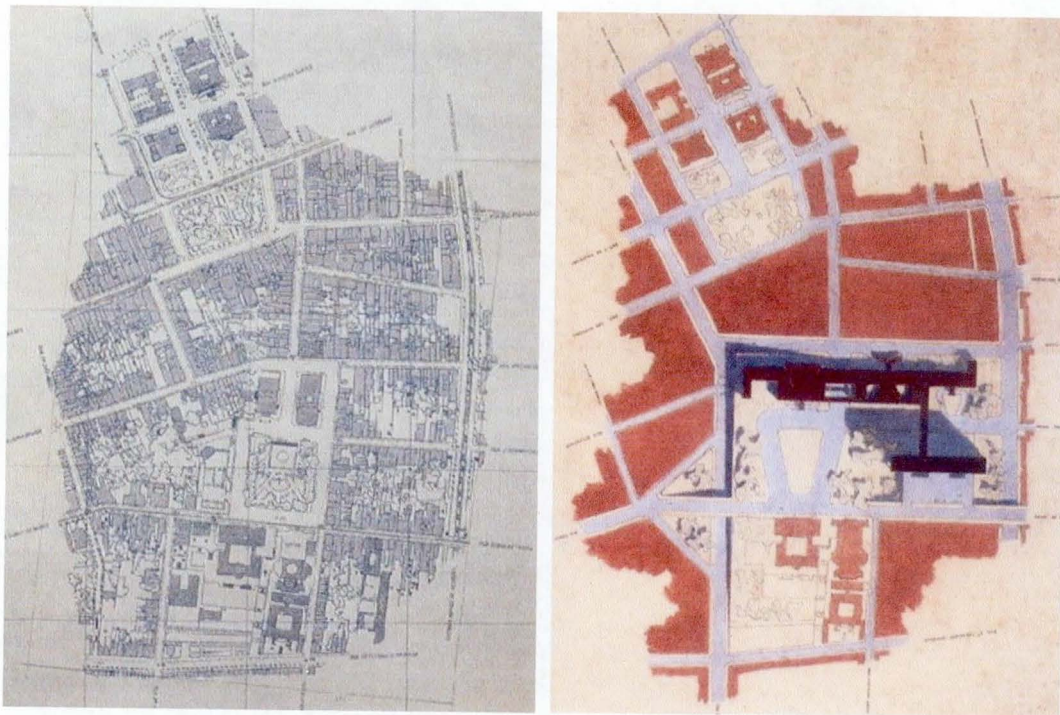
Campus Médico / UFRGS – Maquete – Plano viário de 43<sup>10</sup>

A proposta de remanejar parte do centro de Porto Alegre em 43, propondo a construção de um Centro Cívico, em 200.000 m<sup>2</sup> de área, que envolvia a Praça da Matriz e adjacências, tanto foi radical na promoção de rupturas importantes no organismo urbano com demolição de monumentos, edifícios e espaços históricos, como se opôs à configuração do conjunto do entorno, desconsiderando suas preexistências. Mesmo a preservação de alguns eixos visuais estruturados a partir do edifício do Palácio do Governo e de algumas vias preexistentes em conexão direta com as projetadas, não era condição suficiente para que o novo conjunto perdesse a configuração autônoma.

<sup>15</sup> Arquivo pessoal Arq. Luiz Alberto Sohni Aydos.

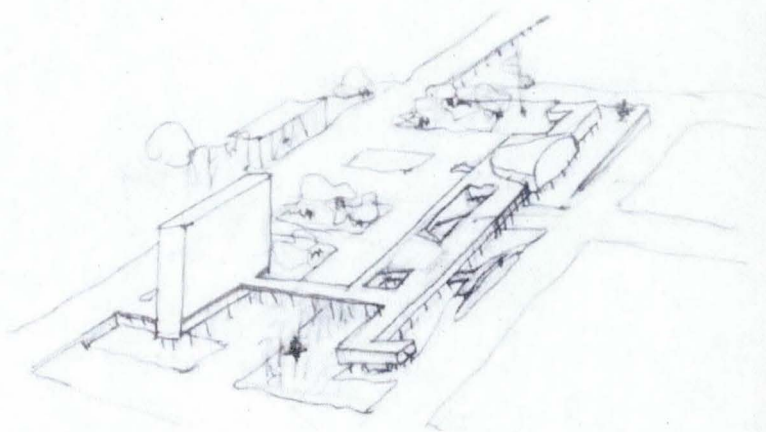
<sup>16</sup> Arquivo pessoal Arq. Luiz Alberto Sohni Aydos.





Centro Cívico de Porto Alegre – Planta Geral e Implantação<sup>17</sup>

Enquanto a relação edifício / terreno resultava em altos índices de ocupação do solo nos quarteirões do entorno, no Centro Cívico, o projeto propôs composição em edifícios isolados, de volumetrias altas e repetidas, intercalados por jardins e espaços abertos de circulação pública em circuitos diferenciados para pedestres e veículos.



Centro Cívico de Porto de Porto Alegre - Croquis de implantação<sup>18</sup>

<sup>17</sup> CZAJKOWSKI, 1999., p. 106.

<sup>18</sup> Ibid., p. 106.



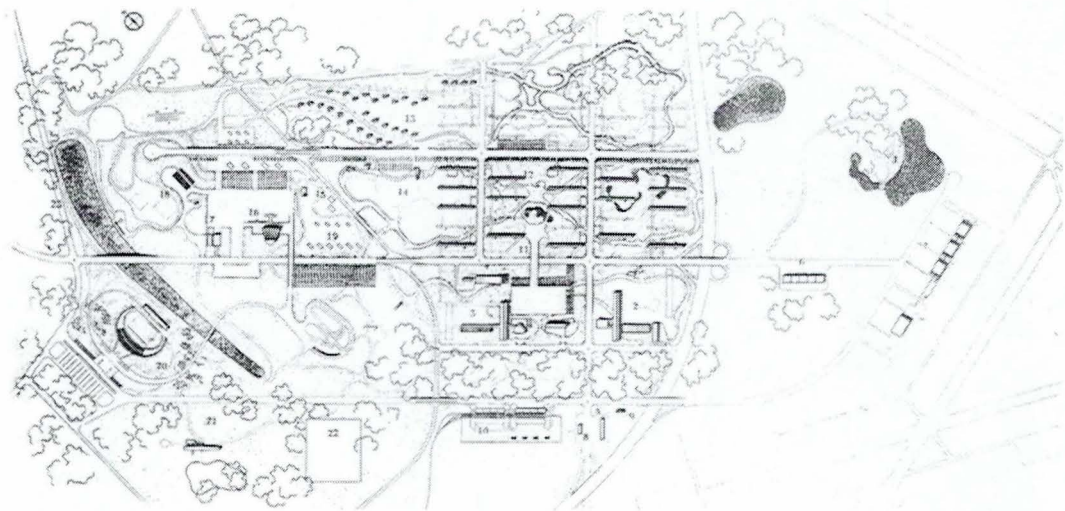
## **4.2.2 A Produção Influente do Amigo Reidy**

### **4.2.2.1 O Centro Tecnológico da Aeronáutica – Cta, e o Centro Cívico do Rio de Janeiro**

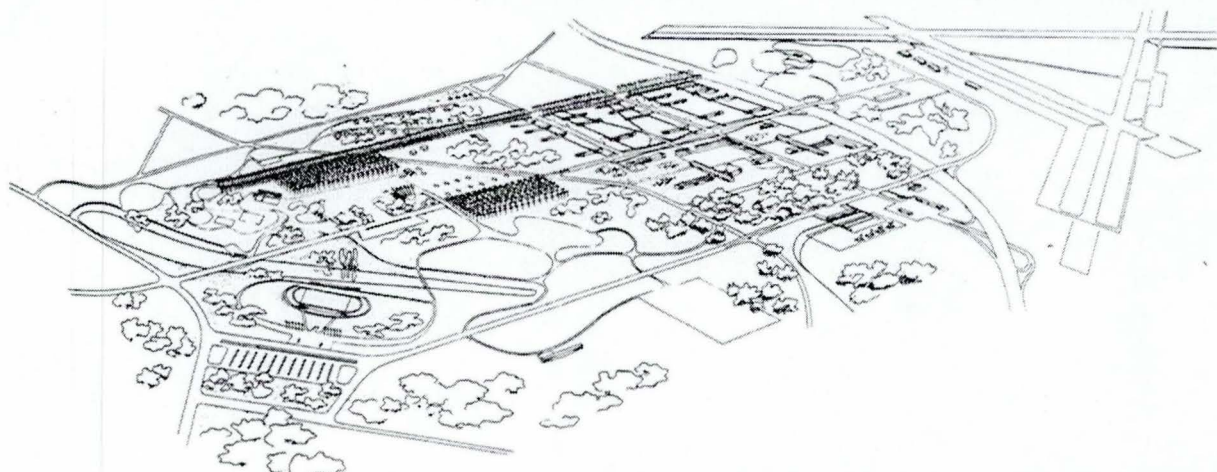
De todos os arquitetos do convívio de Moreira, Affonso Reidy, violino da nova sinfônica moderna brasileira, junto com Lucio Costa e Oscar Niemeyer, foi o que teve influência mais direta nas suas produções. Com as mesmas idéias no plano das soluções formais, enquanto Reidy explorava os aspectos plásticos e funcionais da obra, Moreira elaborava o repertório adquirido no tempo do Ministério, dispensando especial atenção ao detalhamento construtivo. Reidy conclui o curso em 30, assumindo em seguida como assistente de Warchavchik na ENBA. Em 32, é responsável pelo serviço de arquitetura e urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro, onde permanece por quase trinta anos envolvido com alguns programas sociais (para populações de baixa renda) e públicos para o município, onde predominavam os abastados e representativos. Estas condições, no entanto, não o impediram de considerar primeiro a arquitetura edificada como fez nos projetos para os Conjuntos Residenciais do Pedregulho e da Gávea, onde são os edifícios em si que contam em primeiro lugar, que pontuam o local por sua implantação e plástica, contribuindo para dar a este sítio seu sentido definitivo

Com outra pauta de questões, os mesmos procedimentos são cometidos na elaboração do anteprojeto para o Centro Técnico da Aeronáutica, em São José dos Campos, em meados dos anos 40. Tratava-se de um centro de pesquisas e experiências exclusivas da Aeronáutica e da FAB, com programa específico para as atividades do Instituto Técnico de Aeronáutica, órgão de ensino superior do mesmo Ministério. Um conjunto de apoio, composto por laboratórios, hospital, residências, indústrias, área de esporte e lazer, atenderia uma população de 4.000 pessoas, entre 1.500 estudantes e 2.500 professores e funcionários, caracterizando o complexo como área específica de ensino.

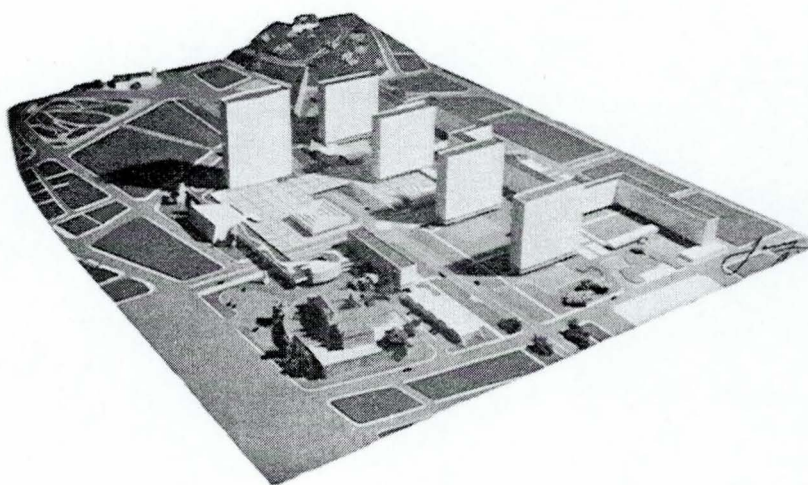




Centro Técnico da Aeronáutica em São José dos Campos - Plano Geral<sup>19</sup>



Centro Técnico da Aeronáutica em São José dos Campos – Perspectiva Geral<sup>20</sup>



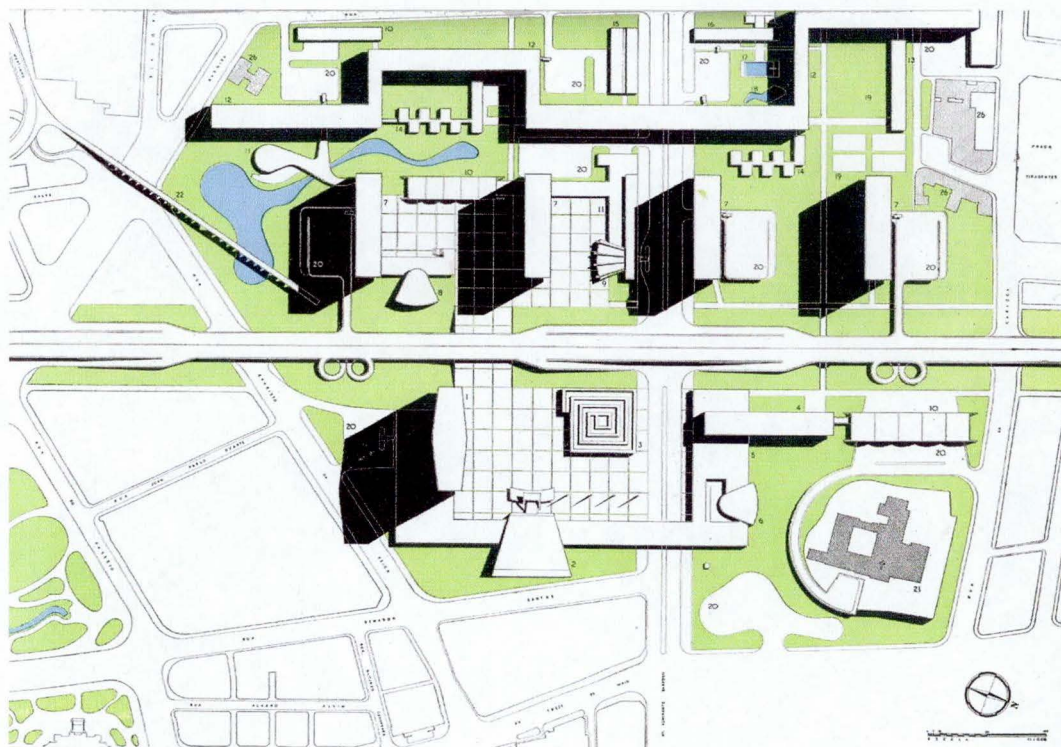
Centro Cívico do Rio de Janeiro – Foto da Maquete<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Revista PDF, n. 87, p. 49.

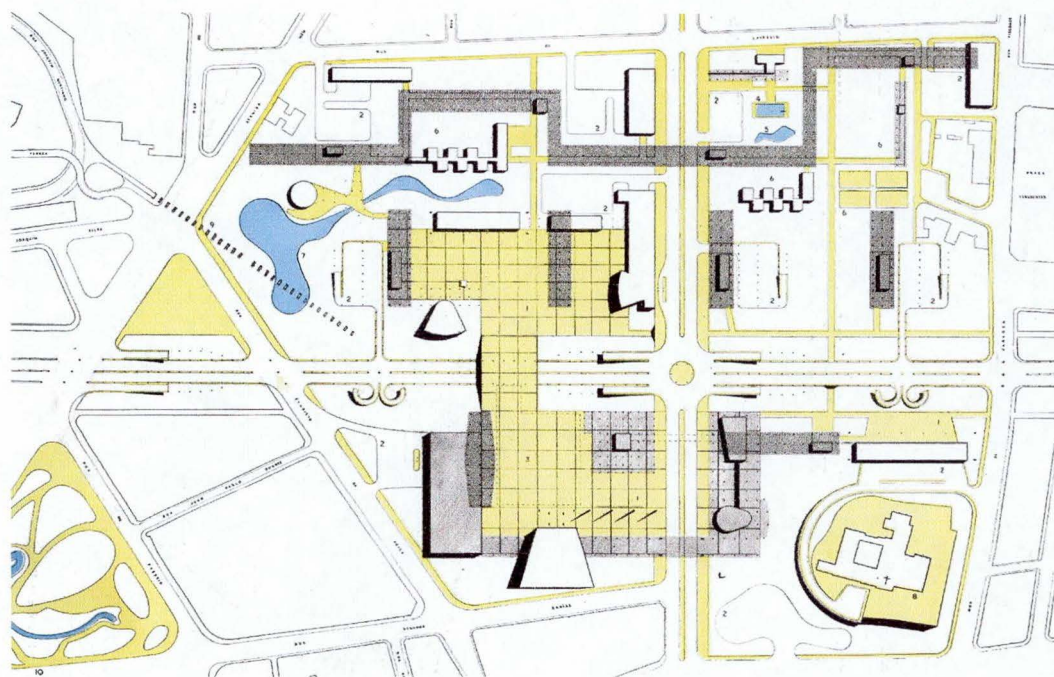
<sup>20</sup> Ibid., p. 48.

<sup>21</sup> Ibid., p. 48.





Centro Cívico do Rio de Janeiro - Implantação<sup>21</sup>



Centro Cívico do Rio de Janeiro – Implantação da 1ª. etapa<sup>22</sup>



Com outra pauta de questões, os mesmos procedimentos são cometidos na elaboração do anteprojeto para o Centro Técnico da Aeronáutica, em São José dos Campos, em meados dos anos 40. Tratava-se de um centro de pesquisas e experiências exclusivas da Aeronáutica e da FAB, com programa específico para as atividades do Instituto Técnico de Aeronáutica, órgão de ensino superior do mesmo Ministério. Um conjunto de apoio, composto por laboratórios, hospital, residências, indústrias, área de esporte e lazer, atenderia uma população de 4.000 pessoas, entre 1.500 estudantes e 2.500 professores e funcionários, caracterizando o complexo como área específica de ensino.

O estudo de urbanização de Affonso Reidy para o centro do Rio, em 47, tinha o objetivo de resolver os problemas do sistema de circulação entre as zonas norte e sul da cidade que, subdimensionado, não suportava o tráfego dos rápidos veículos modernos. Neste projeto Reidy, num exemplo de como estavam sendo tratados a urbanização e os novos elementos da arquitetura, não restringe a sua ação tão somente para resolver os problemas viários, propõe o Centro Cívico Municipal num conjunto de edifícios administrativos para a Prefeitura, Câmara de Vereadores, Biblioteca, Museu, Teatro e Auditório, em construções de volumetrias altas e liberadas o máximo possível do térreo, favorecendo solução de paisagismo em parque contínuo.

No Centro Cívico e no CTA, foram ensaiadas algumas soluções já citadas nos projetos de Lucio Costa e de Le Corbusier para a Cidade Universitária na Quinta. Ambos se orientam pelo mesmo sistema de circulações e reconhecem as vias existentes no entorno, solução antes desconsiderada por Corbusier. A arquitetura do Museu, resolvida por Corbusier, repetia a proposta do Museu do Conhecimento, o Teatro do Centro Cívico era em exoesqueleto como na Aula Magna de Lucio e Corbusier.

Em sua prática, Moreira entendia que para a arquitetura se consagrar como uma ação profissional inerente ao compromisso público, deveria ser mantida uma obsessiva dedicação ao projeto, ao detalhe e à execução de suas obras, como



contribuição para o aperfeiçoamento da tecnologia do projeto e da construção. Esta atenção minuciosa e constante em todos os momentos do projeto, explica porque hoje suas obras estão preservadas com consistência e contemporaneidade.

#### 4.3 A SIMBOLOGIA DO MODERNISMO

Era através das obras do Estado que os arquitetos demonstravam o desejo em compartilhar com a sociedade brasileira, o entusiasmo pela nova arquitetura, transformando os seus espaços públicos em marcos simbólicos de um novo tempo. Foi assim com a obra do Ministério e o projeto para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão seria mais uma obra a confirmar este novo comportamento, tanto na espacialização de um programa de caráter iluminista, como pela oportunidade de acrescentar mais um monumento ao acervo da Capital Federal.



Sede do MESP – Rio de Janeiro<sup>23</sup>

Os dados estavam à disposição, podendo ser herdados por análise e/ou crítica, dos projetos de Madrid, Roma e da Quinta. Ou, à luz da recomendação de COMAS, já citada inicialmente, sobre importância da antecedência histórica e formal como base para uma crítica arquitetônica consistente, ou, por outra via, quando Ruth, em “O Lugar da Crítica”, atribui virtudes à percepção do próprio analista e crítico diante da obra,

<sup>23</sup> CZAJKOWSKI, 1999, P.95.



Analisar é extrair da própria obra o que ela tem a dizer seguindo um caminho inverso ao da interpretação, pois os instrumentos da análise serão construídos à medida que a obra analisada os necessitar. A análise tenta verificar que questões a obra coloca ou que abordagens na subjetividade de quem realiza a análise e, portanto o resultado será uma co-criação entre a obra em si e aquele que a analisa. [...] Teorizar, construir uma teoria, é tarefa que, na arquitetura, cabe primordialmente à obra arquitetônica. Teorias arquitetônicas são inúteis se não forem instrumentos do fazer arquitetônico concreto; mas paradoxalmente a teoria nunca esta presente enquanto tal no processo de projeção. E conclui, ninguém se senta à prancheta para fazer teoria, e sim para fazer arquitetura. Mas se não fizer teoria, o arquiteto fará desenhos, construções e volumes no espaço, não necessariamente arquitetura. (ZEIN, 2001, p. 202 e 203 )

#### 4.4 CIDADE UNIVERSITÁRIA DA ILHA DO FUNDÃO

##### 4.4.1 O Programa

O momento era de incentivo ao desenvolvimento da cultura no país e os recursos estavam disponíveis. As solicitações das unidades eram sempre superdimensionadas porque contavam, por decisões do governo, com alguns cortes nos seus orçamentos. Mesmo assim, estas demandas foram surpreendentemente atendidas e no resultado final as unidades que passaram a ocupar o novo Campus, tiveram as suas áreas praticamente duplicadas. Moreira não foi convidado a participar das decisões iniciais, e estes foram os efeitos de sua ausência, durante o processo de planejamento e dimensionamento do programa.

Algumas determinações prévias, como a definição da capacidade máxima recomendável e o programa básico do Campus, seguiam os resultados das experiências anteriores no Brasil, mais precisamente nos projetos da Quinta da Boa Vista e no exterior, em Roma e Madrid. Quanto à sua capacidade, ficou estabelecido que a Cidade Universitária da Ilha do Fundão seria projetada para atender, nos seus 600 ha, uma população limitada entre 15 e 30 mil pessoas, entre professores, alunos e funcionários. O programa aprovado em caráter de urgência pela comissão especial do Ministério da Educação e Cultura, era composto por dez centros: Administrativo; Filosofia, Ciências, Letras e Educação; Ciências Sociais, Políticas e Econômicas; Médico, Odontológico, Farmacêutico e Hospitalar; Engenharia, Químico, Tecnológico, Eletrotécnico e Física, Nuclear; Belas Artes, Arquitetura e Música; Educação Física; Residencial; Serviços Auxiliares; Florestal e Zoológico.



O total das áreas, inicialmente previstas para os maiores centros do programa, correspondia à metade dos 600 hectares da ilha, assim distribuídas; Centros Médico e Residencial com 100 hectares, Centro de Engenharia com 70 hectares, Centro de Educação Física com 40 hectares e Centro Florestal e Zoológico com 80 hectares. Entretanto, antes de qualquer trabalho de projeto era necessário refletir sobre o caráter do novo conjunto e como conceituá-lo. Não era para menos, tratava-se de um conjunto complexo de atividades, com a função de atender as necessidades de uma clientela exigente, diversificada e bastante esclarecida. Começava uma nova etapa do desafio.

#### 4.4.2 O Plano em Quatro Momentos

O inédito no plano do Fundão fica por conta dos mesmos princípios de racionalidade, que tanto estavam presentes na sua solução urbana, como na montagem da arquitetura dos seus edifícios. O que nos parece interessante é estabelecer as relações entre o resultado urbano e as tipologias das edificações propostas para a Cidade Universitária, nos seus diversos momentos, projetados por Moreira durante aproximadamente duas décadas.

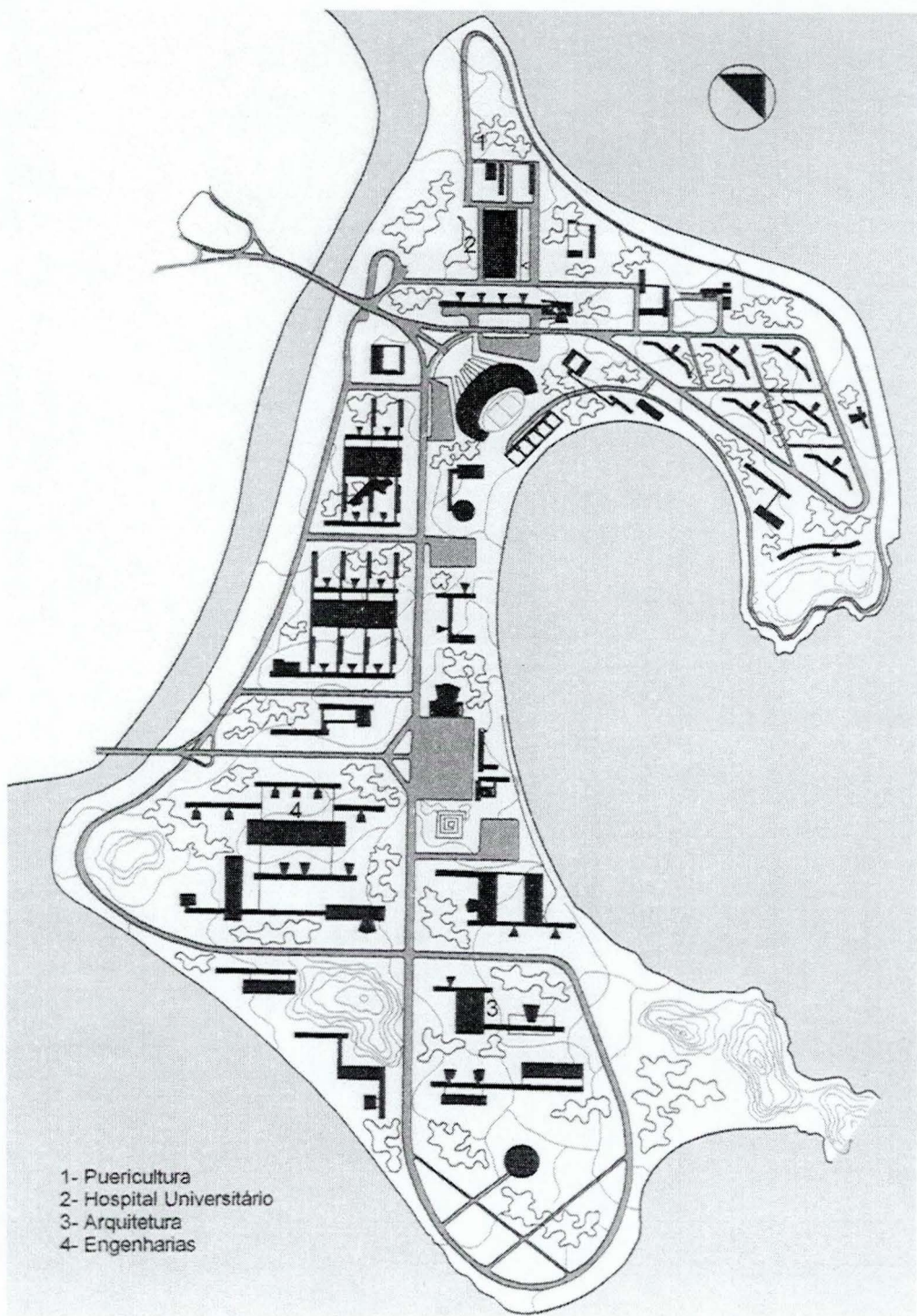
O planejamento físico para a Cidade Universitária no Fundão teve quatro momentos importantes e em épocas diferentes: o plano inicial de 49 a 52; uma primeira versão em 54; a segunda entre 56 e 60, coincidindo com a conclusão da primeira etapa de implantação do Campus; a versão 70 até a situação atual. Do plano original à segunda versão, o desenvolvimento ficou por conta do redimensionamento e da melhor definição do traçado do sistema de circulação. Houve alterações que interferiram substancialmente nas tipologias das construções, com conseqüências diretas no tratamento do espaço aberto, variando propostas desde edifícios padronizados e unidos pelos térreos - como no plano de Lucio Costa para a Quinta - até em construções isoladas e autônomas como as de hoje.

A partir de 70, surgem os primeiros ensaios de aproximação entre a iniciativa privada e a Universidade, com esboços de propostas para hotéis, mercados e cinemas na Ilha. Mas o interesse pela pesquisa foi o incentivou da mescla entre as



atividades acadêmicas e os programas de algumas estatais, materializadas em edificações próprias.

#### 4.4.2.1 O Primeiro de 49 a 52



Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Plano inicial 1949/1952  
Reproduzido em Autocad a partir do original<sup>24</sup>

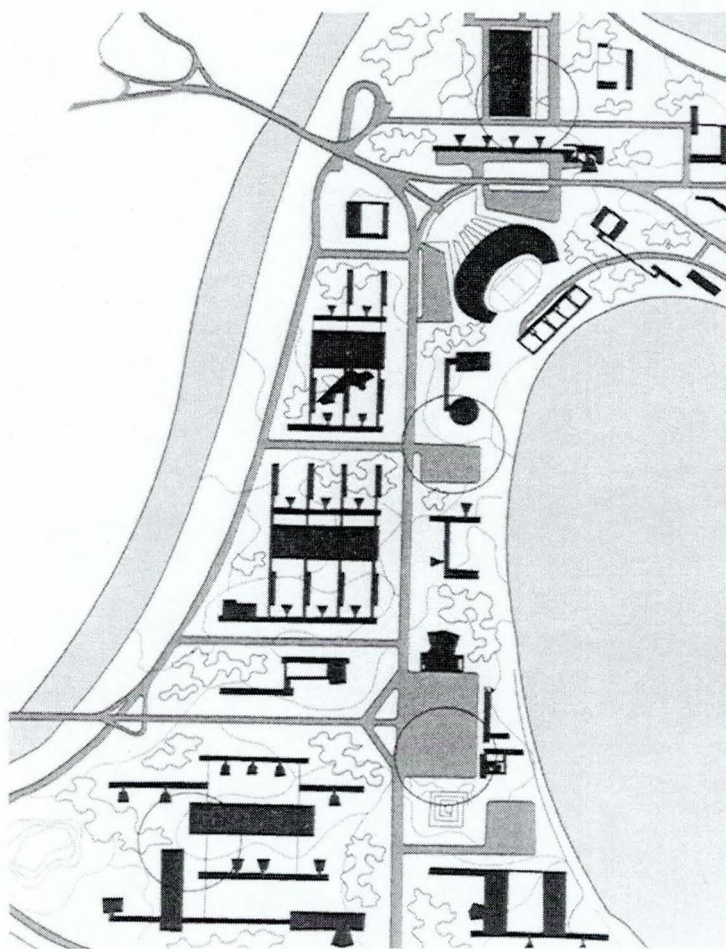
<sup>24</sup> Ibid., p.130

1a versão



A urbanização da Ilha mostra como o arquiteto experimentou a relação direta entre os conceitos extremos, do racional e do orgânico, do natural e do artificial, num caso de porte urbano. Comedido, Moreira logo tratou de interpretar este questionamento, e a resposta veio por um projeto de traçado simples, com soluções de geometrias de muitas retas e algumas curvas.

Orientados inicialmente por dados como a conformação da Ilha, suas condições ambientais, perfil e tamanho da população usuária, os primeiros estudos de zoneamento já formalizavam a característica racional da arquitetura de Moreira, no agrupamento dos Centros - por afinidade de cursos - em três grandes áreas; Saúde e Engenharias, situadas nos extremos opostos da gleba, e um terceiro, situado entre ambos e disposto em fatias transversais, com os Centros das Áreas das Ciências Humanas e Praça Cívica.



Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Agrupamento dos Centros-Detalhe do plano de 1949/1952



Sempre presentes na obra de Moreira, as considerações com a demanda ambiental não se limitaram tão somente ao edifício ou a um setor e seus arredores. Foram mais abrangentes, preservaram as dimensões e as características das margens naturais das ilhas componentes, que bordam com o seu orgânico contorno, a rígida trama ortogonal entre as topografias inalteradas das seis colinas herdadas.

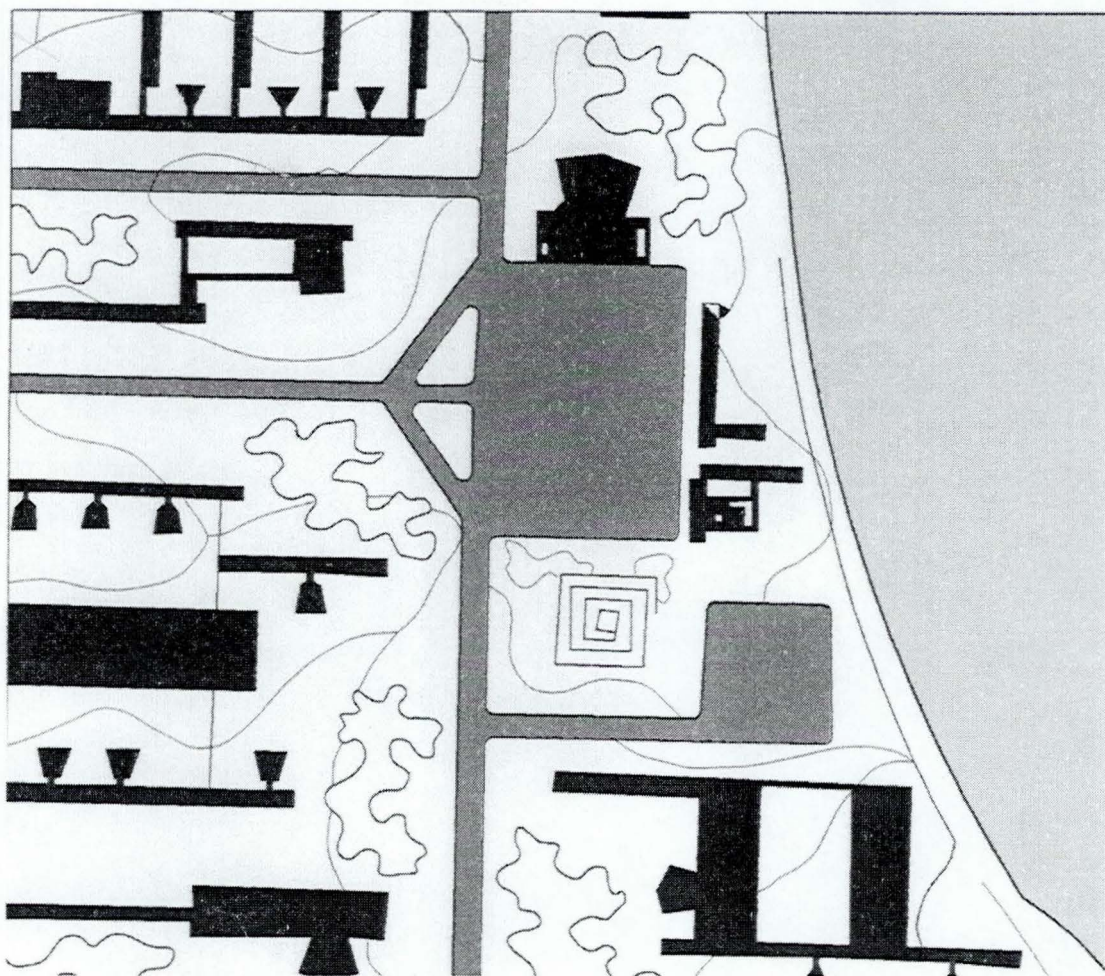


Ilha do Fundão - Paisagem herdada<sup>25</sup>

Com o predomínio da artificialidade do aterro, a relação paisagística entre o mar e a montanha passou a ser referência valiosa e importante na composição do plano da Ilha. Se toda a composição se desenvolvia no sentido longitudinal, o seu principal acesso se caracterizou pela ponte da Avenida Osvaldo Cruz ligando ao continente, em sentido transversal à maior direção da composição. Este acesso era finalizado pela Praça Maior do Centro Cívico, bem ao centro da baía Nordeste e no eixo dos dois promontórios remanescentes das ilhas de Bom Jesus e Catalão, avançados ao mar como portal, considerando o forte fator paisagístico no sentido mar / ilha.

<sup>25</sup> ETUB, 1953, p. 12





Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Praça Maior  
Detalhe do Plano de 52

A orientação da Praça Maior não teve o mesmo sentido da grande praça de acesso da composição de Le Corbusier para a Quinta. Tanto quanto Reidy no projeto do Centro Cívico do Rio, Moreira orienta a sua ação de projeto na consideração ao mar e à montanha, presentes em todos os seus horizontes. Entre as formas da área mais bem valorizadas e exploradas pelo plano, está a da baía nordeste, onde a preservação da sua integridade simboliza a homenagem à baía mãe – Guanabara - como forma de sintonizar a Cidade Universitária com o contexto urbano mais dinâmico do continente. Na composição deste portal, estavam as mesmas peças dos planos anteriores, o Grande Anfiteatro como réplica do projeto para o Palácio dos Soviets e o Museu, o mesmo Museu de Arte Contemporânea do Mundaneum, projetados quase 14 anos depois. Estavam também presentes na Praça Maior do Centro Cívico do Fundão, os mesmos vizinhos dos planos da Quinta – Arquitetura, Artes e Engenharia.



A estratégia de Moreira para o Fundão era diferente da utilizada por Reidy no plano da Esplanada do Morro de Santo Antonio, na Cidade do Rio de Janeiro. O projeto da Esplanada primeiro buscou sustentação no forte conceito para “o novo espaço” do centro do Rio, de acordo com o caráter do lugar, definindo um partido e seu sistema de circulação. Na ilha a realidade era outra e também foram outras as referências preexistentes - três horizontes com mar, montanhas e tênues ligações com o continente.

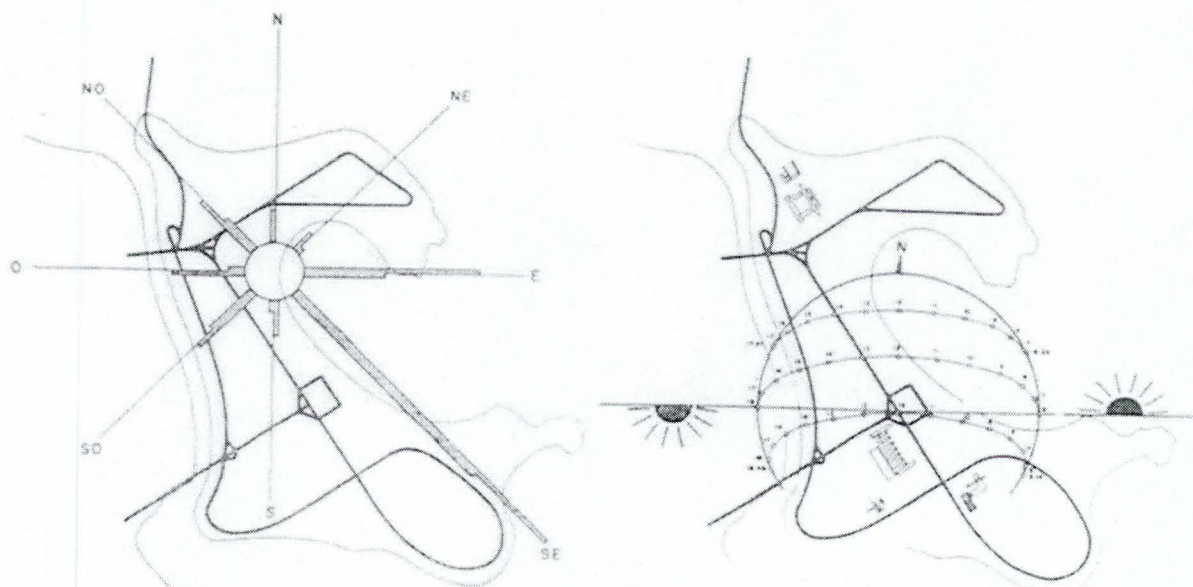


Foto aérea da Ilha do Fundão<sup>26</sup>

Estudos preliminarmente desenvolvidos no local pelo Escritório Técnico, coordenados pelo Eng. Paulo Sá, tinham como objetivo estabelecer as melhores condições para dois aspectos fundamentais. O primeiro na busca da melhor orientação dos edifícios, visando um melhor iluminamento natural e conforto térmico dos seus interiores. O segundo, com a finalidade de escolher os materiais mais apropriados, do ponto de vista da condutibilidade, da reflexão térmica e do mais rentável aproveitamento da luz diurna.

<sup>26</sup> CZAJKOWSKI, 1999, p.131





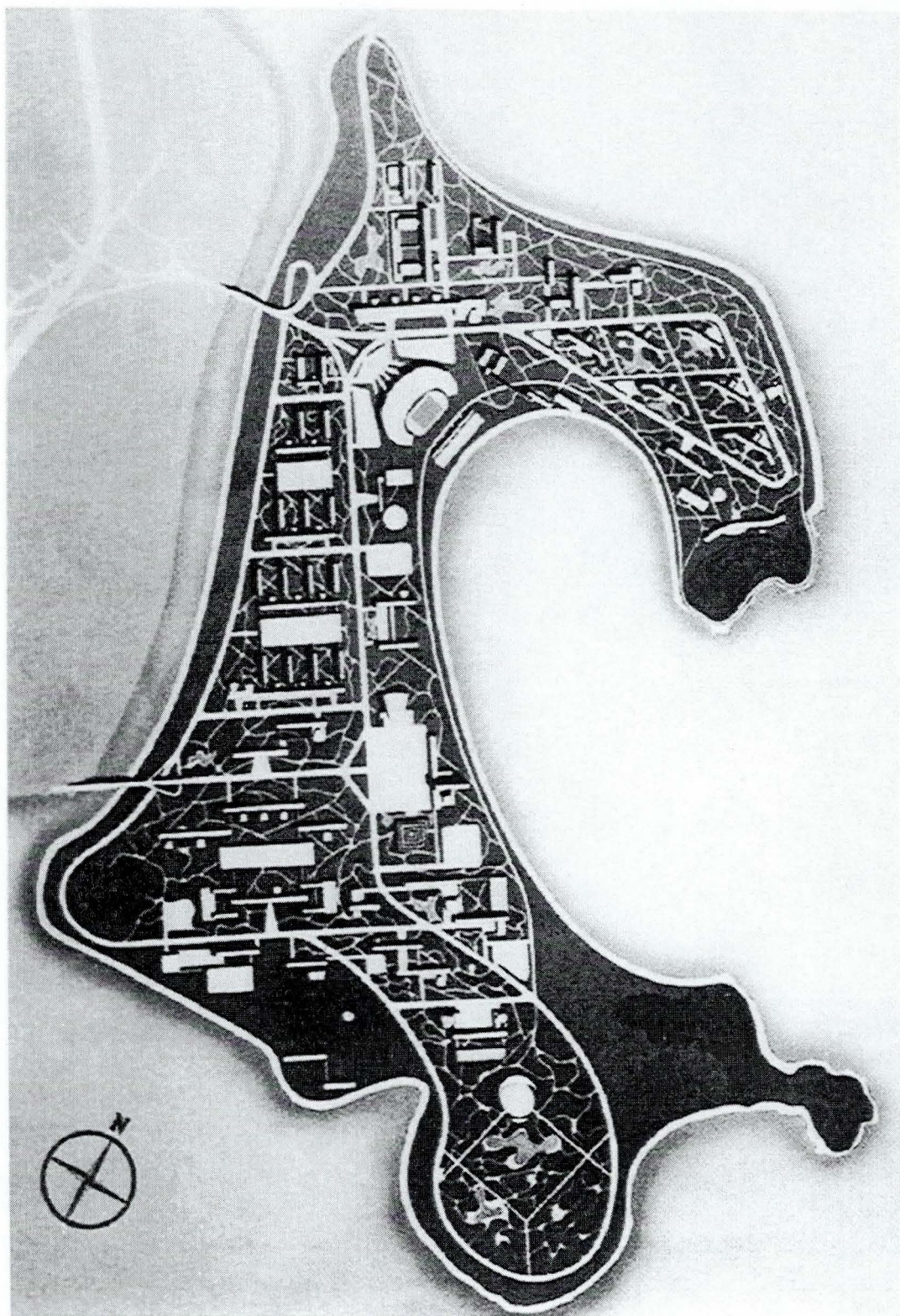
Ilha do Fundão - Orientação das avenidas e alameda - Estudos "in loco"<sup>27</sup>

Para a montagem do partido urbano da Cidade Universitária, foram consideradas a conformação da Ilha e seus aspectos ambientais, mas não foi em cima de nenhum deles que o plano urbanístico se estruturou. Fatores como a grande dimensão do terreno – equivalente a 10 vezes a área do Campus do Vale da UFRGS – e as distâncias com percursos de mais de 30 km em condições precárias de tráfego nas vias que ligam a Ilha aos bairros do continente, bem como as internas, entre os diversos setores dentro do próprio Campus, definiram a montagem da composição urbana pelo sistema viário.

Como nos planos de Corbusier e de Lucio Costa para a Quinta da Boa Vista, no plano de Moreira para a Ilha o veículo foi demanda importante. No entanto, a Ilha Universitária nunca seria a "ilha moderna e autônoma", porque precisava dos vínculos com o continente para existir, a partir dos quais seu sistema viário foi estruturado. Era, portanto, uma ilha real e sua autonomia discutível. O primeiro estudo reforça a linearidade do terreno, servindo toda a sua extensão por uma - ainda estreita - via central, desde as Engenharias até o Hospital, com um traçado subdimensionado, de ingênua geometria que mudava as direções para outras vias também estreitas, por simples cruzamentos no nível do solo, sem caracterizar ainda uma hierarquia de fluxo.

<sup>27</sup> ETUB, 1953, p. 16





Cidade Universitária da Ilha do Fundão, Plano de 52<sup>28</sup>

17 VERSÃO



O tema "Circulação", debatido no 4º. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – CIAM - em 33, concluindo que: "Os sistemas de vias de nossas cidades de hoje são heranças das eras passadas, quando elas eram traçadas para pedestres e veículo de tração animal<sup>29</sup>", atualizou o repertório de Moreira, sinalizando à necessidade de soluções modernas.

Com o maior sentido da Ilha se desenvolvendo ao longo do continente, a configuração de um sistema longitudinal de circulação abriria a possibilidade de um maior número de opções de acessos transversais. Roberto Conduru, parecendo estar, por similitude, se referindo ao plano de Corbusier para a Universidade na Quinta, sintetiza esta situação numa interpretação da leitura que fez do plano de Moreira, "[...] o espaço tinha sido concebido como parque contínuo, atravessado pelas tramas independentes das vias de automóveis e pedestres, conectando os edifícios, tratados como volumes isolados". (CONDURU, 1999, --)

Na realidade o desejo de Conduru era de que a solução de Moreira para a Ilha estivesse no padrão proposto por Corbusier para a Quinta. No entanto não estavam presentes, o grande eixo imaginário cruzando os edifícios e os imponentes espaços abertos, mas tinham em comum a natureza vizinha e exuberante de um, nas montanhas e de outro, no mar e nas montanhas. A consideração com a demanda ambiental, constante preocupação na obra de Moreira, está marcadamente presente desde os primeiros traços no plano da Ilha, preservando topografias, margens e vegetações das ilhas componentes.

#### 4.4.2.2 Os Edifícios em 52

As apreciações e comentários aqui relatados foram feitos com base nos dados da planta geral do primeiro anteprojeto para o conjunto da Cidade Universitária do Fundão.

Mais de 15 anos depois, as propostas de Corbusier e Lucio Costa para a Quinta ainda eram as melhores e as mais atualizadas referências para pesquisa sobre programa e planejamento físico de uma Cidade Universitária no Brasil. Mesmo

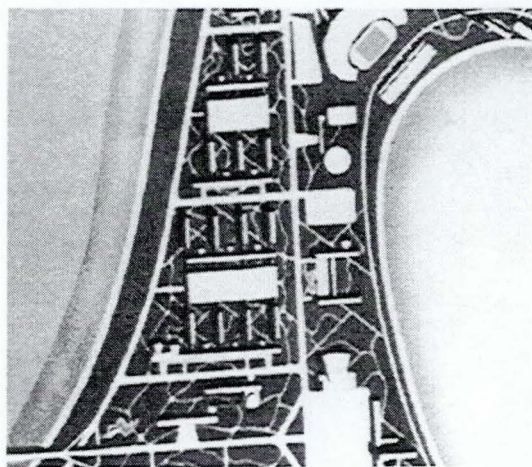
<sup>29</sup> Carta de Atenas – 4º Congresso Internacional de Arquitetura – Atenas 1933



em situações de soluções e conceitos opostos como foram concebidos, os projetos apresentavam uma importante variedade de elementos da nova arquitetura nas mais diversas escalas, tanto para as edificações, como no grande espaço aberto e nas circulações. A tarefa de Moreira na Ilha, começava com esse variado repertório à sua disposição e, já no primeiro plano, insinuava a idéia de parque único e contínuo, reforçada pelas edificações pousadas no solo em pilotis.

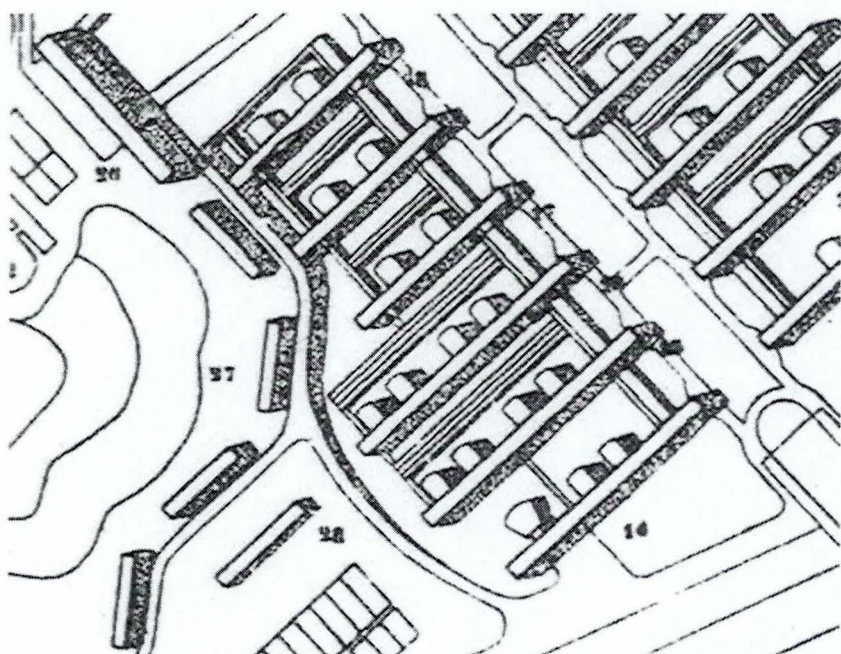
Se no plano de Lucio o sistema e os subsistemas se esclarecem e organizam o conjunto, no plano de Moreira não existem os subsistemas e o esquema de partição é direto e frontal, com o canal da grande avenida ao longo da Ilha. Esta condição repercute diretamente na definição da tipologia dos futuros edifícios no Fundão. Mesmo assim, essas heranças amparadas no conceito forte do "Parque contínuo" ou do "Grande percurso" da Universidade da Quinta, poderiam ter sido exploradas por Moreira com mais profundidade.

Repetindo os componentes arquitetônicos dos edifícios de Lucio para a Quinta, dispoendo em fita sobre pilotis as áreas dos departamentos, bibliotecas, museus, laboratórios e administração, e os blocos de aula teórica, colados transversalmente nos térreos destas fitas, o arranjo do conjunto não era ordenado pelo mesmo percurso central e também não definia a privacidade de cada escola, situação possível no esquema da Quinta. No Fundão se entende como possível a setorização de atividades no nível do térreo junto aos pilotis, porém, em condição aberta e sem privacidade.



Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Detalhe do plano 52 - 1a. tipologia dos edifícios





Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista  
Tipologias repetidas de Lucio Costa - Detalhe do Plano Lucio Costa (p. 46)

Na Ilha os conjuntos de edifícios dispõem-se isolados nos centros dos quarteirões, compostos pelas mesmas peças do projeto de Lucio Costa, como os grandes Centros da Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia, Institutos Médicos e Engenharia. Outros, apresentavam-se autônomos, mas compondo com as mesmas peças, em menores dimensões, os demais Centros do conjunto.

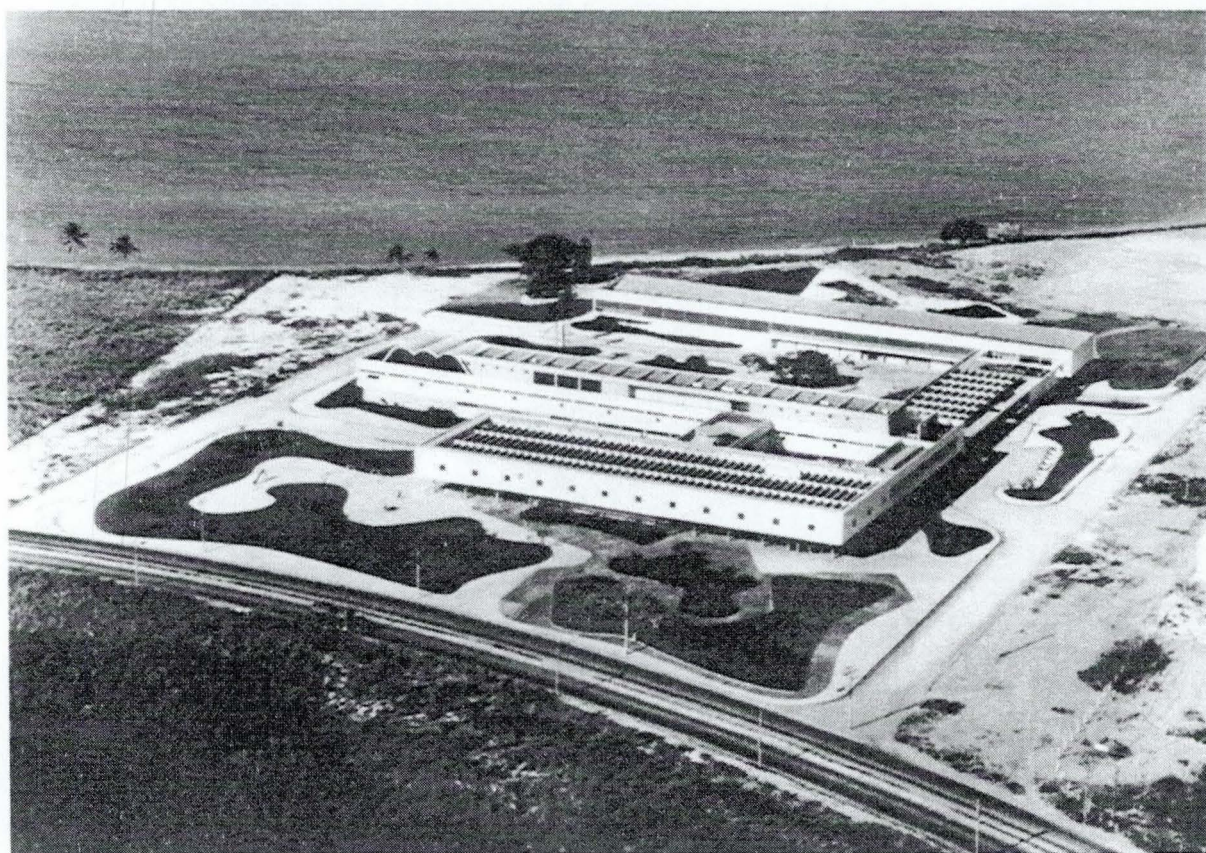
Todos estes componentes, com exceção do Centro Residencial, estavam dispostos na mesma direção, ou seja, em posição de destacada ortogonalidade com a Avenida Central. Esta condição foi determinante no partido dos primeiros edifícios construídos - o Instituto de Puericultura e o Hospital de Clínicas - cujas soluções de arquitetura se desenvolveram em edifícios isolados nos centros dos lotes.

Os registros gráficos não documentam suficientemente, mas através de uma análise cronológica se deduz que imediatamente após os projetos da Puericultura e do Hospital, os edifícios da Engenharia e da Arquitetura foram projetados dentro do mesmo conceito, no lugar de onde antes havia propostas de edificações compondo conjuntos de elementos de tipologias repetidas.

O paisagismo encomendado a Burle Marx para o entorno dos edifícios da Puericultura e da Arquitetura, reforça a tendência da unidade em lote isolado e dá início à revisão da proposta inicial. As soluções de paisagismo, que poderiam ser



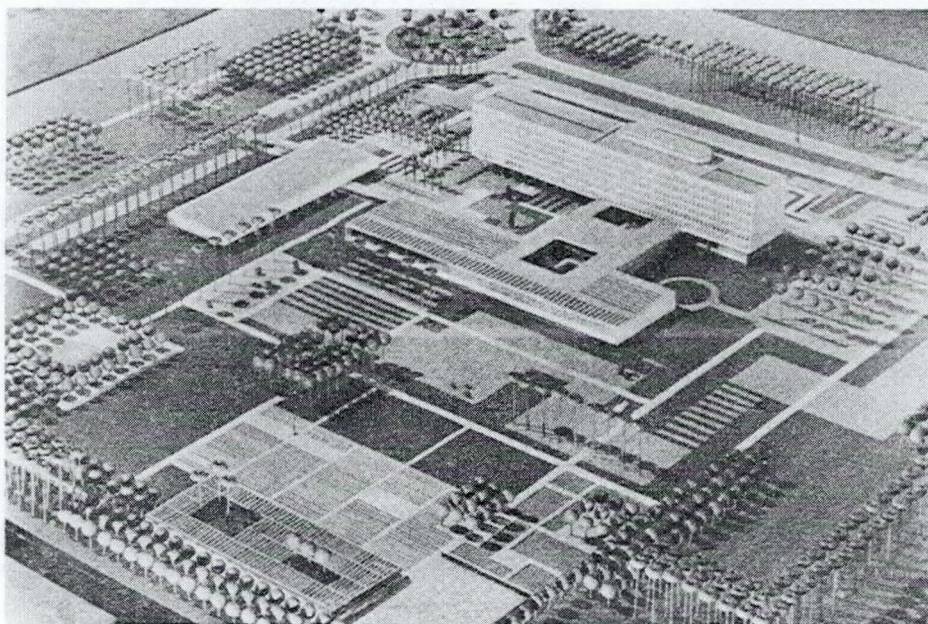
resolvidas dentro de uma mesma proposta formal em todo o Campus, são diametralmente opostas e individualistas. No entorno do Instituto de Puericultura, o paisagismo se estruturou em formas orgânicas e livres, contrapondo-se à rígida geometria do edifício, que pelo pioneirismo talvez devesse evocar o mar e seus movimentos. Na outra extremidade da Ilha, os jardins da Arquitetura tinham finalidade didática, propondo a utilização das espécies mais representativas brasileiras, dando ao estudante um conhecimento generalizado da nossa flora e de seu emprego, como mais um elemento de arquitetura. Sua geometria seguia ao rigor cartesiano do edifício, compondo canteiros, pátios, lagos e gramados com bambus, arbustos, plantas aquáticas e de restinga, até os limites do lote, junto às vias do entorno.



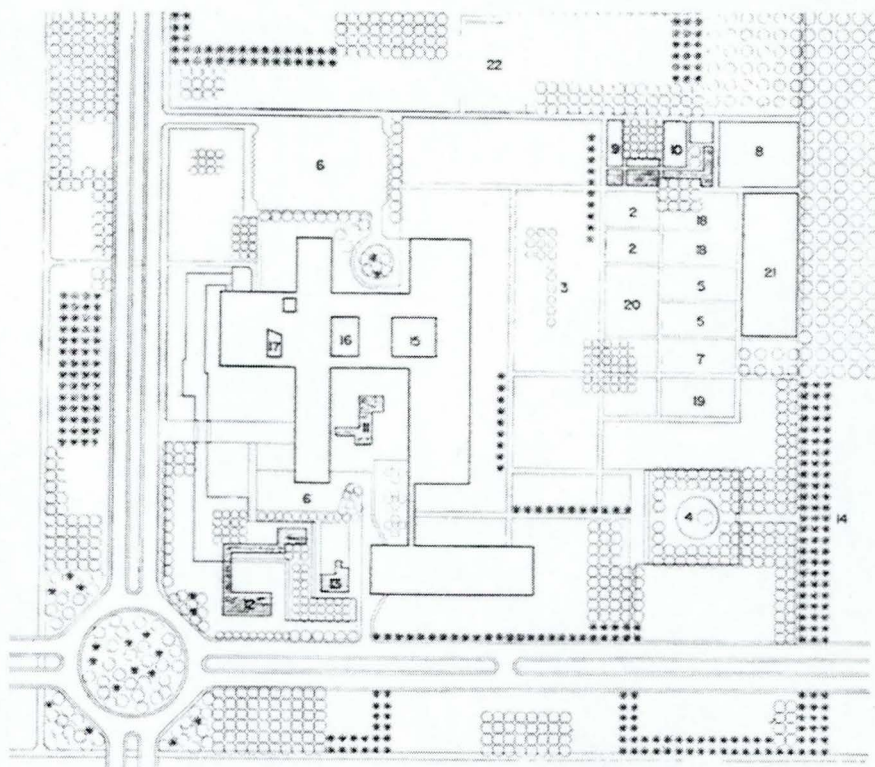
Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Puericultura- Jardins de Burle Marx<sup>30</sup>

<sup>30</sup> CZAJKOWSKI, 1999, p. 132





Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Arquitetura - Jardins de Burle Marx<sup>31</sup>



Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Jardins de Burle Marx – Arquitetura<sup>32</sup>

Outros edifícios contemporâneos em fase de estudos e anteprojetos, como nos casos do Centro Medico, Engenharia, Humanidades, Olímpico e Serviços

<sup>31</sup> CADERNOS DE ESTUDOS FAU-UFRGS, n.20, p.7

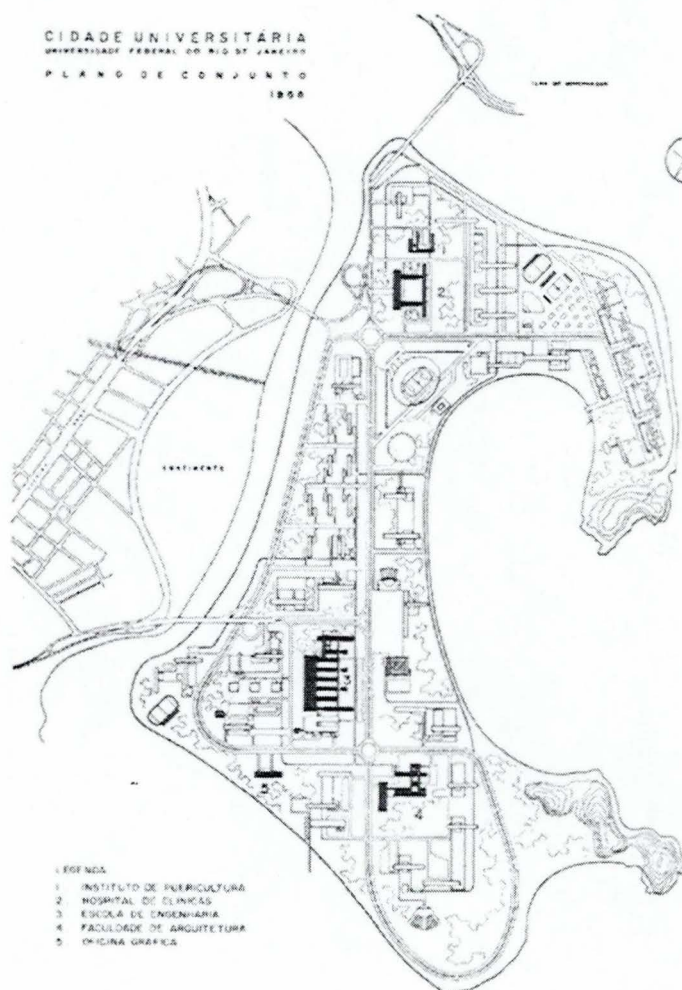
<sup>32</sup> Ibid., p.7



Gerais, mantinham as suas arquiteturas montadas ainda com alguns elementos padronizados.

O plano de 52 concluiu-se entre edifícios dependentes e autônomos, resolvidos em espaços limitados e infinitos. De qualquer maneira, a partição da ilha inaugurava uma nova e longa etapa, motivando estudos e posteriores versões. Estes eram os primeiros modelos e dados reais, apreciados na primeira avaliação realizada em 54.

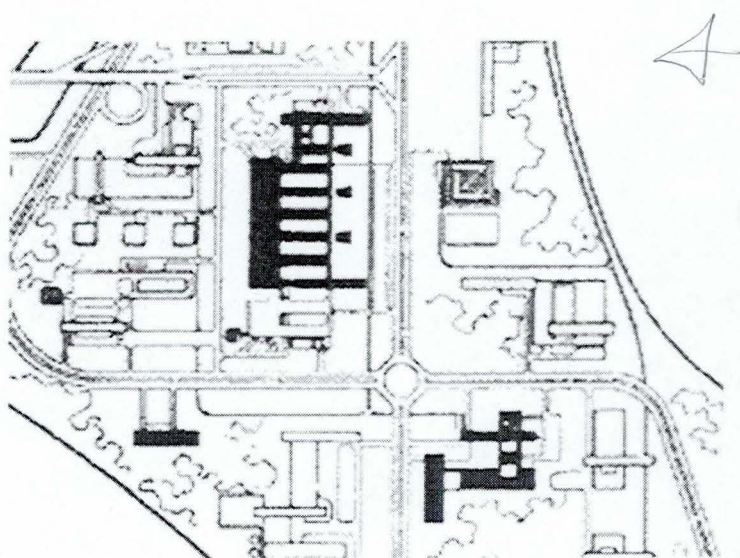
#### 4.4.2.3 Primeira Versão em 54





O plano evoluiu com a melhor definição das dimensões e do zoneamento das suas partes, quando passou a ser trabalhado com novos dados, como o número mais exato e o perfil da população usuária - estudantes, professores e funcionários - com os índices climáticos de insolação mais exatos, gráficos de ventos predominantes, gabarito de altura em virtude da proximidade com o aeroporto do Galeão e das melhores situações de ligação com o continente.

Também, a partir da revisão no plano de 52, o plano de 54 apresentou importante alteração no sistema viário, com traçado mais adequado e dimensionado de conformidade com as reais exigências do programa. A hierarquia insinuada anteriormente, ficou evidente na proposta de 54, com a avenida central resolvida em largura de seis pistas e extensão até os limites extremos do terreno, desde a ligação com a Ilha do Governador, antes do Hospital, até depois da área das Engenharias. As ligações transversais com os Centros de Arquitetura, Filosofia, Ciências e Residencial nos extremos da Ilha, mudam ortogonalmente as direções através de um sistema de rótulas planas.

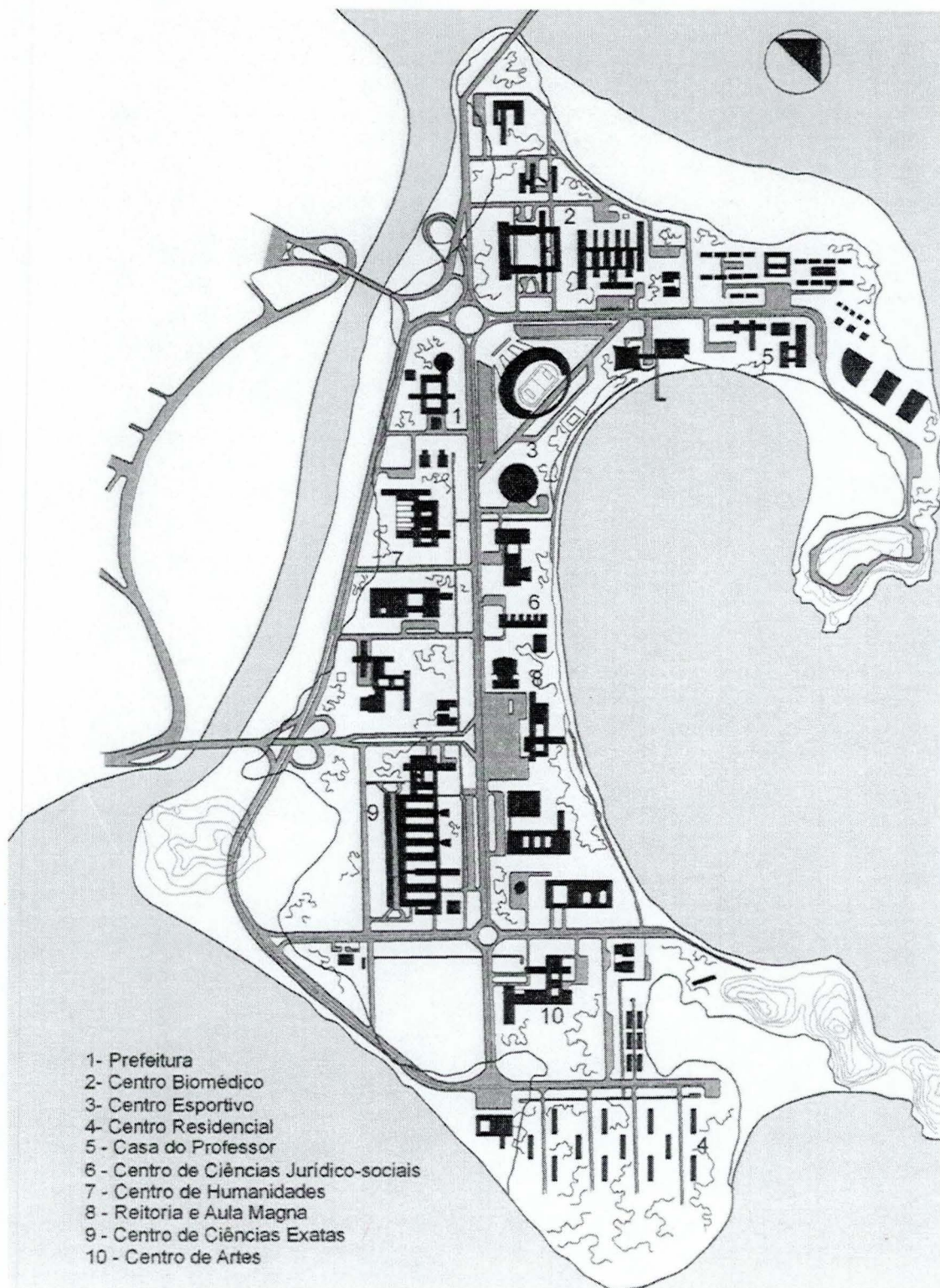


Cidade Universitária na Ilha do Fundão  
Detalhe do Plano 54

O que não fica claro é a importância do traçado da avenida que liga as duas pontes - Osvaldo Cruz e Brigadeiro Trompowsky - pela borda interna da Ilha, paralela ao continente que, neste segundo plano, apresenta as mesmas dimensões da avenida principal atendendo tão somente as necessidades de apoio ou simplesmente sendo uma via secundária.



#### 4.4.2.4 Segunda Versão entre 56 e 60



Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Plano Versão 56/60  
 Reproduzido em Autocad a partir do original<sup>30</sup>

<sup>30</sup> CZAJKOSWSKI, 1999, p. 130 (Original)

20 VERSÃO



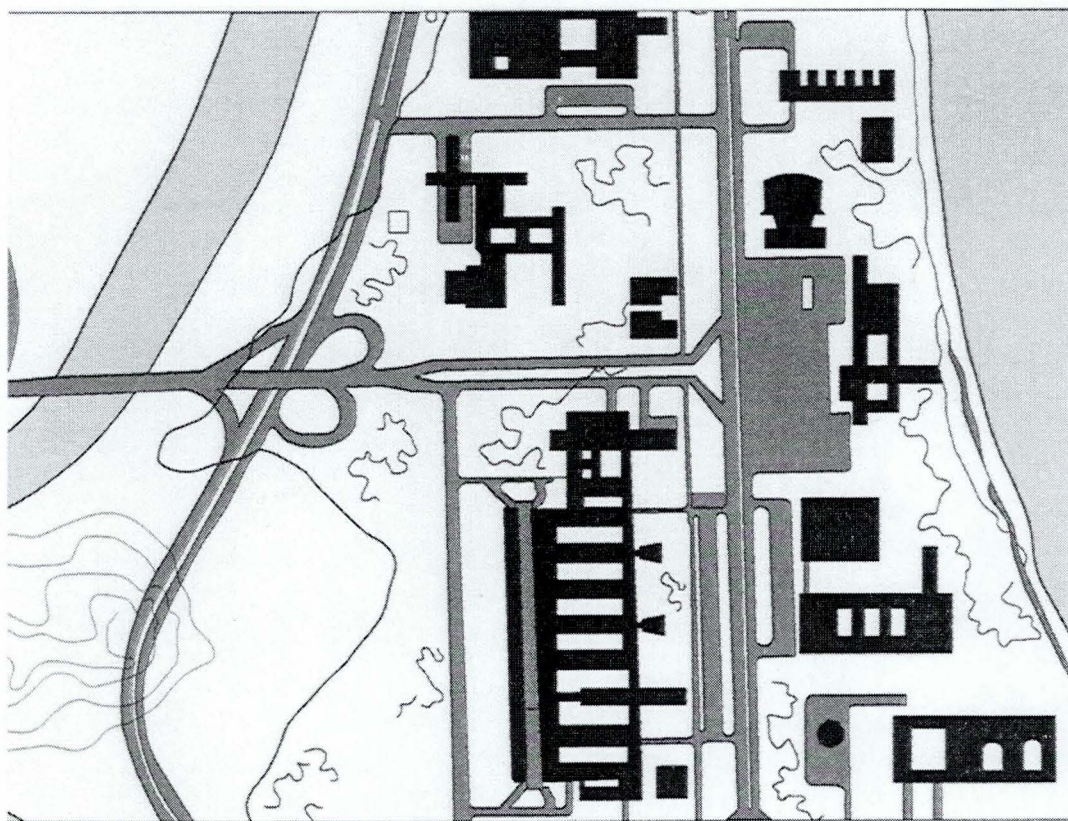
A versão 60 do plano da Ilha, talvez seja o momento em que o trabalho de Jorge Moreira atinge a maturidade. Passavam quase sete anos dos primeiros esboços de arquitetura, os quais evoluíram mesmo quando ainda eram poucas as informações.

A frontalidade das partes da composição, esboçada de 49 a 52, estava confirmada em 60, constituindo-se determinante na afirmação do sistema viário como elemento principal na ordenação do projeto urbano. Tratava-se de um sistema único e direto, entre a circulação e as partes servidas em lotes bem caracterizados, mantendo o zoneamento proposto em 52. Comentando a respeito da relação entre os edifícios e as vias no projeto de Lucio Costa para a Cidade Universitária na Quinta, ROGERIO destaca que, "Ao eixo principal corresponde um caminho, um canal que distribui a circulação de pedestre ao longo de toda a Cidade Universitária através de conexões com eixos secundários a ele perpendiculares, que correm entre as Faculdades". (OLIVEIRA, 1981, p.161)

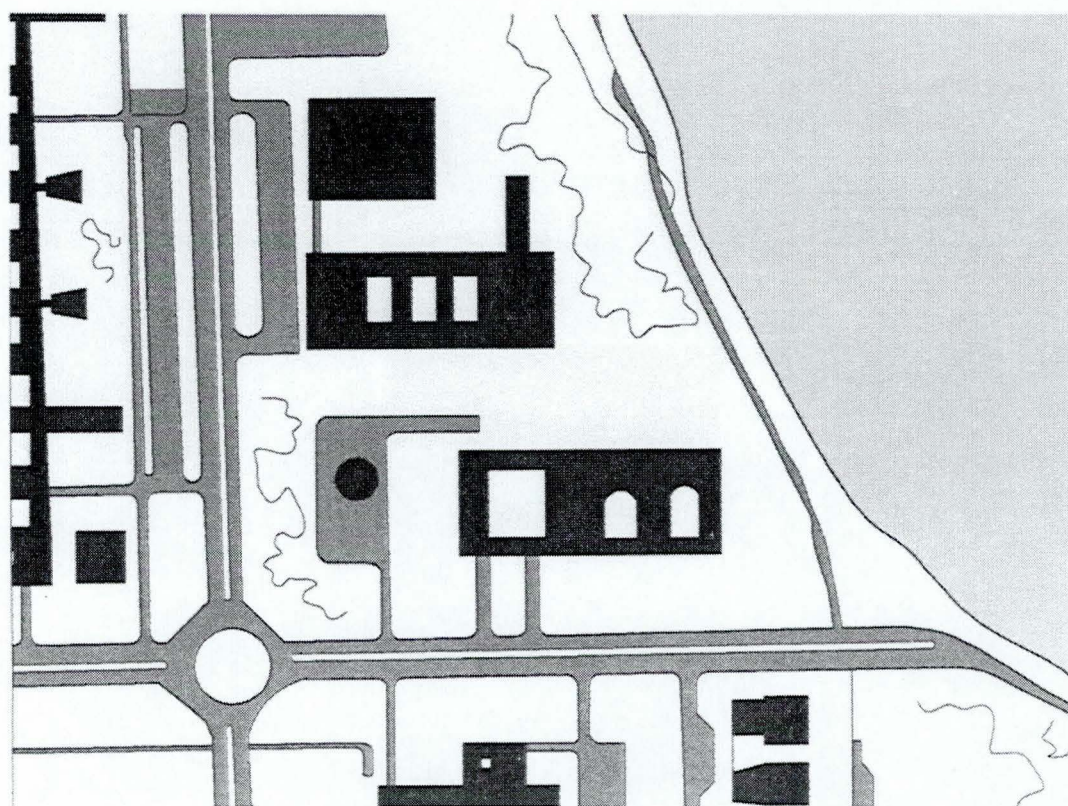
A partir desta variante, a regularidade não mais existe, e o seu desenvolvimento evidencia que também não são tão democráticas as conexões para pedestre, pois não se tratavam de eixos secundários entre as escolas que partiam de um eixo principal e sim de frentes para uma avenida central, em dimensões diferentes e de acordo com as necessidades de cada curso. Desta revisão, a estratégia que passa a reger as arquiteturas dos edifícios, e que começa a substituir a proposta inicial, é a de construções isoladas em meio de terreno, no lugar de construções repetidas compostas com os mesmos elementos.

Confirmado o sistema viário em traçado de via central, determinando rigorosas ortogonalidades, começam a se constituir e se impor novos elementos de arquitetura como os acessos, fachadas, jardins e os espaços abertos das partes edificadas. Os mesmos passam a ser valorizados, motivando novas alternativas e novos estudos tipológicos dos edifícios.





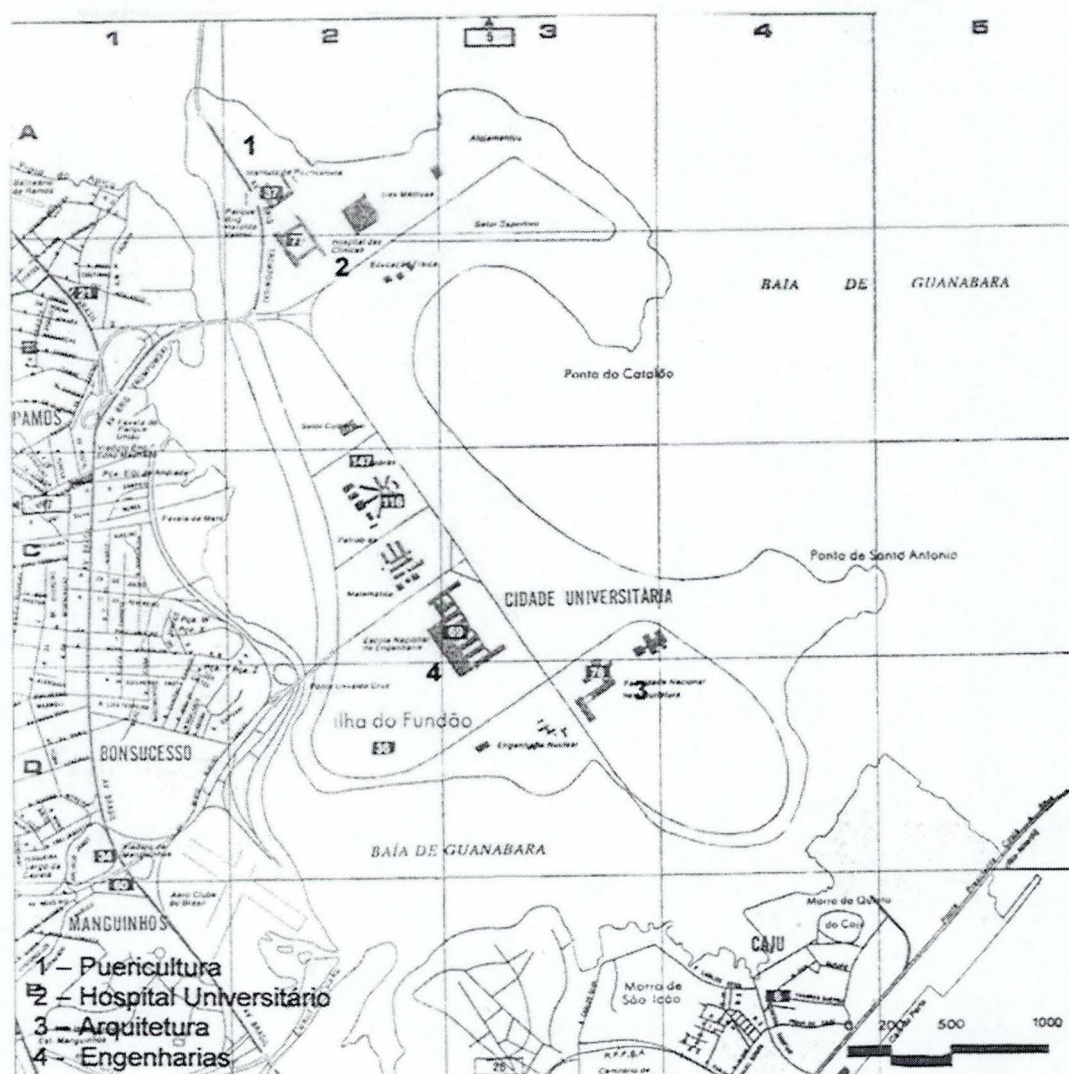
Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Eixo de Acesso  
Detalhe do Plano de 56/60



Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Volumetria e funcionalidade  
Detalhe do Plano de 56/60



#### 4.4.2.5 Os Quatro Primeiros da Ilha

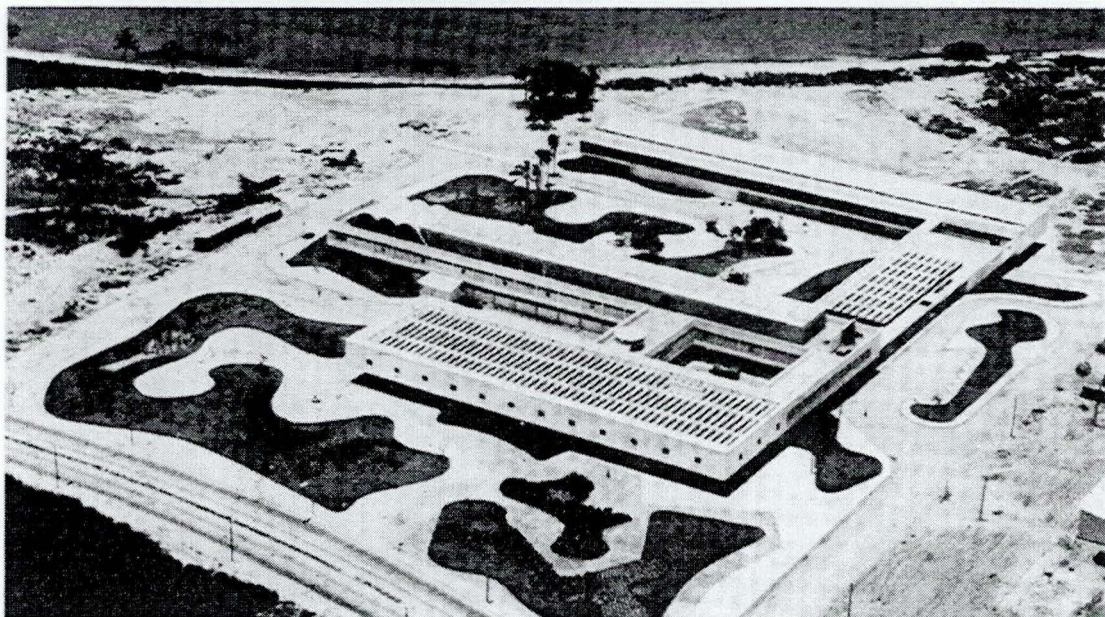


Ilha Universitária - Esquema viário geral<sup>31</sup>

O edifício que melhor caracterizou a qualidade da obra de Jorge Moreira foi o Instituto de Puericultura, primeiro a ser construído no conjunto da Cidade Universitária da Universidade do Brasil. Por esta obra, inicia a confirmação do plano em partes autônomas, uma forte característica da segunda versão. Uma variedade formal bastante expressiva, interpreta um programa com grande diversidade de componentes e recintos, composta pelo, Hospital, Ambulatório, Pupileira e Biotério. O edifício deixa evidente a influência das soluções de arquitetura da Ville Savoye, desde a sua implantação em centro de lote, soltando do solo, pelo pilotis, um volume fechado e parcialmente vazado por aberturas quadradas em regular disposição.

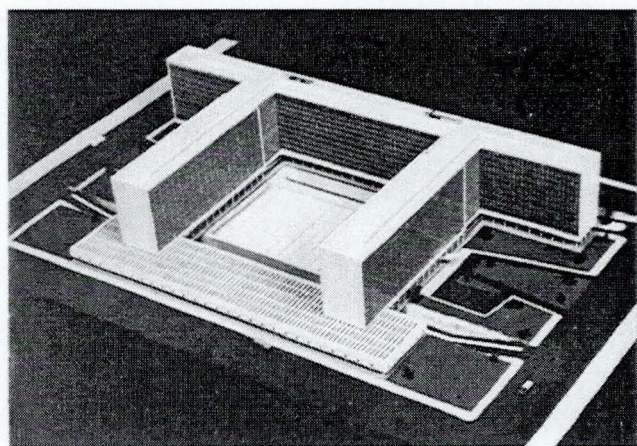
<sup>31</sup> XAVIER, 1991, p. 244.





Cidade Universitária na Ilha do fundão - Quarteirão do Instituto de Puericultura<sup>32</sup>

O projeto para o Hospital de Clínicas, atendendo a um programa para dois mil leitos, destinado também para o ensino e às práticas de todas as especialidades médicas, tinha amparo nas exigências de Jorge Machado Moreira na URGs em Porto Alegre. O conjunto é composto por uma grande base em dois pavimentos para os serviços e ambulatorios, retomando a idéia funcional do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, com fachadas reguladas como no Instituto de Puericultura. Uma outra porção verticalizada com onze pavimentos em planta "duplo T", revisa a proposta em "planta U" para o edifício do Ministério.

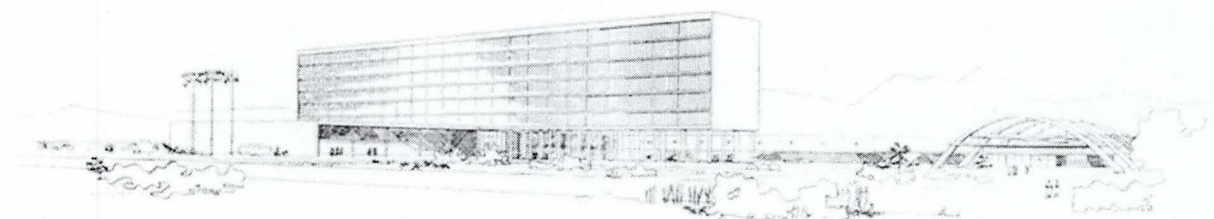


Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Maquete do Hospital de Clinicas<sup>33</sup>

<sup>32</sup> ETUB, 1953, p.24

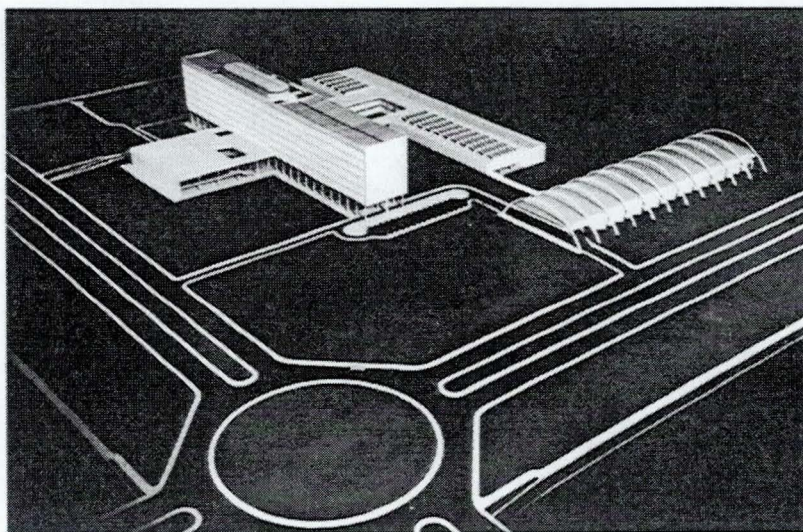


O edifício da Faculdade Nacional de Arquitetura – FNA, por sua representatividade e pioneirismo, foi a obra mais emblemática da produção de Moreira. Era o primeiro produto dentro da nova arquitetura que materializava “o abrigo do próprio ensino”, onde Moreira procurou chegar o mais próximo possível de seu projeto ideal, repetindo a solução de Corbusier para a sede do MESP, em homenagem ao mestre passadas duas décadas.



Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Croquis da FAU<sup>34</sup>

O ideal racionalista do autor que se manifestou desde as soluções urbanas mais gerais da Cidade Universitária, aparece na espacialização do contexto próximo ao edifício, por suas vias, espaços abertos e jardins, entra na FNA e através de uma adequada partição, resolve - com a mesma clareza e rigor - as suas necessidades funcionais.



Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Maquete da FAU<sup>35</sup>

<sup>33</sup> CZAJKOWSKI, 1999, p.147.

<sup>34</sup> ETUB, 1953, p. 25

<sup>35</sup> CZAJKOWSKI, 1999, p.148.





Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Fachada mural da FAU<sup>36</sup>

Os princípios de Corbusier estavam explícitos na obra de Jorge Moreira. Das quatro tipologias recomendadas, evidencia-se na obra da FNA a conjugação de duas, sendo a porção horizontal composta por espaços, abertos e fechados, a exemplo da Villa Savoye e do bloco compacto e bem definido da Villa Stein, presente na porção verticalizada da composição. As superfícies exibem toda a dimensão e caráter da fachada moderna, quando se mostram como peles que vedam, protegem e comunicam o espaço entre as porções internas e externas do edifício. São poucos os elementos encontrados que fogem às leis cartesianas, como a sutil curvatura da fachada mural e a permeabilidade, tanto horizontal como vertical, do hall principal em recorte sinuoso. São exceções que confirmam e realçam a regularidade do regramento espacial dominante na composição. O emblemático perfil do Pão de Açúcar, que muito impressionou Corbusier e que sempre esteve presente em seus esboços, é igualmente encontrado nesta obra de Moreira, colocando assim a arquitetura como elemento que realça a paisagem, pelo artifício de enquadrar o céu, a montanha e o mar, captando suas imagens através das janelas dos ateliês.

<sup>36</sup> Foto do autor, mar. 2003.



O conjunto da Escola Nacional de Engenharia, com programa para dois mil alunos, foi resolvido por um sistema de nove blocos separados por jardins e interligados por passarelas cobertas e abertas. As áreas correspondentes às diversas especialidades do curso estão distribuídas num subconjunto de seis pavilhões paralelos, com dois pavimentos, conectados por seus topos, no extremo frontal com o bloco da administração – resolvido em pilotis aberto e quatro pavimentos superiores – e no extremo oposto com o setor dos laboratórios pesados – em altura de três pavimentos.



Edifício da Escola de Engenharia da UNB – Vista aérea do conjunto<sup>37</sup>

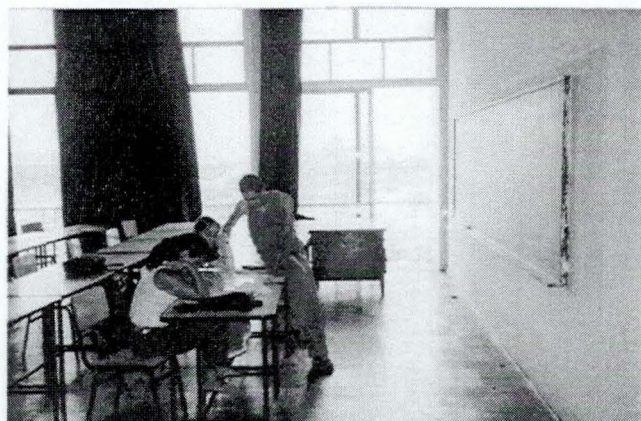


Edifício da Escola de Engenharia da UNB – Vista aérea do conjunto<sup>38</sup>

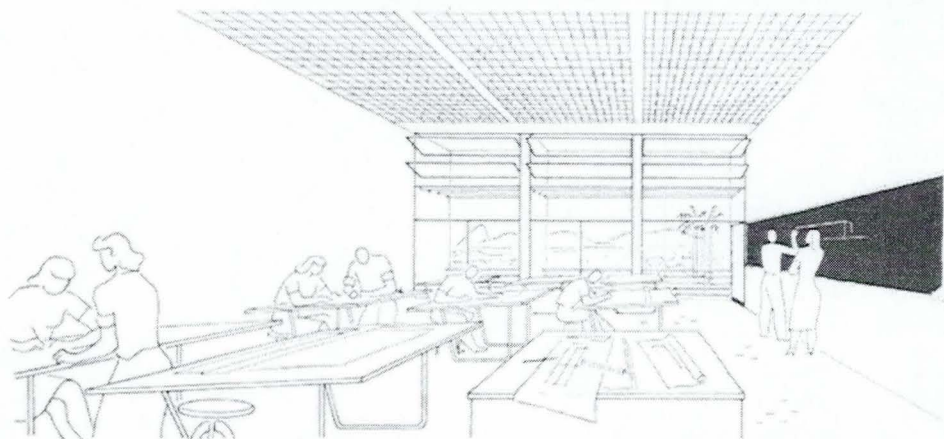
<sup>37</sup> CZAJKOWSKI.1999. p.144.

<sup>38</sup> Ibid., p. 144.





Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Foto Sala de Aula<sup>39</sup>



Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Croquis perspectivo interno<sup>40</sup>



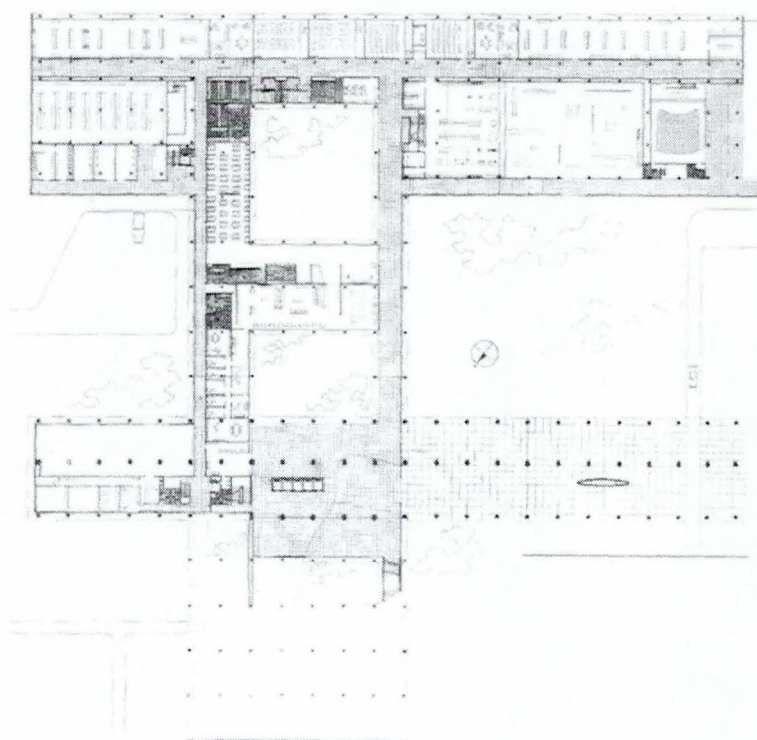
Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Foto da FAU<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Foto do autor, mar. 2003.

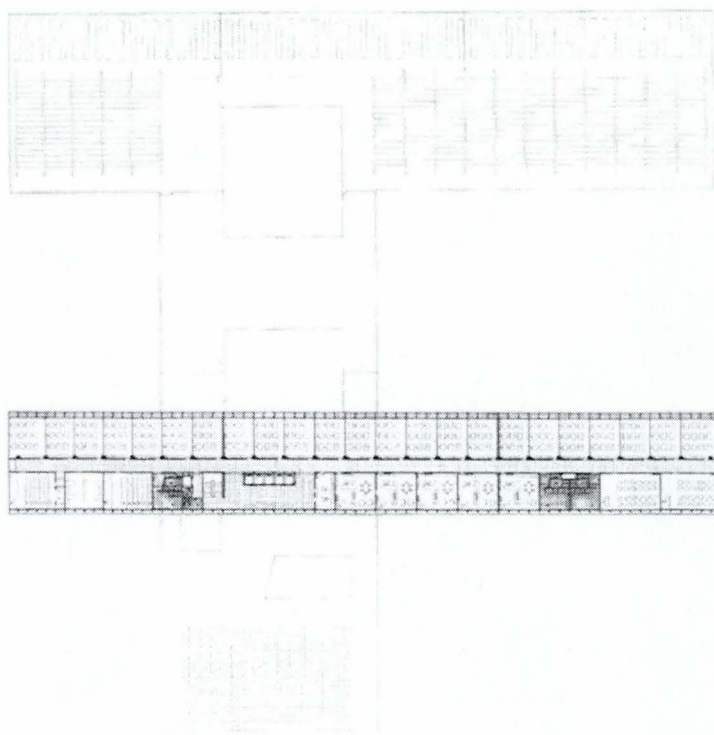
<sup>40</sup> CZAJKOWSKI, 1999, p.27

<sup>41</sup> CZAJKOWSKI, 1999, p.154





Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Planta Baixa Pavto Térreo da FAU<sup>42</sup>

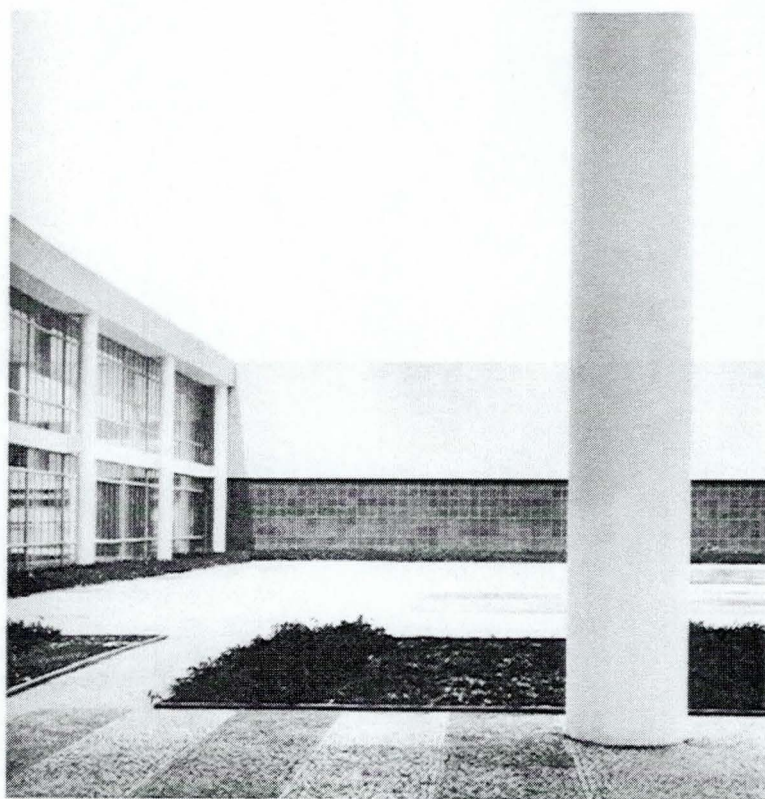


Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Planta Baixa Pavto tipo da FAU<sup>43</sup>

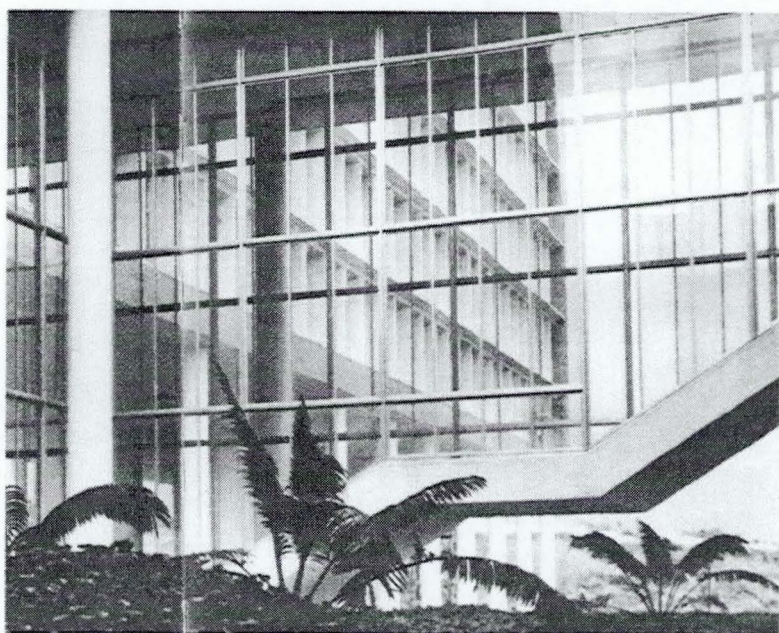
<sup>42</sup> Ibid., p. 152

<sup>43</sup> Ibid., p. 153.





Cidade Universitária na Ilha do Fundão  
Pátio interno da FAU<sup>44</sup>



Cidade Universitária na Ilha do Fundão Transparências da FAU<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Ibid., p. 155.

<sup>45</sup> Ibid., p. 157.



Se nas propostas anteriores de Lucio Costa e de Le Corbusier, as geometrias dos edifícios não conformavam os programas e não deixavam clara a leitura da função - porque os elementos de arquitetura eram padronizados e repetidos - no Fundão, a presença da unidade passa a ser destaque quando resolve seus programas em sede exclusiva.

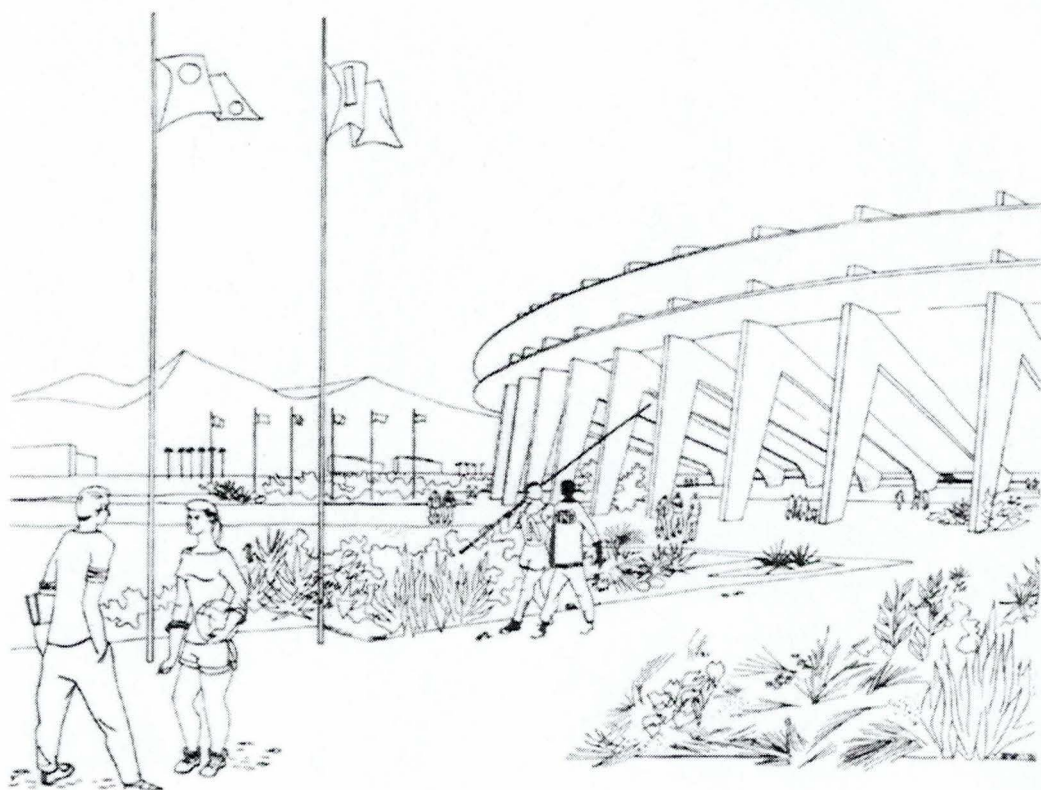
As edificações da Praça Maior no Centro Cívico, do Centro Esportivo e do Centro Residencial, são as excepcionalidades na composição. Na Praça Maior estão confirmados os edifícios da Biblioteca e da Reitoria, em volumes independentes e destacados em posição frontal ao eixo de acesso pela ponte Osvaldo Cruz, ladeados pelo Museu do Conhecimento e pela Aula Magna. Este mesmo conjunto estava presente na Praça da Reitoria do projeto de Piacentini para a Universidade na Quinta, que procurava enquadrar um espaço único com as elevações dos edifícios circundantes, conformando um dos acessos.

O Centro Esportivo e as Áreas Residenciais do plano da Cidade Universitária, dispostos ao longo das margens e delineados em direções diferentes do sistema predominante, assumem também o caráter e a função de espaços de contemplação e lazer à beira-mar.

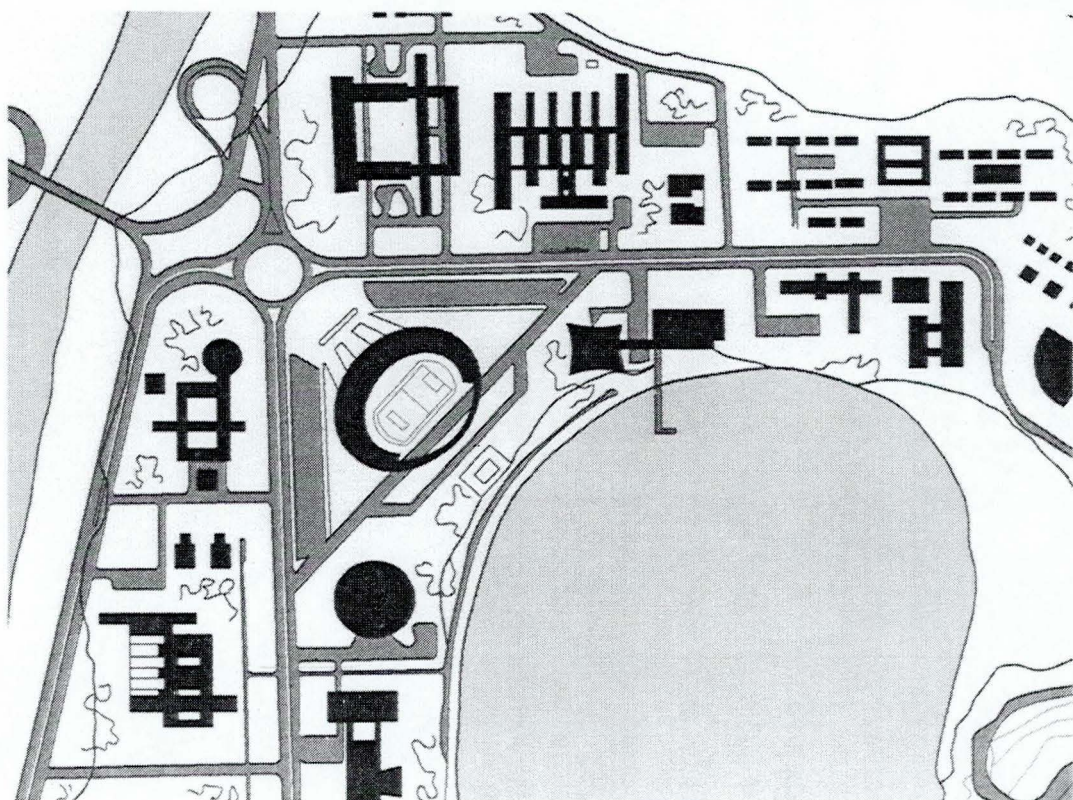
Desde o primeiro projeto, o Centro Esportivo tinha no estádio seu elemento principal, tanto pelo tratamento plástico diferenciado dos demais edifícios como por sua localização em coincidência com o eixo de acesso pela ponte da Avenida Trompowsky, com o continente e suas saídas pela Ilha do Governador. A excepcionalidade não se refere tão somente ao plano maior em direções diferenciadas, ela circunda e entra nos detalhes dos Centros quando propõe para o Estádio Universitário uma estrutura de conformação elíptica e vazada como convinha à paisagem da baía da Guanabara. Nesta versão o setor de Educação Física recebe mais área para a instalação de quadras esportivas abertas entre os setores Médico e Residencial.

Esta versão troca a paisagem frontal da Ilha do Governador por uma melhor orientação das unidades residenciais, sugerindo o mesmo privilégio paisagístico dos ateliês da FNA em relação ao sol, a montanha e ao mar.





Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Estádio – Perspectiva parcial<sup>46</sup>

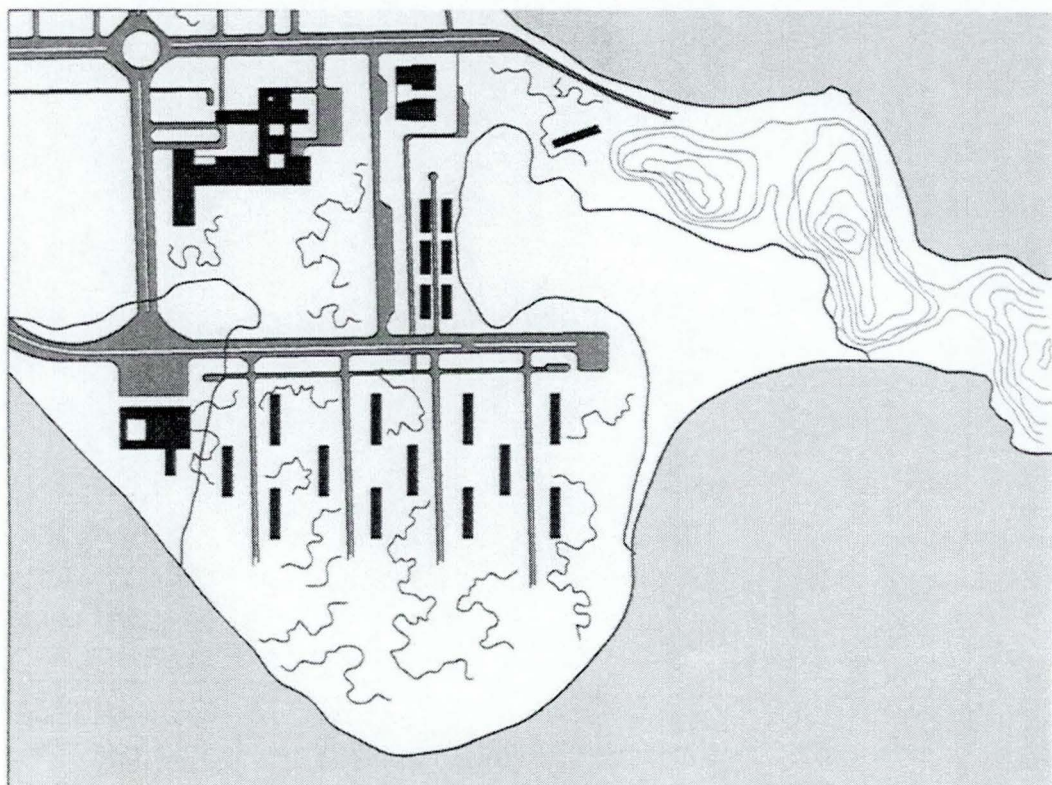


Cidade Universitária na Ilha do Fundão – Autonomia Funcional  
Detalhe do Plano de 56/60

<sup>46</sup> Ibid., p. 142.



No que se pode entender dos desenhos, no plano geral de 60, o setor residencial continuava sendo resolvido em edifícios de tipologias repetidas, agora em volumes de edifício-placa, todos situados em lote único, delimitado entre a avenida e a praia, numa composição que finaliza um dos eixos transversais da grande avenida longitudinal, no sentido Nordeste da Ilha.

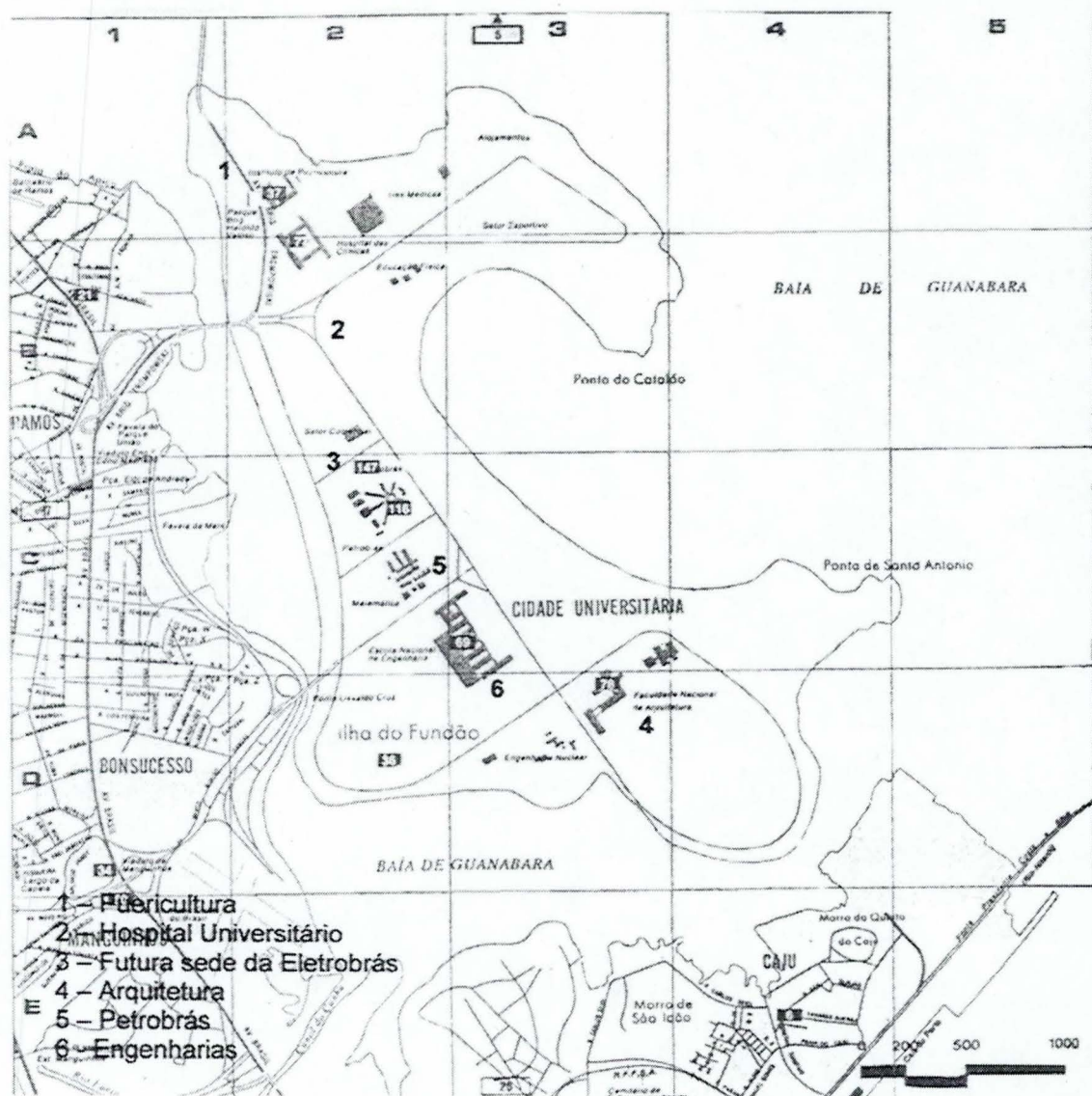


Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Área residencial  
Detalhe do Plano de 56/60

Conceitos distintos daqueles inicialmente propostos para a Cidade Universitária no Fundão, atinentes ao seu desenho urbano e suas futuras edificações, o plano de 60 consagra as construções no meio de grandes jardins, isolados dos demais por vias e acessos, confirmando definitivamente o lote como unidade. De certa maneira esta condição expressava, ainda na maioria dos casos no Fundão, a unidade universitária para as escolas, faculdades e institutos, em suas sedes e seus domínios, segundo o conceito federativo vigente. Ao contrário dos edifícios propostos no plano inicial, que tinha as únicas referências nos planos de Lucio Costa e Corbusier para o mesmo programa, onde a maioria dos espaços, independentemente dos diferentes cursos, mantinha as mesmas estruturas e características físicas.



Jorge Machado Moreira chefiou o projeto no ETUB até 1962. Devido a um acidente foi obrigado a interromper esta atividade, deixando concluídos o Instituto de Pediatria e Puericultura - IPP, o Centro de Tecnologia - CT, Hospital Universitário - HU, Faculdade Nacional de Arquitetura - FNA, a Gráfica e parte do Alojamento de Estudantes.



Cidade Universitária da Ilha do Fundão - 1ª etapa 1962<sup>47</sup>

Estava assim finalizada a primeira etapa e a atuação de Jorge Machado Moreira na chefia e autoria do projeto de implantação da Cidade Universitária da Universidade do Brasil.

<sup>47</sup> XAVIER, 1991, p. 244.



#### 4.4.2.6 A Repercussão da Reforma de 66

O início de um movimento espontâneo de reforma na Universidade Brasileira, coincide com o afastamento de Moreira. Após amplo inquérito entre os membros da Universidade e em vários setores da comunidade, o mesmo resultou em um primeiro documento, denominado "Diretrizes para a Reforma Universitária".

Em obediência à legislação reformista, que em 1966 se iniciava no âmbito federal, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, valendo-se dos estudos realizados a partir de 62, foi a primeira a apresentar um Plano de Reestruturação e um Estatuto, já adaptados às novas idéias, introduzindo as seguintes modificações na política educacional: extinção de Disciplinas; fortalecimento dos Departamentos como menor sub-unidade de execução do ensino e da pesquisa; definição das áreas e setores de conhecimentos; criação dos grandes Centros agrupando unidades escolares do caráter científico, filosófico, artístico, literário ou profissional; constante adequação dos cursos à demanda do mercado de trabalho e às exigências do desenvolvimento do país; currículos versáteis; regime de habilitação por disciplina; ensino e aprendizado constituindo processo único, realizado em comum por mestres e alunos, exigindo cooperação, harmonia e convivência prolongada, somente propiciada pelo regime de dedicação exclusiva; participação do corpo discente na pesquisa; desenvolvimento da pesquisa básica, filosófica e tecnológica; criação literária e artística; realização de exames vestibulares unificados; registro central de estudantes.

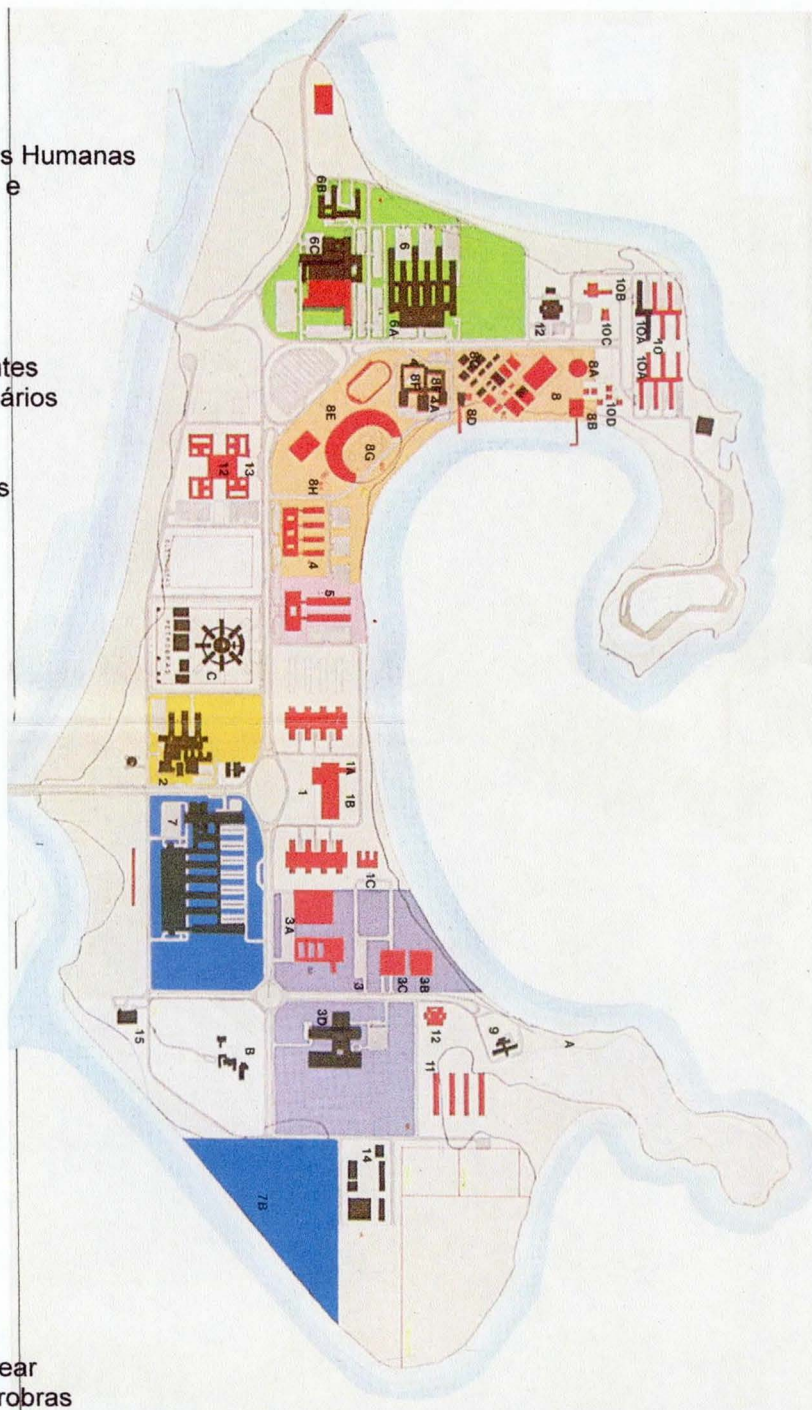
Os verdadeiros objetivos da reforma exigiam uma estrutura física adequada, representada por um "Campus" integrado, uma antiga aspiração da Universidade. Após a Revolução de 64, passaram para a Universidade os encargos de planejar, projetar, executar e fiscalizar as obras e serviços de implantação deste Campus. A partir desta data, o Plano Diretor da Cidade Universitária da Ilha do Fundão, foi totalmente reformulado, para se adequar ao espírito da Reforma e às metas educacionais do Governo. A ênfase passava a ser as áreas da ciência, tecnologia, saúde e da formação de novos professores. Estas novas diretrizes repercutiram diretamente nos dados de base do projeto, onde os 1.000.000,00 de m<sup>2</sup> de



construção estimados no primeiro plano do Fundão, depois de revisados, transformou-se em 750.000,00 m<sup>2</sup>.

#### 4.4.2.7 A Versão 70

- 1 – Reitoria
- 2 – Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza
- 3 – Centro de Letras
- 4 – Centro de Filosofia e Ciências Humanas
- 5 – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
- 6 – Centro de Ciências Médicas
- 7 – Centro de Tecnologia
- 8 – Conjunto Desportivo
- 9 – Casa do estudante
- 10 – Zona residencial de estudantes
- 11 – Zona residencial de funcionários
- 12 – Restaurantes
- 13 – Zona Comercial
- 14 – Zona de Serviços Industriais
- 15 – Serviço Gráfico



- A – Asilo dos Inválidos da Pátria
- B – Instituto de Engenharia Nuclear
- C – Centro de Pesquisas da Petrobras

Cidade Universitária na Ilha do Fundão - Plano de 72<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Centro de Estudantes Universitários de Arquitetura - UFRJ, 1972.



Uma exposição de motivos formulada em conjunto pelos Ministérios da Educação e Cultura, Planejamento e Coordenação Geral e da Fazenda, em janeiro de 70, estabeleceu o Plano de Obras Prioritárias na Universidade do Brasil para o triênio 70/72. Tinha como principal objetivo, atender a nova demanda das 3674 disciplinas dos 148 cursos, para os 173 departamentos das 41 unidades, com a construção de pelo menos 60% de sua área total programada. Esta oferta passou a ser atraente também para estudantes de outros países, o que lhe atribui o caráter de significado internacional.

Visando enriquecê-la com instituições científicas e culturais - pela complementação ou integração das próprias atividades da Universidade, mediante convênios de cessão de uso de áreas de terreno - foram localizados na Cidade Universitária, a partir do início dos anos 70, o Instituto de Engenharia Nuclear da Comissão Nacional de Energia Nuclear e os Centros de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobrás, Eletrobrás, da Cia. Vale do Rio Doce e da Cia. de Pesquisas de Recursos Minerais.

Acentuava-se na Universidade o interesse pela pesquisa e a sua conseqüente aproximação com algumas empresas. Também havia a necessidade da Cidade Universitária se tornar funcionalmente autônoma em relação à cidade do Rio de Janeiro, com a possibilidade de participação de alguns segmentos da iniciativa privada, como lojas, restaurantes e hotéis, idéia debatida desde os primeiros estudos. Ambas as situações, quase que simultâneas, repercutem diretamente no plano pela necessidade de estruturas físicas adequadas, motivando assim a primeira revisão de porte desde o seu programa original.

A vocação da Ilha para atender o programa originalmente proposto pode ser comprovada com os dados divulgados pelo Escritório Técnico, demonstrando que em três anos o número de matrículas duplicou na Cidade Universitária, passando de 3.769 em 69 para 7.706 em 72. Entretanto, o surgimento de novas necessidades no programa, alterou significativamente a sua composição urbana com reflexos no conceito de ambiente exclusivamente universitário



Como nas versões anteriores, a abordagem se situa nas arquiteturas dos edifícios e sua coerência com a composição urbana da Cidade Universitária, analisando a metamorfose do plano e de suas partes construídas, em relação ao novo programa. A versão do plano desenvolvida na década de 60, estabeleceu definitivamente o contorno da área edificável na Ilha em função da faixa das preamares, cujos dados já estavam à disposição do projeto desde os primeiros estudos. Mantida a estrutura básica com o traçado viário, alterou-se apenas alguns aspectos pontuais em sua composição. No extremo Sul da Ilha a novidade ficava por conta de uma área de exclusão com destino desconhecido e da inclusão de um núcleo residencial para funcionários junto à área da FNA, originalmente destinada ao Jardim Botânico da Universidade. No seu extremo Norte, o recuo das margens provocou uma revisão na disposição dos edifícios do Centro Residencial de Estudantes e Centro Esportivo.

Num estudo para esta versão - ou "Plano de Conjunto" como foi identificado na época e que supostamente tenha sido desenvolvido a partir do início da década de 60 - já faziam parte, o Centro de Pesquisas Tecnológicas em Petróleo e alguns estudos de localizações de equipamentos urbanos complementares como hotel, shopping, restaurante e clube náutico. O projeto idealizava assim o início de uma nova etapa de implantação do Campus.

#### 4.4.2.8 Os Edifícios em 70

A Reforma Universitária de 66 destacava a relação entre os cursos pela integração interdepartamental, o que reforçava o conceito de Campus como elemento físico unificador de todas as áreas do conhecimento. Os usos dos espaços comuns como as salas de aula teórica, anfiteatros e serviços, poderiam ser otimizados e, se dimensionados adequadamente, resultaria em uma significativa redução da área total construída. O que, em consequência repercutiria diretamente no plano e nos seus edifícios até então pensados de maneiras diferentes. Conceitualmente esta proposta se opunha à de Lucio Costa para a Quinta, onde o curso ainda era identificado pela unidade universitária e o projeto estabelecia para cada escola soluções de arquitetura adequadas ao atendimento das suas especificidades, caracterizado por conveniente isolamento e resguardo das



unidades, independência entre departamentos na mesma unidade, maleabilidade de planta, articulação direta entre departamento e aula, acessos independentes e pátios como espaços de ambiência do curso, de acolhimento e proteção.

A reforma enfatizava a relação interdepartamental e esta matriz era determinante para a constituição de uma estrutura física adequada. A unidade de medida passava a ser o departamento composto por gabinete para a chefia e espaços de secretaria e reuniões, que poderiam ser de uso comum.

Se o plano de Lucio deixava de ser padrão para Moreira, por causa da reforma as suas soluções arquitetônicas em volumes repetidos e padronizados poderiam continuar sendo. A desmontagem da unidade e a promoção do departamento, eram novos parâmetros no dimensionamento físico da Universidade. O repertório da Quinta poderia ter sido acionado.

Em todos os aspectos, a Reforma foi o fator de transformação física na Universidade Brasileira no final dos anos 60. Depois de revisado, o programa passou a ser composto por Centros, cada Centro composto por cursos que se relacionavam por afinidades de currículos e assim denominados; Centro Biomédico, Centro Esportivo, Centro Residencial de Estudantes, Centro de Ciências Jurídico, Sociais e Econômicas, Centro de Humanidades, Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, Centro Artístico – Musical e o Centro de Pesquisas Tecnológicas em Petróleo.

O caminho já tinha sido traçado anteriormente nas arquiteturas dos primeiros edifícios. Em todos os estudos de projeto para as futuras construções no Fundão, ainda sob a influência de Moreira, as tipologias sugeridas reviam os princípios da composição que tinham dado certo em 52. Afinal a arquitetura do edifício da FNA tinha recebido o primeiro prêmio na categoria de edifícios públicos, na Exposição Internacional de Arquitetura da IV Bienal Internacional do M.A.M. de São Paulo em 1957. O júri era composto pelos arquitetos Marcel Breuer, Philip Johnson, Kenzo Tange, Jakob Mauricio Rutchi, Mario Henrique Glycério Tôrres e Francisco Beck, e se manifestou em ata assim redigida, “Este trabalho atinge um nível de qualidade digno de um edifício público. Mais uma vez a disciplina na ordenação da fachada impressionou o Júri. O edifício em questão formará parte excelente do conjunto da



Cidade Universitária tal como esta planejada". (Cadernos de Estudos - FAU-UFRGS, n. 20, p. 01)

Na arquitetura destes novos centros, predominava a composição dos elementos horizontais e verticais em marcante contraste, sugerindo pela volumetria a identificação das funções, fluxos e características espaciais internas. Cada Centro era composto por subprogramas de cursos afins, distribuídos em espaços de atividades compartilhadas para as atividades do ensino prático, Área Administrativa, Auditórios, Museus e Biblioteca, fazendo a montagem das compactas porções horizontais em pavimento térreo e superior, vazadas para a luz em pátios internos. O bloco vertical resolvido em planta fita com circulação central, atenderia de um lado as salas teóricas, alguns laboratórios especializados e de outro, os gabinetes, salas de professores, secretarias e serviços.

Considerando os objetivos da Reforma, esta seria ainda uma solução no mínimo questionável. A resposta física construída em edificações isoladas não correspondia ao novo caráter universitário preconizado, principalmente na funcionalidade do Campus. O mesmo necessitava ainda de soluções arquitetônicas mais objetivas que possibilitassem a otimização no uso do espaço, como por exemplo, a centralização das salas de aula teórica comum por grupos de Centros, também a setorização de anfiteatros e dos serviços de apoio, em condições de uso comum. Na partição destes Centros, poderiam ter sido cometida uma repetição de recintos que, se compartilhados racionalmente entre os cursos, acarretariam em importante redução de áreas. Assim, cada Centro era um indivíduo, que na composição da Ilha se destacava no meio do quarteirão com jardins ao redor, como a autonomia anunciada por Corbusier no seu plano para a Universidade na Quinta da Boa Vista, sobre a qual Rogério se refere como, "[...] a cisão entre a organização e os elementos da cidade. A organização é transparente, o elemento é opaco. Cidade e edifício se separam, e com isto separam-se os próprios edifícios". (OLIVEIRA, 1981, p. 161)

Estava totalmente assumido o esquema compositivo de Corbusier, como comenta Conduru em Razões ao Cubo,



Na tipologia de volumes recomendada por Le Corbusier, Jorge Machado Moreira se concentrou no grupo de "composition cubique (prisme pur)". Alternando entre o tipo "très difficile (satisfaction de l'esprit)", ilustrado com a Villa Stein e o tipo "très génereux", demonstrado com a Villa Savoye. (CONDURU, 1999, p. 25)

Embora o que pode ser considerado como disfuncionalidades no planejamento geral da Cidade Universitária do Fundão, todas as suas versões de 52 a 70, buscaram também seus códigos nas obras consagradas para os programas similares de Madrid, México e Venezuela, confirmando a plena assimilação das regras internacionais da arquitetura moderna, à feição brasileira.

Posteriormente, a Cidade Universitária sofreu várias ocupações, desordenando o conceito de "Universidade em lugar e ambiente único", de ate então, com algumas soluções isoladas para programas avulsos, o que dá origem a um novo caráter da sua composição arquitetônica a partir de 72.

#### 4.5 DE 70 À ATUALIDADE

A última tentativa de ordenação urbana no Fundão, foi o estudo para o seu Plano Diretor em 72, propondo reduzir substancialmente a área comercial, na troca de uma melhor localização dos Centros de Ciências Jurídicas, Sociais e Econômicas e do Centro de Humanidades, antes distribuídos ao longo da margem interna paralela ao continente. Nesta área, ao longo da avenida central situam-se o Restaurante Universitário, uma sede da Eletrobrás, o entorno da Arquitetura, que em 66 foi considerado como área de exclusão e agora se destinava aos Institutos de Energia Nuclear e de Engenharia Naval. Em 70 margem interna da península da Ilha de Bom Jesus, no extremo Sudeste da Ilha, estava prometida para o Asilo dos Inválidos da Pátria.

Já estavam concluídos, o Centro de Ciências Médicas, o Centro de Tecnologia, a Faculdade de Arquitetura do Centro de Letras e Artes, o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, parte do Centro Olímpico e do Alojamento de Estudantes, a Zona de Serviços Industriais e o agregado Centro de Pesquisas da Petrobras. O material disponível sobre os projetos dos agregados, restringe-se a uma planta geral, onde se procura identificar aspectos nas arquiteturas dos seus



edifícios mais recentes, como localização e orientação, em convivência com uma pré-existência de duas décadas atrás. Permaneciam, a estrutura urbana original e a arquitetura dos edifícios propostos anteriormente para a área acadêmica e a consideração de que nada impedia o convívio dos novos programas de caráter empresarial com os demais do conjunto.

Fazia parte do relatório de atividades, do período de - 1977 a 1981 - da Universidade Federal do Rio de Janeiro, um questionamento ao usuário sobre a desproporcional relação entre os edifícios e o espaço aberto, que passou a ser determinante no comportamento coletivo das 23.000 pessoas na Ilha. Em 84 era consenso que, na Ilha tudo funcionava de forma estanque devido às distâncias entre os prédios e, os que nela trabalhavam e estudavam sentiam-se isolados uns dos outros. No mesmo ano, o Sub-Reitor de Desenvolvimento, Prof. José Geraldo da Cunha Camargo, criava novas expectativas através do Plano de Desenvolvimento Universitário para o triênio 83 / 85, dando oportunidade para toda a comunidade universitária opinar, formando um inventário de sugestões e prioridades, desdobrado posteriormente em planos de ações anuais. O Prof. José Geraldo defendia a "Humanização do Campus", porque entendia que, tanto os edifícios construídos como os somente projetados, se dispunham ainda de modo bastante esparsos, desde o antigo plano, comprometendo cada vez mais a necessária integração entre a comunidade acadêmica.

Algumas soluções foram tentadas, como a implantação de um Centro de Vivência, ligado às áreas de lazer com infraestrutura de comércio, programado e dimensionado conforme os anseios do inventário. Este Centro seria executado sem ônus para a Universidade com a participação de grupos empresariais em licitações abertas para a finalidade.

Outro projeto sem dispêndio foi o Centro Olímpico - resultado de algumas orientações e estudos do Comitê Olímpico Brasileiro - COB -, instalando um centro de treinamento esportivo no Rio, com o objetivo de melhor capacitar o atleta olímpico no País. O projeto envolveria as instalações já existentes da Escola de Educação Física, do Hospital Universitário e do Instituto de Nutrição no Centro Médico.



Um terceiro empreendimento denominado de “Projeto Catalão” ligado ao Centro de Pesquisa Interdisciplinar, e que chegou a ter suas obras iniciadas em 83, tinha a proposta de transformar as três toneladas de lixo do Campus em adubo vegetal através de um Biodigestor.

As novas edificações preencheriam os vazios entre as existentes e, em decorrência, serviriam para aglutinar as pessoas. Com soluções pontuais, este procedimento somente iria amenizar os efeitos da imponente dispersão no Campus, não se constituindo em suficientes instrumentos para uma legítima e necessária revisão, num conjunto urbano com a importância e o porte do Fundão. Dos três empreendimentos o Centro Olímpico foi parcialmente implantado.

A Ilha da atualidade é uma paródia em que a legítima arquitetura restringe-se aos seus primeiros edifícios, construídos num meio onde o que veio depois, parece esgotar-se em tentativas isoladas. Permanece a mesma estrutura urbana em única via longitudinal com as transversais nos seus extremos, agora totalmente descaracterizados dos traços originais de projeto, com edificações que parecem avulsas e resolvidas “a cada um por si”. O tempo gasto na constante preocupação com a escala demasiada, pode ter faltado para as devidas revisões do plano em suas versões.

Numa comparação direta entre a última versão do plano em 1972 e o atual - aqui datado de 2002 - ou seja, 30 anos após - tem-se a certeza de que a “arquitetura”, depois de Moreira, nunca mais foi ouvida na Ilha. Este não é um questionamento aos profissionais do Escritório Técnico da UFRJ, mas às mesmas omissões administrativas que, por um período, também ocorreram na UFRGS, principalmente após a implantação da primeira etapa do Campus do Vale no fim dos anos 80, pela indefinição de uma política de gerenciamento do espaço físico universitário.

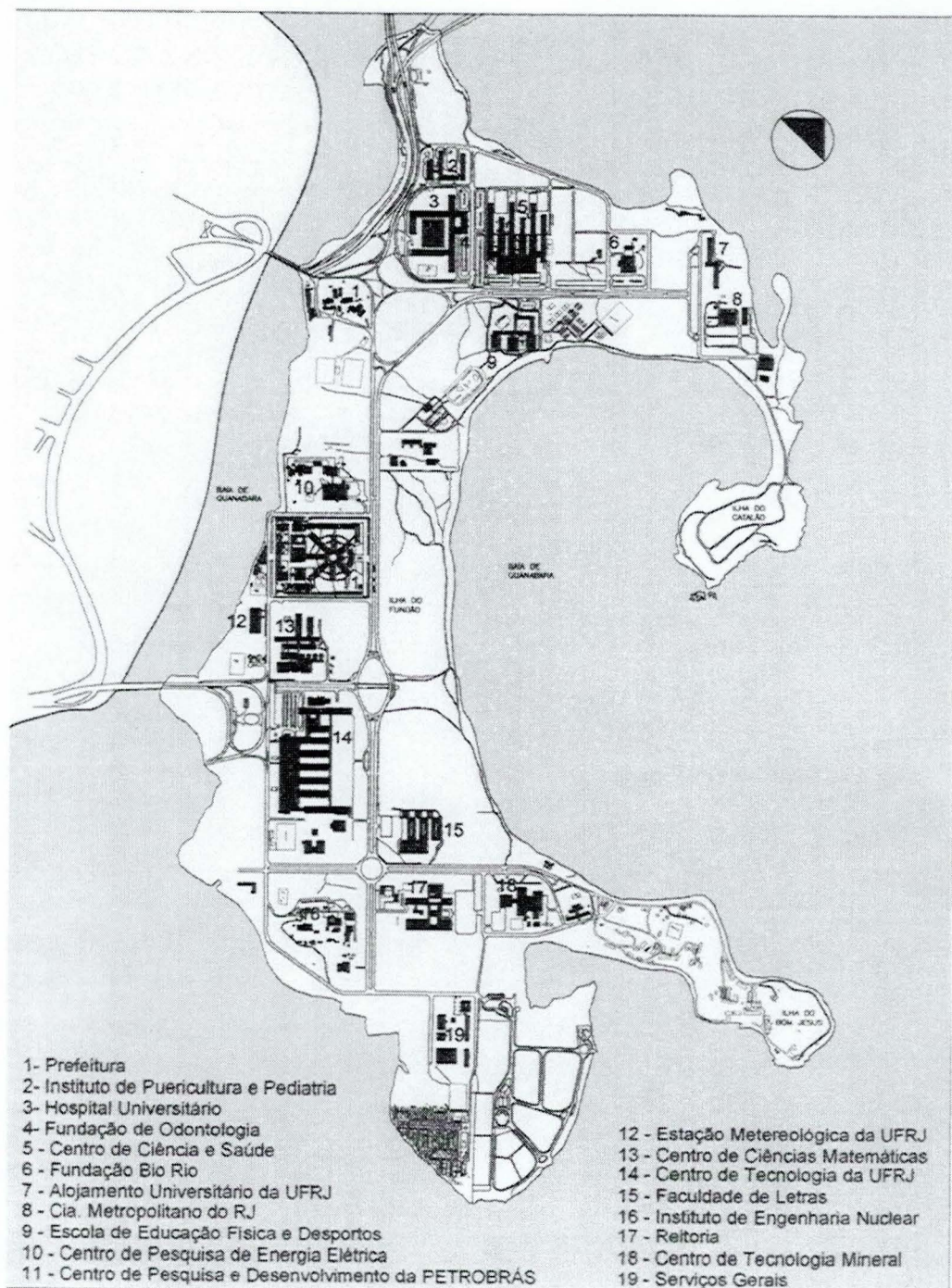
O programa original foi alterado e, gradativamente estava se desconfigurando a Ilha acadêmica com os seus edifícios universitários isolados nos centro das partes. O que antes, em 72, estava destinado ao Instituto de Engenharia Naval junto às margens Sudeste da Ilha, hoje é um loteamento popular; toda a península da antiga







Diante de uma diversidade funcional tão intensa, a transfiguração era inevitável. A coerência entre os novos projetos e os valores arquitetônicos já adquiridos na Ilha, sempre defendida nas três versões anteriores, num quarto momento não foi mais priorizada.



Cidade Universitária na Ilha do Fundão – plano de 70 a atualidade<sup>50</sup>

ÚLTIMO

<sup>50</sup> Arquivo do Escritório Técnico da Universidade – Divisão de Projetos - UFRJ



## 5 A NOVA PRECEDÊNCIA

Desde os primeiros estudos para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão, já estava disponível um acervo de obras similares de histórias diferentes, na Europa e nos vizinhos latinos. Algumas confirmavam a forte relação com a sociedade na construção de um novo patrimônio nacional, como no caso de Caracas, que inaugurou a fase latino-americana das Cidades Universitárias, em 44, com Villanueva reforçando valores urbanos tradicionais como a praça, a rua e o pátio, diretamente relacionados com o clima, vegetação, luz e cor. Outras, representantes dos ideais e das aspirações de uma sociedade, como no México, onde o Campus seria o lugar de criação do novo mexicano. No projeto para o Campus de Madrid, a geração de 25 insinuava o início da renovação arquitetônica na Europa. Estes projetos não ficaram no papel, são obras que confirmaram seus conceitos.

A fase brasileira mais recente do projeto da Cidade Universitária parece ter esquecido a importância da base conceitual, partiu logo para o plano urbano e seus edifícios. Donato Mello Jr. colega e colaborador de Jorge Moreira, alternando suas atividades entre a docência e o trabalho prático de projeto no ETUB, em algumas reflexões teóricas a respeito, salientava a sugestão de Capanema "...primeiro se devia conceituar a universidade e, em seguida, projetar a sua construção". Donato concluiu, entendendo a Universidade como uma instituição de corpo "Campus", um espaço com certo isolamento e resguardo para suas elevadas finalidades, manutenção e cultivo do seu espírito "Universitas". A tarefa de resolver o plano para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão tinha prazo político. Com isso, a pressa queimou etapas do processo de projeto, provavelmente dispersando a busca pela consistência conceitual pretendida pelo Ministro.

Um mostruário muito rico de elementos de arquitetura estava à disposição de Moreira nos planos para a Universidade na Quinta da Boa Vista. Elaborados em bases concretas e consistentes conceitos, foram experiências que interessaram



como fonte de dados na ordenação e no ajuste do programa para a Universidade na Ilha. Por Corbusier, se revelava a valorização dos componentes naturais da paisagem como um artifício de preservação conceitual do elemento urbano autônomo. Autônomos também eram seus edifícios. Lucio estimulava o significado e a importância da percepção na obra, por meio de eixos visuais e reais, explorando os percursos como lugares com paisagens criadas, estimulando o passante a sensações diversas. A monumentalidade, característica da obra moderna, foi explorada por Piacentini & Morpurgo, propondo uma reciprocidade de encontros entre vias e edifícios, destes com as praças e das praças com as vias, privilegiando visuais para os conjuntos dos núcleos universitários.

Esta era a maior obra brasileira que até aquela data tinha saído da prancheta de um arquiteto defensor e praticante da nova arquitetura, podendo se constituir em marco, num dos notáveis momentos da AMB, que, segundo Comas, era a fase transitória entre a sua hegemonia e sua mutação. Como condição especial, a exemplo da maioria da produção moderna brasileira, a nova obra no Fundão tinha a oportunidade de participar do elenco de obras emblemáticas de histórico compromisso com o ensino. Esta conexão é assim comentada por Ruth,

[...] A arquitetura moderna sempre se caracterizou sua intenção "exemplar" pelo didatismo; os grandes mestres pioneiros foram, além de arquitetos, professores e divulgadores das novas concepções. Dessa maneira, cada obra dos pioneiros da modernidade tendia a não se bastar, mas igualmente visava reforçar uma atitude de explicitação clara dos novos valores, chegando às vezes ao panfletarismo. (ZEIN, 2001, p. 37)

Pode ser difícil estabelecer em que grau o projeto do primeiro Campus moderno brasileiro assimilou os dados disponíveis acima descritos, mas é certo que a indefinição - quando não conseguiu sustentar o conceito de edifícios padronizados em parque contínuo do primeiro plano, solução muitas vezes ideal à obra pública - deu origem formulada em edifício isolado no centro de lote, que no caso do Fundão, o tamanho da Ilha e sua solução urbana ainda não permitiu unir.

O projeto da Ilha do Fundão, é significativo como marco que inaugurou a espacialização de um programa relativo ao lugar da academia, seus recintos e pré-requisitos, dentro dos conceitos modernos da arquitetura e do urbanismo no Brasil.



Por onde se passaram experiências, cujos resultados, favoráveis ou não, foram fundamentais para o planejamento e implantação de algumas soluções urbanas nas décadas de 60 e 70. O plano para a UFRGS no Vale da Agronomia que, dentro de uma outra realidade econômica e política no País, buscou o caminho da racionalidade do espaço e da construção, foi resolvido por uma arquitetura simplificada entre recintos padronizados e elementos pré-moldados. Mas o fato de maior significado esteve por conta de Lucio Costa anteriormente, quando - em entrevista a Matheus Gorovitz (2003) - critica com veemência o projeto no Fundão, destacando a sua descontrolada escala, mas provavelmente assimilando como alerta para o seu controle em Brasília.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cadernos de Estudos - Centro de Estudantes Universitários de Arquitetura.  
**A CIDADE Universitária.** Rio de Janeiro: - UFRGS, 1963.

ARANGO, Silvia. **Historia de um itinerário.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia / UNIBIBLOS, 2002.

ARREDONDO, Celia Ester. **El caso de la Ciudad Universitaria.** Madrid: Ediciones G.Gili, 1998.

BARBOSA, Luiz Hildebrando de B. Horta. **A Cidade Universitária – Sua localização e seus meios de transportes.** Revista do Clube de Engenharia, Rio de Janeiro, n. 200, 1953.

BARBOSA, Luiz Hildebrando de Horta. Cidade Universitária Brasileira. **Habitat**, São Paulo, n. 15, 1954.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

BULLRICH, Francisco. **Arquitectura Latinoamericana 1930 – 1970.** México: Sudamericana, 1969.

BURIAN, Edward R. **Modernidad y Arquitectura en México.** México: Ediciones G.Gili AS, 1998.

ETUB. **CIDADE Universitária da Universidade do Brasil.** Escritório Técnico da Universidade do Brasil - Rio de Janeiro: 1953.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Crítica com critério.** Projeto, São Paulo, n. 181, 1994.

\_\_\_\_\_. **Precisões Brasileiras – Sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos.** Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade de Paris VIII – Vincennes – Saint Denis, Paris, 2002.

COSTA, Lucio. **Cidade Universitária do Rio de Janeiro – Anteprojeto.** Revista PDF, Rio de Janeiro, n. 3, 1937.

\_\_\_\_\_. **Registro de uma Vivência.** São Paulo: Empresa de Artes, 1995.



CZAJKOWSKI, Jorge. **Catalogo de Jorge Machado Moreira - Exposição de março / maio de 1999**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

GOROVITZ, Matheus. **Entrevista com Lucio Costa**. *JornAu*, Brasília, DF, v. 1, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os Riscos do Projeto - Contribuição à análise do juízo estético na arquitetura**. Brasília, DF: UNB, 1993.

HARRIS, Elizabeth Davis. **Le Corbusier - Riscos Brasileiros**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Sousa e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Nobel, 1987.

LE CORBUSIER E J. P. JEANNERET. **Cidade Universitária do Rio de Janeiro**. *Revista PDF*, Rio de Janeiro, jul. 1937.

MELLO JR., Donato. **Um Campus Universitário para a Cidade do Rio de Janeiro**. *Arquitetura Revista FAU-UFRJ*, Rio de Janeiro, maio 1956.

MORAES, Paulo Jardim. **Por uma Nova Arquitetura no Brasil - Jorge Machado Moreira (1904-1992)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

OLIVEIRA, Rogério de Castro. **Arquitexto 2 – As modernidades eletivas de Le Corbusier e Lucio Costa**, 1936. Rio de Janeiro: 1981.

PATAO, Sofia Dieguez. **La Generación del 25 – Primera Arquitectura moderna em Madrid**. Madrid: Cátedra, 1997.

SÁ, Paulo. **Estudos de Conforto para a Cidade Universitária, em construção no Rio de Janeiro**. *Revista do Clube de Engenharia*,

SÁ, Paulo. **Planejamento da Cidade Universitária da Universidade do Brasil**. *Revista do Clube de Engenharia*, Rio de Janeiro, n. 175, 1951.

TOGNON, Marcos. **Arquitetura Italiana no Brasil - A obra de Marcello Piacentini**. São Paulo: UNICAMP, 1999.

URRUTIA, Angel. **Arquitectura Española del Siglo XX**. Madrid: Cátedra, 1997.

VILLANUEVA, Paulina; PINTÓ, Macia. **Maestros Latinoamericanos de la Arquitectura – A obra de Carlos Villanueva**. Caracas: Alfadil, 2000.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Rioarte, 1991.

ZEIN, Ruth Verde. **O lugar da Crítica – Ensaios oportunos de arquitetura**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.